

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS CENTRAL – UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS  
SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS – NELSON DE ABREU JÚNIOR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO,  
LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL

**QUANDO A MORTE ALCANÇA A ESCOLA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE  
ATRAVSSAMENTOS SOBRE MORTE E LUTO NO AMBIENTE ESCOLAR**

ANÁPOLIS-GO

2025

THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL

**QUANDO A MORTE ALCANÇA A ESCOLA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS  
DE ATRAVESSAMENTOS SOBRE MORTE E LUTO NO AMBIENTE  
ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias.

**Área de concentração:** Processos Educativos, Linguagem e Tecnologia.

**Linha de Pesquisa:** Educação, Escola e Tecnologias.

**Orientador:** Prof. Dr. Raimundo Márcio Mota de Castro.

ANÁPOLIS-GO

2025



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, **CsA n.1087/2019** sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

### Dados do autor (a)

Nome Completo: Thalita Fernanda Moreira Cardoso Amaral

E-mail: thalitafeernandamoreira@gmail.com

### Dados do trabalho

Título: Quando a morte alcança a escola: vivências e experiências de atravessamentos sobre morte e luto no ambiente escolar

(x) Dissertação

Curso/Programa: Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT)

Concorda com a liberação documento?

SIM

NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa

Anápolis, 20/02/2025

Local Data

Documento assinado digitalmente



THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMAR

Data: 20/02/2025 08:02:26-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do autor / autora



Documento assinado digitalmente

RAIMUNDO MARCIO MOTA DE CASTRO

Data: 20/02/2025 08:28:17-0300

verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do orientador / orientadora

Ficha catalográfica

A485q

Amaral, Thalita Fernanda Moreira Cardoso.

Quando a morte alcança a escola [manuscrito]: vivências e experiências de atravessamentos sobre morte e luto no ambiente escolar / Thalita Fernanda Moreira Cardoso Amaral . - Anápolis, GO. 2025.

150f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Márcio Mota de Castro.

Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas – Nelson de Abreu Júnior, Anápolis, 2025.

Inclui bibliografia.

1.Educação – Vivências de morte e luto. 2. Escola - Ambiente - Experiências de morte e luto. 3. Morte e luto –Narrativas - Atores escolares.  
4.Dissertações – PPGIELT - UEG/UnuCSEH. I.Castro, Raimundo Márcio Mota de. II.Título.

CDU 371.8:393.7

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus  
Bibliotecária/UEG/UnuCSEH  
CRB-1/2385

## AGRADECIMENTOS

Significativo e um tanto quanto curioso os agradecimentos comparecerem nesta ordem: logo no início do estudo, mas estes por vezes serem elaborados somente ao final da pesquisa, ali quando acreditamos que finalizamos uma parte do que construímos. Nesse lapso temporal entre o início o percurso/processo e os fechamentos, penso eu, que várias vivências e experiências vão sendo transformadas em agradecimentos, vejo esse movimento como algo bonito na vida, porém, ao mesmo tempo acredito ser difícil agradecer a infinidade de laços, entrelaçamentos e acontecimentos que foram experienciados ao longo de dois anos de mestrado, contudo, arriscarei em fazê-lo, sabendo que corro o risco de não transparecer todas as vivências e experiências durante esse período não só cronológico do mestrado, mas, também o período psicológico.

Reconheço que nada seria possível sem a permissão de Deus. Pela saúde, pela coragem, pela força e a determinação, eu agradeço, pois tudo isso vem dELE. Ele escutou o meu clamor, a minha súplica que consistia em dar continuidade naquilo que eu acreditava. Acredito fielmente que ele esteve comigo em todo o percurso, me direcionando, me guardando nas idas e vindas até a universidade, sussurrando em meu ouvido sempre, que eu era capaz, que eu sou capaz. A ele toda honra e toda glória.

Aos meus pais, Adão Cardoso e Marta Moreira Gonçalves Cardoso, minha eterna gratidão por acreditarem que a educação nos possibilita alcançar lugares inimagináveis, potentes, únicos. Por confiarem que a experiência que a gente tece com o conhecimento nos faz crescer e amadurecer. Obrigada por sempre falarem incansavelmente que a educação é capaz de mudar a realidade das pessoas. Gratidão a vocês por em muitos momentos me emprestarem as construções de vocês sobre mim para que eu tivesse mais coragem, e acreditasse em mim mesma. Sempre me recordo com muito amor e carinho de suas renúncias em prol de realizar os meus sonhos, deixando muita das vezes de lado os próprios. Gratidão infindável.

Agradeço aos meus irmãos, Kálita Cristina e Eliezer Bruno que foram fontes potentes de entusiasmo, energia e respiros. Nossas conversas e travessuras me possibilitaram lugares de paz, e revigoramento. Nossos encontros durante esses dois anos me possibilitaram grandes reflexões sobre a vida. Gratidão a minha cunhada, Jessyka e aos meus sobrinhos, Valentina, Paulo Gabriel e Emanuel, que trouxeram leveza e muitos momentos de gargalhada durante esse processo desafiador.

Ao meu marido, que vibrou comigo desde as fases iniciais do processo seletivo para o mestrado, que se emocionou junto comigo, que ficou tenso esperando os resultados saírem e ao mesmo tempo tentava me acalmar. Obrigada por ter cuidado das minhas dores nos pés, do meu cansaço, até mesmo da minha hidratação e alimentação no dia a dia que se apresentava tão corrido e extenso. Obrigada por demonstrar tanto amor através do seu cuidado que é único. Obrigada por não se ausentar em nenhum momento.

Aos meus sogros que durante esse período sempre se preocuparam e perguntavam como eu estava, como estava o processo do mestrado. Por em muitos momentos me proporcionarem descanso e respiros, por me buscarem na universidade e se preocuparem com coisas básicas e essenciais, como alimentação e hidratação. Obrigada por todo o cuidado.

Gratidão imensa ao meu orientador, professor Dr. Raimundo Márcio. Quando o vi pela primeira vez na universidade desejei estar mais perto dele, pelo jeito alegre de ser, pela forma que enxergava a vida, por ter uma potência dentro de si extraordinária. Quando então pudemos caminhar juntos, tudo isso compareceu. Obrigada pela sua leveza interna e externa, pela sua ética desde o início, pelo seu acolhimento, seu olhar tão atento e cuidadoso. Gratidão aos seus ensinamentos únicos e singulares ao decorrer de todos os nossos encontros, na universalidade, pelo WhatsApp, pela vida. Levarei comigo todos os seus ensinamentos e inclusive o barulho da sua risada.

Agradeço ao professor, Dr. Rodrigo Anes que desde o Semipe I estive presente lendo, relendo minha pesquisa e dizendo: Thalita, compareça mais aqui, quero te ver mais no seu texto. Essa singularidade na fala de Rodrigo me fez desconstruir toda a concepção enrijecida que eu tinha sobre neutralidade e ciência. Gratidão a você, Rodrigo, que com seu olhar tão cuidadoso, tão amoroso trouxe tamanha significância não só para o trabalho aqui presente, mas para o meu próprio amadurecimento. Obrigada por tamanha dedicação com essa pesquisa, tem muito de você aqui também.

A professora, Dra. Sandra Elaine quero agradecer. Sandra chegou quase no final, quase perdendo a melhor parte (brincadeira). Gratidão ao seu olhar tão direcionado e pautado em aspectos tão singulares. Seu olhar fez com que o meu notasse questões ainda não percebidas, você trouxe para o meu campo perceptivo questões potentes para reflexão. Agradeço imensamente as suas colocações fantásticas de uma inteligência admirável, pelo carisma único e por me emprestar um pouquinho do seu olhar crítico às questões que estão postas, mas nem tão postas assim.

Ao PPG- IELT, minha gratidão. Desde o início me acolhendo, mesmo não tendo vinculação nenhuma com o programa anteriormente e o conhecendo somente após o adentrar ao mestrado. A professora, Dra. Viviane meus eternos agradecimentos, seu cuidado comigo desde o primeiro contato foram de uma significância tamanha. Obrigada por sempre estar disposta a me auxiliar em tudo que precisei, a trazer leveza para os momentos de tensão ao decorrer de muitos momentos no mestrado, inclusive nos SEMIPes, sempre cuidando de cada detalhe. Muito obrigada.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu último encontro ao finalizar o processo de mestrado, ao meu filho Sarom, que ainda está sendo gerado. Obrigada, filho por se comportar e deixar a mamãe finalizar esse processo iniciado a anos atrás. Obrigada por ser fortaleza e desafio nesse processo final.

Aprendi que, no curso de  
nossa vida, abandonamos  
muito do que amamos e  
somos abandonados  
também. É o preço que  
pagamos para viver. É  
também a fonte de grande  
parte do nosso crescimento  
e dos nossos ganhos...

Temos que enfrentar nossas  
perdas necessárias.

**Judith Viorst**

Dedico este trabalho aos meus amados pais, Adão Cardoso e Marta Moreira Gonçalves Cardoso, que sempre acreditaram que a educação é capaz de transformar histórias e romper com as limitações impostas, que me apoiaram de todas as formas existentes. As minhas avós Conceição Aparecida Moreira Gonçalves e Raimunda Carvalho Cardoso, que sonharam com a possibilidade de estudar e não podendo assim realizar, sonharam comigo. Aos meus irmãos que vibraram pelos meus caminhos acadêmicos e acreditaram que tudo era possível. Dedico ao meu esposo, que vivenciou e experienciou todo esse caminho comigo.

## RESUMO

Existem vários tipos de perdas no decorrer do desenvolvimento humano. Os processos de perda acompanham os seres humanos desde o nascimento, e cada ser humano atribui significados diferentes a essas perdas, a depender da sua vivência e da sua experiência existencial. Dentre os vários tipos de perdas humanas, reside a morte. A morte física sinaliza o padecer e o perecer do corpo, demarca o encerramento de suas atividades biológicas. Convidar para dialogar sobre perdas é convidar para observar as demarcações sobre as finitudes, sobre os processos de enlutamento e sobre a ordem da irreversibilidade de tal realidade. Dessa forma, esse convite tende a nem sempre ser aceito pelas pessoas, pelas instituições, pelo social etc. Esta pesquisa propõe lançar este convite às pessoas e a uma instituição escolar, por compreender a educação como instituição humana e social potente enquanto lócus de manifestação das subjetividades que se entrelaçam em um emaranhado de significados, no qual as perdas e os processos de luto comparecem. Diante do exposto, o objetivo da presente pesquisa é desvelar as vivências e experiências de atores escolares sobre os atravessamentos dos vários tipos de perdas, entre elas a perda por meio da morte e dos processos de luto no ambiente escolar de uma escola municipal da cidade de Goiânia-GO. Para atingir o propósito previsto, tem-se o desdobramento em três objetivos específicos: (i) apreender as significações sobre as perdas como processo natural da realidade humana, a morte como realidade e o luto como resposta ao sentimento; (ii) compreender se o diálogo sobre perdas, morte e luto é permitido no ambiente escolar; (iii) descortinar como os atores escolares vivenciam as experiências de luto no ambiente escolar. O percurso metodológico aproxima-se do método fenomenológico, pois busca compreender as vivências e experiências subjetivas dos sujeitos que compõem o espaço escolar em suas singularidades e significações, optando-se pela abordagem qualitativa, com objetivo exploratório, tendo por procedimento a pesquisa bibliográfica e empírica, a qual utilizou como técnica de obtenção de dados a entrevista narrativa. Os resultados apontaram que todos os atores escolares entrevistados possuem vivências e experiências sobre a temática “perdas”, centrada mais na perda por morte e nos processos de luto. Os diálogos sobre morte e luto no espaço escolar não ocorrem, mesmo que a escola perceba que esta é uma temática que comparece, mas escolhe silenciar essas temáticas para não ter a necessidade de dialogar sobre elas. Quando há algum tipo de diálogo, é de forma breve e objetiva. Os resultados também mostraram que o luto impacta a vida das pessoas de uma forma diferente: em alguns, ocorre a mudança na rotina; e, em outros, pode ocorrer a falta de esperança. As pessoas possuem certa rejeição pelo tema morte e luto, muitas vezes por não saberem o que vem depois frente à dinâmica do que fazer para aqueles que ficam, surgindo algumas dúvidas, como, por exemplo, dar continuidade à rotina, à vida após a morte de alguém significativo. Portanto, por meio do presente estudo, entende-se que as temáticas “perdas, morte e luto” comparecem no espaço escolar, mas não encontram lugares seguros para permanecer. Como consequência, os atores escolares se utilizam de recursos internos próprios para lidar com suas dores e vulnerabilidades diante dos seus lutos por morte e perdas advindas do processo de rompimento.

**Palavras-chave:** Morte; luto; escola; atores escolares.

## ABSTRACT

There are several types of losses throughout human development. The processes of loss accompany human beings from birth and each human being attributes different meanings to these losses, depending on their experience and existential experience. Among the various types of human losses, there is death. Physical death signals the suffering and perishing of the body, demarcating the end of its biological activities. Inviting people to discuss losses is inviting them to observe the demarcations on finitudes, on the processes of mourning and on the order of the irreversibility of such a reality. Thus, this invitation tends not always to be accepted by people, institutions, society, etc. This research proposes to extend this invitation to people and to a school institution, understanding education as a powerful human and social institution as a locus of manifestation of subjectivities that intertwine in a tangle of meanings, in which losses and the processes of mourning appear. In view of the above, the objective of this research is to reveal the experiences of school actors about the crossings of various types of losses, including loss through death and the processes of mourning in the school environment of a municipal school in the city of Goiânia-GO. To achieve the intended purpose, there are three specific objectives: (i) to understand the meanings about losses as a natural process of human reality, death as a reality and mourning as a response to feeling; (ii) to understand whether the dialogue about losses, death and mourning is allowed in the school environment; (iii) to uncover how school actors experience the experiences of mourning in the school environment. The methodological approach is close to the phenomenological method, as it seeks to understand the subjective experiences of the subjects that make up the school space in their singularities and meanings, opting for the qualitative approach, with an exploratory objective, having as a procedure the bibliographic and empirical research, which used as a technique for obtaining data the narrative interview. The results showed that all the school actors interviewed have experiences with the theme of “loss”, focusing more on loss through death and the grieving process. Dialogues about death and mourning do not occur in the school environment, even though the school realizes that this is a topic that appears, but chooses to silence these themes so as not to have the need to discuss them. When there is some type of dialogue, it is brief and objective. The results also showed that mourning impacts people's lives in different ways: for some, it causes a change in routine, while for others, it can cause a lack of hope. People have a certain rejection of the topic of death and mourning, often because they do not know what comes next in terms of the dynamics of what to do for those who are left behind, and some doubts arise, such as, for example, how to continue with the routine, with life after the death of someone significant; and that spirituality is present when narrating about losses, death and mourning. Therefore, through this study, it is understood that the themes of “loss, death and mourning” appear in the school space, but do not find safe places to remain. As a consequence, school actors use their own internal resources to deal with their pain and vulnerabilities in the face of their mourning for death and losses arising from the breakup process.

**Keywords:** Death; mourning; school; school actors.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Fonte: Dados compilados pela autora a partir do banco de teses e dissertação da CAPES- maio de 2024.....	21
<b>Quadro 2:</b> Narrativas sobre as vivências e experiências sobre morte .....	72
<b>Quadro 3:</b> Narrativas que inauguram o vivido e experienciado frente ao luto .....	78
<b>Quadro 4:</b> As narrativas que sobre morte e luto que não encontram acolhimento na escola .....	86
<b>Quadro 5:</b> As narrativas que denunciam que o luto impacta a vida das pessoas .....	95
<b>Quadro 6:</b> Narrativas que permeiam o não falar sobre morte e luto .....	98
<b>Quadro 7:</b> Narrativas que levantam um questionamento: como lidar com o luto? .....	102
<b>Quadro 8:</b> Narrativas que marcam o lugar da espiritualidade no processo de morte e luto.....	101

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1. TRAÇOS DE UM MAPA: O CÓRPUS METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> 22	
1.1 O que é pesquisa? .....	23
1.2. Esboço do desenho metodológico .....	24
1.3. Definição do campo de estudo .....	28
1.4. Sujeitos da pesquisa e tipo de pesquisa .....	29
<b>2. PERDAS, MORTE, LUTO</b> .....	32
2.1. Perdas .....	32
2.2. Morte .....	34
2.3. Luto.....	40
<b>3. APROXIMAÇÕES ENTRE O TEMA LUTO E ESCOLA</b> .....	51
3.1. A escola como espaço sócio-humano de inter-relações .....	51
3.2. A morte silenciada na escola .....	55
3.3. As perdas e os lutos na escola.....	57
3.4. A escola como espaço de diálogo: possibilidades .....	59
<b>4. NARRATIVAS DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS FRENTE AO TEMA MORTE E LUTO</b> .....	66
4.1. Narrativas sobre as vivências e experiências sobre morte: .....	68
4.2. Narrativas que inauguram o vivido e o experienciado frente ao luto.....	76
4.3- As narrativas sobre morte e luto que não encontram acolhimento na escola ..	81
4.4. As narrativas que denunciam que o luto impacta a vida das pessoas .....	90
4.5. Narrativas que permeiam o não falar sobre morte e luto .....	97
4.6. Narrativas que levantam um questionamento: como lidar com o luto? .....	101
4.7: Narrativas que marcam o lugar da espiritualidade no processo de morte e luto: .....	104
<b>CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS</b> .....	109
<b>Referências</b> .....	115
<b>APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	117
<b>APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA</b> .....	120
<b>APÊNDICE C: NARRATIVAS</b> .....	122
<b>ANEXOS</b> .....	139
<b>ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO PELO CEP</b> .....	139

<b>ANEXO B: Autorização da Secretaria de Educação de Goiânia-Go.....</b>	<b>149</b>
<b>ANEXO C: Termo de ética dos pesquisadores .....</b>	<b>150</b>

## INTRODUÇÃO

Todos os caminhos que percorremos possuem significados, todas as escolhas que fazemos ao decorrer de nossa existência traduzem um pouco de nós. Desse modo, escolher realizar pesquisas pode sinalizar características únicas de um pesquisador: inquietudes, curiosidades para entender o desconhecido, desejo de aprender a olhar com mais calma e sensibilidade aquilo que se apresenta ordinariamente todos os dias etc. Muito se diz nas pesquisas sobre o próprio pesquisador/a por meio da delimitação do tema, dos caminhos metodológicos, do método, das escolhas que vão se fundindo e que possibilitam que os fenômenos possam ser observados.

Esta pesquisa traduz vários caminhos percorridos por uma pesquisadora, em desenvolvimento, pois demarcam meus espaços de aprofundamentos não só teóricos, mas experienciais. Caminhos vividos e que constroem meu tecer existencial, em encontros e até desencontros ao longo do percurso. Todas as palavras, todo o enredo aqui presente foi me atravessando, me impactando, causando sensações de estranheza, descontentamento, mas também de acolhimento. Pude emprestar minha escuta atenta e focada a pessoas que, assim como eu, experienciaram o processo de luto.

É certo que todos nós iremos um dia vivenciar um processo de luto, mas experienciar e atribuir sentido às perdas torna-se experiência individual, subjetiva, às vezes solitária. Cada um terá uma forma de viver e experienciar. Segundo Bondía (2002, p. 22), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Já por outro lado, a vivência nos é dada pelos acontecimentos, pela sensação pura e imediata, momentânea (Bondía, 2002). Minhas vivências e experiências começam logo cedo, quando ainda com oito anos de idade perdi meu cachorro que tinha por nome “Leão”. Tão pequenina, sem saber de fato o que estava a acontecer, ouvi de minha mãe que o Leão havia morrido e me perguntou se queria vê-lo pela última vez.

Perguntei o que havia acontecido com ele, mas não foi me falado e só descobri um tempo depois, quando mais velha, que haviam o envenenado, e que quem havia feito tamanha crueldade era uma pessoa conhecida, por isso acharam melhor não contar para não suscitar, em mim, o sentimento de raiva. Talvez o desejo fosse de proteção, mas é possível proteger as pessoas a quem amamos do sofrimento? É quase que inválido, pois, mais cedo ou mais tarde, encontraremos lugares de dor.

Depois de três anos após a morte do Leão, com onze anos de idade, vivenciei outra perda. Perda esta não por morte física, concreta, mas por morte simbólica, uma vez que podem

existir vários tipos de perda, e a morte é apenas uma delas. Meus pais me disseram que era hora de nos mudarmos da nossa cidade natal. Em um primeiro momento fiquei bem resistente, até pensei em morar com minha avó, para não precisar encarar o desconhecido, mas o medo da separação de meus pais e do meu irmão era maior do que o medo de começar tudo novo. Passei a experienciar as situações de perda. Tive que lidar com a realidade, colocar tudo que era mais valioso dentro de um caminhão e seguir com minha mãe e o motorista.

Não pude compreender que aquela perda era uma perda necessária, pois meus pais procuravam por condições melhores de vida para todos nós. No percurso de tantas perdas (perda do aconchego da casa conhecida, dos fins de tarde na casa da minha avó paterna, das idas à fazenda, dos passeios nas casas dos amigos e conhecidos e tantos outros momentos singulares), me deparei com uma grande tristeza e pedidos frequentes de retornar ao que era antes – mal eu sabia que isso era impossível de ser realizado, mas minha inocência infantil queria acreditar que era possível.

Não tive minhas solicitações atendidas (ainda bem), mas tive escuta, acolhimento, direcionamento e muita força advinda dos meus pais para o processo de adaptação à nova cidade e à nova escola. Não foi um processo fácil, pois é difícil chegar a um lugar e ser o desconhecido. Lembro-me que demorei quase um ano para conseguir me aproximar de alguém e iniciar uma amizade. Quando consegui, as coisas foram fazendo mais sentido e tive maior vontade de ficar naquela escola e naquela cidade.

Porém, nesse mesmo período de adaptação, tive outra perda muito significativa. Minha avó materna veio a óbito por uma doença devastadora e silenciosa nos ossos. Experimentei sensações e sentimentos nunca sentidos antes, algo que invadia por vezes e demorava a ir embora. Todo o processo de morte envolvia e silenciava a família, invadia os rostos e causava expressões pálidas e sem movimento. Em mim ficou marcada a dor de minha mãe, pela perda de sua mãe, aqueles gritos barulhentos, mas ao mesmo tempo tão silenciosos, tapados no abismo da tristeza e solidão que a colocavam agora na condição de órfã, sua inquietude, que falava da falta de lugar não só naquele dia, mas uma falta de lugar no mundo que daquele dia em diante seria eterna.

Ela experimentava a dor que fazia e faz parte do processo de luto que todos nós sentimos ou iremos sentir um dia, evidenciava o preço que estava a pagar por amar tanto, por ter o compromisso de honrar, cuidar e não querer se desvincular de uma forma tão dolorosa, que traz à tona a necessidade evidente de despedida eterna e sem possibilidade de reversibilidade.

Naquele momento passado, experimentava o desejo de proteger a mim e, especialmente, minha mãe, de toda dor e angústia sentida, mas no fundo sabia que era impossível. Após o

sepultamento da minha avó materna, fomos para a casa da minha avó paterna – ambiente totalmente silenciado, parecia que tinham retirado nossas vozes ou que estávamos a brincar de uma brincadeira que exigia que todos os participantes estivessem sob silêncio total. Recordo-me com clareza que choveu a noite toda, uma chuva muito forte. Parecia que até o céu e as nuvens choravam junto com a gente.

Os dias foram passando e as coisas estavam estranhas, pois parecia que não éramos mais os mesmos, mas o mundo continuava normal, meus pais tiveram que voltar a trabalhar e eu tive que voltar à escola, mesmo não querendo. Só depois fui entender que a dor da perda é interna e que ela existe dentro da gente, e, mesmo que também resida em um lugar externo, o mundo não se enluta com a gente, e isso, por vezes, me causava uma desorganização interna dolorosa, pois me perguntava: como as pessoas não estavam chorando também? Minha avó tinha sido uma pessoa tão boa, honesta e generosa e as pessoas não sabiam disso? Por que o mundo continuava o mesmo? Não era justo!

Experienciar dia após dia o processo de luto era complexo, muitos pensamentos compareciam, sempre lembrando que a morte dela era irreversível e que a realidade era a de que não mais nos encontraríamos e que constantemente eu veria minha mãe triste, experienciando também seu processo de luto. Ao vivenciar essa perda da minha avó, fui percebendo que havia ficado mais sensível a conversas sobre perdas, sobre morte e sobre luto. Foi aí que na adolescência (fase do desenvolvimento em que me encontrava quando minha avó faleceu) despertou em mim uma curiosidade sobre essa coisa de vida e morte e o que as pessoas chamam de luto.

Perguntas como “para onde vão as pessoas após a morte?” e “será que um dia conseguiremos encontrar quem tanto amamos e que partem antes de nós?” se faziam constantes. Recordo-me de perguntar aos colegas da escola para qual lugar as pessoas iam depois que morriam, e eles também não sabiam. Lembro-me que nas aulas de biologia a professora sempre dizia: os seres humanos nascem, crescem, reproduzem e morrem. Essa frase ecoa em minha mente até hoje, porém nunca se falou nada sobre o pós-morte, ou sobre quem fica para vivenciar tamanha dor. Na escola não se tinha espaço para falar sobre morte e luto, muito menos sobre o sofrimento de perder uma pessoa tão significativa.

Lembro que queria falar sobre isso na escola, queria encontrar alguém que falasse sobre morte, sobre luto e tudo o quanto isso envolve, mas ninguém falava. A escola sabia que eu estava enlutada, todo mundo sabia que minha avó tinha falecido, posto que minha mãe teve que justificar minha ausência no dia do falecimento da minha avó. Quando eu cheguei para a aula, ninguém perguntou sobre minha perda, nem mesmo a professora de biologia que falava que os

seres vivos nascem, crescem, se reproduzem e morrem. Por que será que ela não veio conversar comigo sobre isso que ela falava em sala? Parecia que ela sabia o que acontecia com as pessoas, porque ela tinha falado que isso era o ciclo da vida, que isso funcionava como uma espécie de cadeia humana.

Tinha também o professor de história que levava o violão e tocava sempre músicas da Legião Urbana, que sempre falavam de umas coisas sobre a vida, sobre como era viver e sofrer. O vocalista não era mais vivo, e o professor sabia disso, então por que ele também não falava de morte comigo? Havia um silêncio que pairava pela escola. Quando os professores foram me falar sobre os conteúdos que eu tinha perdido, por ter faltado a aula, eles só falaram o que eu tinha que fazer em casa, mas não falaram nada sobre o que tinha acontecido. Vivia uma dor não sentida pelos outros.

Isso me levou a pensar que não se podia falar nada sobre aquilo na escola – se ninguém falava é porque não podia se falar, eu não escutava ninguém comentar sobre morte, sobre luto, então certamente não era permitido falar e assim eu segui, sem respostas. Cheguei a pensar: será que os professores já perderam as avós deles? Será que a professora que tanto falava da cadeia humana em biologia tinha perdido sua avó também e por isso ela falava do jeito que falava? Não tive respostas.

Não ter essas dúvidas respondidas não fez com que minhas inquietações sumissem, mas, não encontrando espaços e validação para existirem por muito tempo, elas foram silenciadas e deixadas para lá. Foi somente com dezesseis anos, quando entrei na graduação de Psicologia, que pude ouvir uma professora que trabalhava com crianças diagnosticadas com câncer falar sobre morte, perdas e luto. Foi aí que algumas inquietações foram sanadas, quando ela relatou sobre os enfrentamentos necessários frente às diversas perdas que essas crianças tinham, seus familiares e todos que participavam da luta diária em busca do prolongamento da vida. Quando a luta ali era perdida e o luto chegava para a família, o acolhimento não se encerrava ali, ele era estendido em todo o processo de restauração da vida que insistia em continuar.

Essa professora na instituição escolar de ensino superior falava abertamente, sem medo de nada! E até perguntava para nós, alunos, se a gente já tinha perdido alguém no decorrer da vida. Por que será que essa professora falava de morte do jeito que ela falava e meus professores do ensino fundamental e médio não falavam? E ela falava como se estivesse falando de uma conversa corriqueira do dia a dia, como se perguntasse para alguém: como foi seu dia? E isso, ao mesmo tempo que me causava conforto, me suscitava muitas dúvidas.

Ficava a pensar: será que ela também perdeu uma avó? Não tive coragem de perguntar, mas ela esclareceu em uma aula que tinha passado por algumas perdas e frente a isso buscou

compreender melhor o que a morte e o processo de luto significavam. Lembro que ela falou um dia em sala de aula que se quiséssemos trabalhar com morte e luto teríamos que primeiramente lidar com nossos processos de morte e de luto. E aí eu pensei: como isso seria possível? E antes que eu ou alguém lhe fizesse essa pergunta, ela logo respondeu: Vocês terão que cuidar de vocês primeiro em vida, porque, quando falamos em morte, primeiramente estamos a falar sobre vida, sobre como nós vivemos e não morremos em vida. Vocês precisarão tecer o cuidado e o zelo com vocês primeiramente para depois ir em busca de cuidar do luto dos outros.

Comecei então a ler os autores que essa professora indicava, os quais falavam sobre essa dor infindável que nos alcança e nos entrelaça enquanto enlutados. Foi então que decidi que, após finalizar a graduação, começaria uma especialização (pós-graduação lato sensu) em luto. E foi isso que aconteceu. Ao concluir a graduação, iniciei a jornada de estudos sobre perdas, morte e sobre os processos de luto e fui percebendo que são poucos os lugares em que as pessoas podem realmente falar de suas dores pelo processo de luto.

Ao finalizar a pós-graduação lato sensu, fui atender pessoas enlutadas e fui percebendo uma aproximação entre as minhas experiências e as experiências das pessoas que me narravam seus processos de dor diante do luto. Percebia que não havia espaços onde essas pessoas pudessem falar sobre o assunto, assim como eu também não tive. Os espaços escolares por onde essas pessoas também passaram não subsidiaram lugares de acolhimento e escuta sobre seus pesares. E isso me motivava a continuar a estudar e a aprofundar cada vez mais os meus estudos sobre essa temática.

Nos anos pandêmicos, atendi de forma on-line muitas pessoas enlutadas e queria sempre compreender tamanhos sofrimentos, até porque o processo de luto naquele momento teve um complicador enorme: os rituais de passagem foram impedidos, impossibilitando as últimas despedidas. E tudo me conduzia ao mesmo ponto e dúvida: por que não conversamos sobre morte, luto e sobre as dores que todo esse processo pode causar no humano ainda quando estamos na escola? Não deveríamos aprender melhor sobre isso ainda pequenos? Será que se fôssemos submetidos a conversas sobre vida e morte, durante o nosso processo de desenvolvimento, esses processos dolorosos poderiam ser amenizados?

Percebi que minha existência era perpassada pelo meu objeto de estudo: a perda e o posterior luto. Fui percebendo que esse objeto se dava a conhecer e que inúmeras possibilidades de dialogar com ele eram possíveis. Inúmeras questões passaram a orbitar nessa relação dialógica entre o meu existir e o objeto que emergia. Os silenciamentos, os sussurros da existência, eram inúmeros. Ao rememorar acontecimentos de minha existência, percebi a importância de pensar nas vivências e experiências que atravessam também outras pessoas que

participam do ambiente escolar. Dessa forma, emergia, assim, minha questão central da pesquisa: quais são as vivências e experiências dos atores escolares frente às perdas, à morte e aos processos de luto?

Para alcançar uma resposta satisfatória, esta pesquisa tem por objetivo geral: desvelar as vivências e experiências de atravessamentos sobre perda, morte e luto no ambiente escolar. O objetivo geral, no entanto, desdobra-se em três objetivos específicos, distintos, mas complementares, a saber: (i) Apreender as significações sobre as perdas como processo natural na realidade humana, a morte como realidade e o luto como resposta ao sentimento; (ii) Compreender se o diálogo sobre perdas, morte e luto é permitido no ambiente escolar; (iii) Descortinar como os atores escolares vivenciam as experiências de luto no ambiente escolar.

Enfim, cheguei ao mestrado e vi que havia ali a possibilidade de desenvolver uma pesquisa que buscasse compreender tudo isso que me atravessava e atravessa. Decidi que procuraria um orientador que pudesse me ouvir enquanto sujeito humano que traz várias inquietações e que, desde a infância, tem o desejo de compreender as vivências e experiências das pessoas que são atravessadas pelas singularidades da morte e do processo de luto e mais especificamente das pessoas que atuam em instituições de ensino, pois foi durante o frequentar desses lugares que vivenciei várias perdas que não encontraram lugares para existir.

Foi quando encontrei o Prof. Dr. Raimundo Márcio Mota de Castro e ele prontamente me acolheu e confirmou dentro de mim que seria possível investigar os espaços escolares enquanto lugares potentes, mas que silenciam diante da morte e do luto. Comecei, então, a trilhar esse percurso dos levantamentos bibliográficos, desenhar a presente pesquisa, traçar objetivos, metodologia, *corpus* metodológico, levantar hipóteses, observar quais os melhores caminhos para ida a campo e me aproximar ainda mais do fenômeno.

Com o mapa da pesquisa traçado, submetemos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Estadual de Goiás, com intuito de preservar os princípios éticos a serem observados pela pesquisadora e assim resguardar tanto os participantes quanto a si, no decorrer do percurso. Cumpridas as formalidades que o trabalho exige, a pesquisa foi aprovada sob o protocolo: 75949723.9.0000.8113, em 9 de fevereiro do ano de 2024.

Como percurso metodológico, escolhemos aproximar do método fenomenológico e em seguida buscamos identificar como a temática luto no contexto escolar vem sendo abordada. Foi, então, realizado um levantamento de dissertações e teses no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Buscou-se delimitar um espaço de tempo que consistiu entre os anos de 2015 a 2023. O recorte temporal deu-se na tentativa de perceber como o tema fora tratado nos cinco anos anteriores e nos anos posteriores ao período

da pandemia de COVID-19, posto que pessoas de todas as partes do mundo foram impactadas pelas inúmeras mortes e perdas provocadas pelo vírus.

Os descritores iniciais foram: “luto e escola” resultando em 109 produções. Ao proceder análise minuciosa dessas produções, o tema escola e luto não comparecia como objeto principal das pesquisas, nem mesmo em seus títulos e nem em seus desdobramentos. O que foi encontrado, por meio desses resultados, foi que o luto comparecia em outras instituições e em algumas pesquisas o luto não era o objeto central, mas compareceu em algum momento como resultado secundário.

Cabalmente encontramos três trabalhos – duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado – que se aproximam objetivamente da pesquisa que desenvolvemos, trazendo desde o título a relação entre luto e escola, como demonstrado a seguir:

Nº	Universidade / Programa/	Título	Autor(a)	Tipo	Ano da defesa
01	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Educação (Psicologia da Educação)	Luto na escola: uma realidade a ser enfrentada	Antonia Aparecida Kroll Sartori	Dissertação de Mestrado	2018
02	Universidade Federal do Delta do Parnaíba – Programa de Psicologia	Atuação da psicóloga escolar e educacional frente a demandas de perdas e luto	Janaina Oliveira Rocha	Dissertação de Mestrado	2021
03	Universidade do Estado da Bahia – Programa de Educação e Contemporaneidad e	“Para que estudar, se no final todo mundo vai morrer?” Experiências de enlutamento no cotidiano escolar de jovens pretxs	Moises Batista Santos de Oliveira	Tese de Doutorado	2022

*Quadro 1: Fonte: Dados compilados pela autora a partir do banco de teses e dissertação da CAPES – maio de 2024.*

Os achados pontuam que o tema já inquietava pesquisadores antes da pandemia, e que no período pós-pandêmico, os trabalhos que evidenciam o luto e a escola ainda são escassos. Os trabalhos acima citados possuem grande aproximação com a pesquisa que estamos realizando: todos abordam a temática do luto com o viés escolar. A pesquisa realizada por Antonia Aparecida Kroll Sartori, que traz como título: “Luto na escola: uma realidade a ser enfrentada”, buscou entender como a escola lida com crianças e adolescentes vivenciando

experiências de luto por morte de parente próximo, buscando perceber se a escola oferece suporte adequado e necessário a esses alunos e foi achado que os profissionais que compõem a escola encontram dificuldade em oferecer suporte adequado a crianças enlutadas.

A dissertação de Janaina Oliveira Rocha, com o título: “Atuação da psicóloga escolar e educacional frente a demandas de perda e luto”, abordou dois momentos diferentes da pesquisa: o primeiro foi a identificação de que as demandas referentes à perda e luto emergem de forma pontual e individualizada em contexto educacional e são relacionadas a perdas de familiares de escolares, morte de agentes escolares e ao suicídio. E o segundo momento abordou as práticas em psicologia escolar e educacional, que consistiram em práticas interventivas individuais, coletivas e interventivas multiprofissionais.

A tese de doutorado de Moises Batista Santos de Oliveira, que tem por título “Para que estudar, se no final todo mundo vai morrer?” Experiências de enlutamento no cotidiano escolar de jovens pretxs”, buscou compreender o cotidiano escolar de jovens pretxs impactadxs pelo processo de luto decorrente de morte de pessoas amadas envolvidas com o tráfico de drogas, buscando problematizar como essxs educandxs pretxs elaboram emoções perpetradas pelas perdas de entes queridos e quais são as estratégias utilizadas por elxs no processo de elaboração do luto na permanência escolar.

Dessa forma, os trabalhos encontrados revelam o processo de luto diante das vivências e experiências por morte, às quais a presente pesquisa também se delimita. O processo de luto não ocorre necessariamente somente pelo acontecimento da morte, mas por processos de perdas, porém a presente pesquisa é pautada no processo de luto por morte. A presente investigação é pautada em desvelar as vivências e experiências dos atores escolares sobre o processo de luto referente ao enlutamento pelo acontecimento da morte.

Para uma compreensão do que buscamos entender, o texto dissertativo está dividido em quatro seções. A primeira objetiva demonstrar os caminhos metodológicos percorridos; a segunda, apreender as significações sobre as perdas, a morte e o luto; a terceira, compreender se o diálogo sobre perdas, morte e luto é permitido no ambiente escolar; e a quarta e última, descortinar como os atores escolares vivenciam as experiências de luto no ambiente escolar. Portanto, a seção seguinte abordará o percurso metodológico realizado na presente pesquisa.

## **1. TRAÇOS DE UM MAPA: O CÓRPUS METODOLÓGICO DA PESQUISA**

Toda pesquisa científica necessariamente passará pelo processo de elaboração metodológica, pois são esses caminhos que tornam possível a viabilidade e a validade de uma pesquisa. Pensar nesses caminhos, portanto, é pensar e buscar compreender teorias,

instrumentos e métodos para que, após esse levantamento e aprofundamento, sejam tomadas escolhas que visem a melhor elaboração e o melhor caminho para desvelar o que ainda está encoberto aos olhos ordinários.

Os caminhos que levam a esse desvelar podem ser muitos, como então saber qual é o melhor a ser percorrido? Compreendendo inicialmente que antes de escolher um tema, ou uma dada problemática a ser investigada, é necessário compreender o que vem a ser pesquisa, o que envolve fazer pesquisa, para que então outros fenômenos venham a ser revelados a partir do mergulhar no campo científico e no universo das pesquisas.

Desse modo, esta seção tem como objetivo apresentar o percurso metodológico trilhado, considerando as escolhas realizadas, tais como: a abordagem, os objetivos, o tipo de pesquisa adotado, a aproximação do método, a técnica para a coleta de dados e os procedimentos adotados.

### **1.1 O que é pesquisa?**

Segundo Moreira (2002, p. 11), “pesquisa científica é uma busca de informações, feita de forma sistemática, organizada, racional e obediente a certas regras”. Sendo assim, toda pesquisa que busca ser científica precisa, em seu processo de construção, apresentar alguns critérios para sua validação.

No fundo, a pesquisa científica consiste numa transformação de informações: o pesquisador planeja a coleta de dados (informações) para solucionar determinado problema de pesquisa, processa esses dados (ou seja, processa essas informações) e obtém o produto final, isto é, os resultados da pesquisa (que são também informações). De outro ponto de vista, a pesquisa científica assemelha-se a um jogo, que deve ser jogado dentro de certas regras; em parte, são essas regras que tornam delicado, e por vezes complexo, o treinamento do pesquisador (Moreira, 2002, p. 11).

Todas essas nuances apresentam-se como necessárias para o caminho da construção e elaboração de uma pesquisa científica. O pesquisador necessariamente precisa estar atento a esse processo que envolve critérios significativos. Escolher realizar uma pesquisa científica é escolher aprofundar e conhecer tudo o que a envolve, sabendo que ela está inserida dentro de um contexto específico, situado em um tempo e em um espaço. Segundo Lakatos e Marconi (2005, p. 157):

a pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir realidades parciais. O desenvolvimento de um projeto de pesquisa compreende seis passos: 1. Seleção do tópico ou problema de investigação; 2. Definição e diferenciação do problema; 3.

Levantamento de hipóteses de trabalho; 4. Coleta, sistematização e classificação dos dados; 5. Análise e interpretação dos dados e 6. Relatório do resultado da pesquisa.

Esses passos que as autoras relatam fazem parte da estruturação/sistematização de uma pesquisa, assim o pesquisador que deseja realizar uma pesquisa científica necessariamente precisa organizar de forma sistemática seu roteiro e conteúdo de pesquisa. Outra compreensão que mostrou-se necessária diante da construção da presente pesquisa foi descortinar o que é ciência. Após ter compreendido que para realizar pesquisa existem alguns passos fundamentais, outro critério mostrou-se essencial: compreender o que é ciência e analisar como a pesquisa aqui apresentada poderia atender aos critérios válidos para se tornar científica.

## 1.2. Esboço do desenho metodológico

O presente estudo partiu de uma aproximação do método fenomenológico, pois foi buscado captar e acolher todos os fenômenos advindos da subjetividade que se revelaram por meio das narrativas das vivências e experiências dos atores escolares sobre morte e luto. Segundo Moreira (2002, p. 17-18), “o método fenomenológico é uma particular estratégia de pesquisa qualitativa, isto é, uma particular forma de conduzir tal tipo de pesquisa”. Esse método possui como objetivo principal captar os fenômenos tais quais são vivenciados pelo humano.

Ainda segundo Moreira (2002, p. 59-60):

a fenomenologia é um dos movimentos filosóficos mais importantes e fascinantes do século XX que, desde o seu início, guardou relações de intimidade com a recém-criada Psicologia. Será através dessa mesma Psicologia que o método fenomenológico- método de estudo da Fenomenologia- irá disponibilizar-se para o restante das disciplinas de cunhos humano e social.

Esse método é capaz de investigar e destacar as experiências de vida das pessoas, pois ele permite o destaque dessas experiências (Moreira, 2002) e capta o fenômeno que é particular e individual de cada ser. Bicudo (1994, p. 20) relata que fenomenologia é:

uma palavra composta por *Fenômeno* mais *logos*, agora pode mostrar-se ao leitor atento como significando o discurso do que se mostra como é, uma vez que discurso é o falar inteligível sobre o que se mostra. Discurso é o logos, a inteligibilidade aparecendo e se estabelecendo na comunicação (na linguagem). A essência do fenômeno é mostrada pela realização de uma pesquisa rigorosa que busca as raízes, os fundamentos primeiros do que é visto (compreendido) e o cuidado com cada passo dado na direção da verdade (“mostração” da essência). O rigor do pesquisador fenomenólogo se impõe a cada momento em que interroga o fenômeno e ao seu próprio pensar esclarecedor. Para tanto são básicos dois momentos: *epoché*, quando põe o fenômeno em suspensão, destacando-o dos demais co-presentes ao campo

perceptual do pesquisador, e *redução*, quando descreve o visto, seleciona as partes da descrição consideradas essenciais ao fenômeno.

O método fenomenológico permite acessar a essência que contém, por meio de cada narrar, o contar das experiências, o sentir, o vivenciar. Ainda segundo a autora Bicudo (1994, p. 21), “a essência de que trata a fenomenologia não é idealidade abstrata a priori, separada da práxis, mas ela se mostra nesse próprio fazer reflexivo”. Dessa forma, a essência que comparece por meio da fenomenologia decorre da experiência, do caminho desse fazer da experiência. A autora Bicudo (1994, p. 21) traz ainda que:

ao desvendar a essência, a consciência, em um movimento reflexivo, realiza a experiência de percebê-la, abarcando-a compreensivamente, ou seja, trazendo-a para o seu círculo de inclusão ou horizonte de compreensão. É a experiência transcendental, o apropriar-se do desvendado, ou seja, do que a incursão realizada apontou como característico do fenômeno interrogado.

A experiência que o método fenomenológico e a entrevista narrativa são capazes de alcançar é, segundo Bicudo (1994, p. 21), como aquela que “é compreendida como experiência vivida”. É o que o humano é capaz de vivenciar, em contato com aquilo que atravessa o mesmo como um todo. É desta experiência que o método fenomenológico se preocupa em encontrar e ir ao encontro da essência desta experiência que se apresentou como única e intransferível.

Acessar as essências presentes nos diálogos, nas entrevistas, não é tarefa fácil, portanto a autora recomenda aos pesquisadores atentar-se essencialmente a duas questões cruciais: suspender de todo e qualquer pressuposto ou julgamento ao que vai comparecendo por meio do narrar do entrevistado. Se assim o pesquisador o fizer, a essência poderá comparecer e o encontro será genuíno. Pesquisador e entrevistado conseguirão se encontrar em suas singularidades: o entrevistando, com suas experiências únicas; e o pesquisador, com sua escuta atenta e inclinada totalmente para o entrevistando.

Abster-se dos próprios julgamentos é um exercício que exige coragem. Coragem para encarar o outro (entrevistando) em sua mais terna beleza de ser, existir e experienciar o mundo, que se apresenta, muitas vezes, diferente do ser, existir e experienciar do pesquisador. Quando o pesquisador se abastece de toda essa coragem, surge, então, a possibilidade de encontro baseado no respeito frente ao que se é perante ao outro, que permanece fiel à sua história, à sua própria construção e experiência.

O pesquisador tem à sua frente um universo vasto que o autoriza a mergulhar em profundidade, por isso o ele necessita certificar-se de que está indo para o mergulho sem os pesos que o puxam para a superfície novamente (os julgamentos). São necessários muita ética

e compromisso para estar com o outro, ouvindo suas preciosidades mais raras que são suas experiências, caminhando com cuidado nos diálogos que vão sendo tecidos com o entusiasmo ou com a dor, ou até mesmo os dois juntos.

Feldman (2006, p. 123) traz uma breve menção a um poema de José Saramago, escritor do universo literário, que dizia: “ao contrário do que geralmente se pensa, as palavras auxiliaadoras que abrem caminho aos grandes e dramáticos diálogos são em geral modestas, comuns, corriqueiras”. O que confirma a ideia de que o convite para o mergulho profundo no universo do outro não é e não pode ser algo que se force, ele ocorre na leveza, nos momentos corriqueiros da vida.

Lançamos o convite aos atores escolares somente após algumas visitas ao lócus para conhecer melhor o ambiente escolar. Após essas visitas, foi então realizado o convite para a participação das entrevistas narrativas, a fim de escutar as vivências e experiências desses atores. Feldman (2006, p. 163) relata que:

quando escutamos alguém, há um confronto entre dois sistemas de valores. Se colocarmos o foco em nós, corremos o risco de julgar o outro quando nele percebemos valores diferentes dos nossos. Não se trata aqui de abandonar nossas crenças- apenas deixa-las de lado enquanto escutamos. Não se trata também de concordar com o outro, mas apenas de compreendê-lo. Eis a palavra-chave: nem aprovação nem desaprovação, mas compreensão.

Porém, caso o pesquisador não consiga suspender seus pressupostos e julgamentos prévios pode ocorrer da essência do fenômeno não comparecer ou se comparecer o pesquisador não será sensível o suficiente para acessá-la, pois estará envolto a seus próprios pensamentos e julgamentos, desconexo do entrevistando, perdendo, assim, a imensa oportunidade e possibilidade de mergulho único nas profundezas de um vivenciar e experienciar tangidos de sentidos singulares.

Após toda essa compreensão, o traçar do método e da técnica de coleta de dados, foi necessário elaborar os objetivos da pesquisa. Tratando-se de uma pesquisa científica, de abordagem qualitativa, com uso do método fenomenológico e entrevistas narrativas, os objetivos só poderiam ser de ordem exploratória, pois lança a possibilidade de investigar os fenômenos e torná-los compreensíveis. Segundo Gil (2002, p. 41), a pesquisa exploratória:

têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

A pesquisa exploratória possui características que possibilitam o adentrar profundo do pesquisador sobre os fenômenos que vão se fazendo presentes no momento da entrevista com o entrevistado, permite aprofundar na essência que comparece através da narrativa da experiência que é individual. Segundo Fernandes (2000, p. 217-218):

[...] é imprescindível que se utilizem os meios que o fenômeno requerer para a abordagem. Assim, se forem requeridas pesquisas de campo ou documental, deve-se partir para a ação e colher os dados que se fizerem necessários. [...] é necessário que aprofundem as especulações, a fim de encontrar as verdadeiras razões de sua ocorrência. Deste modo, a pesquisa exploratória pode construir o início de uma investigação mais longa e mais acurada.

Frente a essa possibilidade, a pesquisa, por abordar o método fenomenológico e utilizar-se de entrevistas e ida a campo para a coleta das vivências e experiências dos atores escolares frente a temática luto, caracteriza-se como uma pesquisa de campo. Segundo Lakatos e Marconi (2005, p. 188):

pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los.

Já ao que se refere aos procedimentos, a mesma apresenta-se como uma pesquisa que tem como ponto de partida o levantamento bibliográfico e o compromisso com o empírico. A pesquisa bibliográfica consiste em uma atividade básica de todo percurso de pesquisa, que toda pesquisa científica de cunho empírico necessariamente precisa realizar, uma vez que é pelo levantamento das produções teóricas sobre o tema que é possível obter o suporte necessário para a construção do tema e de seu desenrolar. Segundo Lakatos e Marconi (2005, p. 44), a pesquisa bibliográfica possui oito fases: “a) escolha do tema; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação; d) localização; e) compilação; f) fichamento; g) análise e interpretação; h) redação”.

A parte empírica da presente pesquisa consiste em evidenciar a vivência e experiência humana diante das perdas, da morte e do luto. Demo (1941, p. 25) argumenta que: “a pesquisa empírica é aquela voltada sobretudo para a face experimental e observável dos fenômenos. É aquela que manipula dados, fatos concretos. Procura traduzir os resultados em dimensões mensuráveis”. Assim sendo, a pesquisa utilizou-se das experiências dos atores escolares que fazem parte do universo de cada entrevistado e, a partir disso, foram mensurados – agora

compartilhados de forma palpável – os achados que decorreram dos fenômenos vivenciados e experienciados por cada um.

Para que essa mensuração fosse possível ocorrer, foi utilizada, após a coleta de dados, a transcrição integral de cada entrevista narrativa. Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 106) argumentam que:

o primeiro passo na análise de narrativas é a conversão dos dados através da transcrição das entrevistas gravadas. [...] Características paralinguísticas, tais como o tom da voz ou as pausas, são transcritas a fim de que se possa estudar a versão das histórias não apenas quanto ao seu conteúdo, mas também quanto a sua forma retórica.

A transcrição do material coletado por meio das narrativas que foram gravadas mediante a autorização dos participantes ocorreu de forma literal. Porém, com algumas necessidades de adequações gramaticais, que foram realizadas, mas com o cuidado de manter o conteúdo integral. Essa não interferência nos conteúdos que se desvelaram corrobora para garantir a ética e o rigor no processo científico da pesquisa. Todo esse material que compareceu por meio da presente pesquisa está guardado pela pesquisadora e assim permanecerá por um período de cinco anos. Decorrido esse prazo, será descartado.

### **1.3. Definição do campo de estudo**

Ao escolher a temática com grande significância para a presente autora desta dissertação (caminho compartilhado na introdução), foi então dado início aos outros percursos que possibilitaram a pesquisa a se transformar no que já está sendo apresentado. Foi traçado, então, o passo a passo cuidadosamente. A autora identificou que gostaria de compreender as vivências e experiências dos atores escolares sobre a temática luto.

O campo “escola” foi escolhido inicialmente por partir da premissa de que o ambiente escolar acolhe e contribui muito para a formação das subjetividades, que é no encontro com o outro que as inúmeras subjetividades criam raízes e podem ganhar força. A escola é um lugar de crescimento em todos os aspectos, porém, como aponta Naletto (2005, p. 115), “embora seja um lugar de vida, de crescimento, a escola não está isenta de enfrentar uma situação de luto com a morte de algum aluno, ou funcionário”. Como critério para desenvolver a pesquisa, para além de ter escolhido o campo “escola”, mostrou-se necessário que os atores da escola tivessem experienciado alguma perda para que pudessem no processo da pesquisa relatar essas experiências. Foi, então, encontrada uma escola que vivenciara a triste perda de uma de suas docentes. Com a aprovação do CEP, foi então dado início à pesquisa.

#### 1.4. Sujeitos da pesquisa e tipo de pesquisa

Os participantes foram 7 (sete) atores escolares. Eles foram convidados para participar da pesquisa de forma individual e voluntária. A esses foi esclarecido todo o intuito do trabalho e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a realização da leitura. Foi dito aos mesmos que, a qualquer momento que optassem por não mais participar, o pedido seria acatado e a entrevista seria finalizada imediatamente. Foi esclarecida, também, a não obrigatoriedade de responder a todas as questões, uma vez quem poderiam ser respondidas aquelas que ficassem confortáveis e não os trouxessem prejuízos.

Dessa forma, o desenvolvimento desta pesquisa caracterizou-se por sua abordagem qualitativa, uma vez que buscou captar de forma significativa tudo que atravessou esses atores escolares que experienciaram o processo de luto por meio da morte de alguém amado. A abordagem qualitativa possui algumas nuances. A escolha desta abordagem ocorreu devido à mesma captar de forma singular as vivências e experiências desses atores. Neves (1996, p. 1) define a pesquisa qualitativa sendo:

[...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

A escolha por uma pesquisa qualitativa advém das várias possibilidades que essa abordagem pode captar, como a experiência dos participantes, de forma singular. Bicudo (2011, p. 14) argumenta que, ao abordar sobre o tema pesquisa qualitativa, é necessário logo de início compreender o significado que tem esta abordagem:

Já de imediato chamamos a atenção do leitor para o significado de qualitativo, adjetivo que modifica a modalidade de pesquisa. No cotidiano acadêmico costuma-se opor pesquisa qualitativa à pesquisa quantitativa, muitas vezes tomando como dado que essa indicação já define e informa sobre os procedimentos investigados, não demandando maiores indagações. O qualitativo da pesquisa informa que se está buscando trabalhar com qualidades dos dados à espera de análise.

A autora traz ainda que “a pesquisa qualitativa trabalha com a qualidade. Mas qualidade de quê? Do objeto/observado, fenômeno/ percebido?” (Bicudo, 2011, p. 18). A pesquisa com viés qualitativo busca abarcar e trazer possibilidades para que o fenômeno possa se manifestar. Essa abordagem não visa questionar o que comparece, mas sim doar sentido ao que se faz presente. Segundo Moreira (2002, p. 17):

[...] a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise.

Moreira (2002, p. 59) relata ainda que “a pesquisa qualitativa foca no ser humano enquanto agente, e cuja visão de mundo é o que realmente interessa”. Dessa forma, por meio dessa abordagem, buscou-se viabilizar espaços para que na coleta de dados através das narrativas dos atores escolares, eles encontrassem lugares seguros, onde pudessem falar de suas vivências e experiências sobre luto, sobre o que os perpassa e os atravessam.

Na coleta de dados, ao considerar a abordagem qualitativa, foram utilizadas entrevistas narrativas geradas a partir de três temas/perguntas geradoras: (i) Gostaria que você contasse sobre suas vivências e experiências com morte e luto, relatando fatos marcantes e significativos para você; (ii) Em suas vivências e experiências educacionais, como essa temática é discutida? (iii) Se sim, como foi para você dialogar sobre com seus pares? (iv) Como a questão da morte e luto afeta a vida das pessoas? Como é isso para você?

Tais perguntas foram elaboradas a fim de tornar possível o início do diálogo sobre os temas “perdas, morte e luto”. A escolha da técnica para coleta de dados se deu pelo fato de que a entrevista narrativa possui a singularidade de captar as narrativas únicas dos sujeitos sem estabelecer categorias, trazendo um processo de fluidez e não de cristalização. A entrevista narrativa, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 95),

é considerada uma forma de entrevista não-estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas.

Essa modalidade de entrevista se diferencia das demais uma vez que possibilita ao entrevistando falar abertamente de suas vivências e experiências sem sofrer nenhum tipo de intervenção que o direcione a falar algo “esperado”. Nessa modalidade, não há direcionamento de respostas, ao contrário, o entrevistando é quem elabora sua fala frente ao tema que o entrevistador sugere para que conversem (tema central da pesquisa).

Benjamin (1987, p. 198) argumenta que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem os narradores”. Dessa forma, o narrador compartilha vários atravessamentos diante das suas vivências e experiências com os outros. Essas experiências podem falar de vida, de dor, de alegria ou de sofrimento. E, por meio da entrevista narrativa, é possível captar o que comparece de mais singular naquilo que o entrevistando relata.

Narrar sobre o que permeia o humano, sobre aquilo que é significativo, é narrar sobre experiências, as quais cada ser é capaz de formular ao decorrer de toda a trajetória de vida, suas relações, seus vividos, suas perdas etc. Utilizar a entrevista narrativa como técnica foi essencial para captar as particularidades e coletividades dos entrevistados, tornando possível o narrar de suas vivências e experiências. A mesma possibilitou um espaço autêntico onde cada entrevistado pôde se colocar com propriedade de seu falar e sentir, sem serem conduzidos a confirmar ou refutar hipóteses em suas narrativas, nem cumprirem critérios categóricos.

A experiência de narrar sobre as perdas pode ser um desafio, pois cada ser possui concepções distintas sobre perdas ao longo da vida. Os significados que cada um adere às perdas, aos lutos, ao longo de suas experiências, são também advindos de outras pessoas que possuem suas próprias narrações sobre perdas e lutos. Todos os seres humanos trazem concepções sobre vida e morte, sobre luto, de algum lugar, de narrações outras que foram passadas de pessoa a pessoa, de família a família, de cultura a cultura.

Assim sendo, cada relato aqui presente traduz um lugar específico, uma vivência específica, uma experiência específica, sentimentos, sensações e formulações singulares. Cada sujeito que foi entrevistado pôde narrar sobre suas concepções de vida, de morte e de lutos, dos lugares significativos que foram construindo suas ideias, percepções de perdas, seus medos e anseios diante da possibilidade e da realidade da perda. Todas as narrativas que compuseram esta dissertação trouxeram inúmeros atravessamentos, construções, vivências e experiências singulares, sobre perdas, morte e luto.

A técnica da entrevista narrativa aqui utilizada foi de grande valor para o captar das experiências dos atores escolares. Benjamin (1987, p. 197) apresenta uma preocupação diante das narrativas, pois, segundo o autor, “é a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção”. O mesmo acredita que a experiência narrada e compartilhada de uma pessoa para a outra está entrando na possibilidade de extinguir-se, pois cada vez menos tem se creditado significado no narrar das experiências genuínas. Desse modo, ao optar pela entrevista narrativa como técnica de obtenção de dados, entendemos suas potencialidades na partilha das experiências de cada sujeito.

Ao finalizar esta seção, que pontua o percurso metodológico da presente dissertação, passaremos a apresentar, na próxima seção, algumas definições e compreensões sobre as perdas, a morte e o luto. Os processos de perdas apresentam-se como fenômenos naturais por fazerem parte do processo de desenvolvimento humano, podendo ser vivenciados e experienciados a partir do simbólico e da subjetividade e a morte, por sua vez, demarcará a experiência da perda no mundo físico, dessa forma será apresentado como a morte foi sendo representada ao longo

dos séculos até a presente atualidade, pois houve grandes marcos sob suas percepções ao longo do tempo. Por fim, serão apresentadas algumas teorias sobre o processo de luto que se apresenta como uma resposta ao sentimento da perda, sendo que essa advém da morte.

## **2. PERDAS, MORTE, LUTO**

Tendo apresentado, na seção anterior, os percursos metodológicos percorridos, esta seção busca apreender as significações sobre as perdas, sobre a morte e sobre o luto. Em um primeiro momento, será apresentada a compreensão do que é perda a partir de alguns autores, que afirmam que tal processo não ocorre somente frente ao falecimento de alguém, pois existem perdas que são próprias do desenvolvimento humano. Em seguida, será apresentada uma construção teórica que foi se consolidando ao longo dos séculos diante do conceito de morte, que também sinaliza um tipo de perda e, por fim, serão apresentadas concepções sobre o conceito de luto a partir do encerramento de qualquer atividade física/biológica que ocorre por meio da morte, porém trazendo a compreensão de que os processos de luto não se dão unicamente a partir da realidade morte, mas, também, a partir de mortes simbólicas.

Compreende-se, então, que, ao dialogar sobre perdas, pode-se pensar em vários tipos de perdas; que discutir sobre morte é falar sobre vários tipos de morte; e, por último, que discorrer sobre luto é também argumentar sobre vários tipos de luto. Cabe salientar que o presente estudo direciona seus esforços a compreender o luto vivenciado e experienciado por meio da morte concreta: morte onde há um corpo presente que encerra todas as suas atividades biológicas e funcionais.

### **2.1. Perdas**

Durante todo o processo de desenvolvimento humano percorremos o caminho das perdas. O nascimento simboliza uma das primeiras perdas que nós humanos encaramos: a saída de nossa primeira casa, o útero. Perdemos o aconchego e a conexão única entre mãe e filho e somos lançados ao universo para dar continuidade aos processos seguintes, enquanto humanos.

Esse episódio sinaliza uma perda, pois não há como voltar a ocupar novamente esse lugar, apesar de a perda apresentar-se como necessária, uma vez que é somente por meio dela que a possibilidade de vivenciar e experienciar novos marcos se torna possível. A perda pode ser simbolizada por cada sobrevivente de uma forma única.

Assim também ocorre nos anos subsequentes, o bebê deixará de ser bebê em algum momento e passará a ser criança, a infância se encerrará e será iniciada uma nova fase do desenvolvimento, a adolescência. Logo após a adolescência encerrar-se, será iniciado o período

adulto e assim seguirá a sequência do desenvolvimento humano. Em todas essas fases do desenvolvimento, algo será perdido para que seja possível o iniciar de uma nova fase.

Ao vivenciar e experienciar cada fase do desenvolvimento e suas perdas, cada ser humano poderá relatar o que foi perdido no âmbito simbólico. Talvez alguém sinalize que no período da infância para a adolescência perdeu os momentos reservados exclusivamente para as brincadeiras, outros podem sinalizar que perderam o colo de alguém significativo, outros que perderam as noites alegres com os primos na casa dos avós, enfim, cada sujeito humano trará consigo várias perdas ao decorrer de sua história de vida.

Os processos de desenvolvimento e de envelhecimento podem trazer consigo muitas perdas, entre elas: o declínio da visão, da audição, da força, do equilíbrio etc. (Papalia; Feldman, 2015). Cada ser humano maneja suas perdas significativas a seu modo, porém a cultura e o social têm grande impacto sobre a construção e a validação de tais perdas. A escola é um local onde as subjetividades se encontram e entrelaçam os sujeitos em seus mais diferentes processos de desenvolvimento e perdas. Pode apresentar-se como uma instituição potente diante da sinalização e da validação desses processos que perpassam a todos.

Viorst (2005, p. 47) concorda com Papalia e Feldman, ao afirmar: “por mais triunfantes que sejamos, por mais alto que cheguemos, o curso da vida normal nos conduz a perdas. A doenças. A velhice. A limitações físicas e mentais. A separações, solidão e morte”. Portanto, as autoras partem do pressuposto de que, mesmo diante de tantas tentativas de retardar o processo de envelhecimento, as perdas se farão presentes diante do curso natural da vida e até mesmo nesse movimento de tentar pausar ou inibir o processo natural da existência ainda assim haverá perdas.

Não há como fugir dos processos de perda ao vivenciar e experienciar a vida. Casellato (2015, p. 72) acredita também que as perdas fazem parte da existência humana e pontua: “perdas são inerentes à condição humana”, dessa forma as perdas acompanham o humano desde seus processos iniciais de vida até os processos de desligamento da mesma. O que outrora compunha o humano em seu processo de vida pode não acompanhá-lo mais, e isso é da ordem da perda, dirigir-se emocionalmente e afetivamente a algo e perdê-lo. Isso é perda natural que todos podem vivenciar e experienciar.

Os processos de perda sinalizam rupturas, desligamentos, de algo que se tinha e não se tem mais, podendo ser esses da ordem material, da fantasia, da expectativa, da imaginação ou do concreto. São perdas que podem sinalizar o fim de algo, daquilo que se buscava muito, daquilo que se desejava muito e que não se pode ter mais. A morte e o luto são compostos por

perdas também, porém, tipos diferentes de perdas, pois o que se perde pode ser diferente e isso será evidenciado a seguir.

## 2.2. Morte

Diante da morte, é difícil encontrar o que se pode dizer. A morte não pode ser descrita ou mesmo nomeada, diante dela não se encontram palavras. E essa impossibilidade de simbolizá-la em ideias, pensamentos, a torna terrível, ela própria (morte) não dá conta do que de fato ela mesma é. Nós, meros humanos, tentamos simbolizá-la, ordená-la, no campo de nossas ideias, tentamos atribuir nomes e sentidos a ela, como fim, passagem, encontro, paraíso, Deus e reencarnação, mas é complexo encontrar uma explicação para esse fenômeno que imaginamos ou sobre o pouco ou quase nada que sabemos (Kovács, 2021).

Apesar de ser um fenômeno de ordem desconhecida no que tange a seus desdobramentos e pós-acontecimento, a morte acompanha a história humana há muito tempo. Não é novo esse movimento que o humano realiza ao tentar desvelar os mistérios que a morte apresenta, seus segredos póstumos e espirituais. Frente a esse movimento que o humano pode realizar em torno da busca da compreensão da morte, Kovács (2021, p. 1) sinaliza que:

Sempre há questões formuladas: de onde viemos e para onde vamos? Será a morte o final da existência, ou somente a transição, o final do corpo físico, a libertação da alma? Haverá outras vidas? Será a alma imortal? O espírito se mantém da maneira como o conhecemos? Será a nossa existência um caminhar para a evolução de cada ser? Chegaremos à perfeição divina? Como preparar pessoas para esse fato tão presente na existência? Essas questões se tornam mais urgentes para profissionais da saúde e da educação.

Todas essas inquietações podem fazer parte do humano, que, em algum momento ou outro em sua existência, ousou pensar e levantar questionamentos sobre sua própria morte, sobre a morte de alguém amado ou sobre a morte de alguém que está sob seus cuidados, como pode ser para os profissionais da saúde e da educação. Esses atores podem lidar constantemente com a morte e com os vários processos de luto, pois assumem o compromisso de cuidar da vida humana e guiar pessoas em seus processos de aprendizagens e, diante desse percurso, essas pessoas, que desenvolvem esses papéis, podem ser atravessadas por vivências e experiências que perpassam a morte e o processo de luto, assim como as pessoas que cruzam seus caminhos também podem estar vivenciando ou experienciando todos esses atravessamentos.

Ariès (1977, p. 16), assim como Kovács (2021), argumenta que os questionamentos diante da morte podem ocorrer e podem trazer consigo algumas atitudes que demarcam épocas e características diante da morte, frente a cada período histórico:

[...] a atitude diante da morte pode parecer quase imóvel através de períodos muito longos de tempo. Aparece como uma crônica. Entretanto, em certos momentos intervêm mudanças, frequentemente lentas, por vezes despercebidas, hoje mais rápidas e mais conscientes.

A morte acompanha o humano há muito tempo, a literatura, os mais antigos romances medievais trazem que a morte faz parte do processo humano, assim como assinalado por Kovács (2021) e Ariès (1977). Havia mortes naturais e mortes por doenças, por isso existia uma busca por descobrir quando a morte estava a se aproximar, na tentativa de domá-la. Segundo Kovács (1992, p. 25), a morte domada é:

a morte típica da época medieval. O homem sabe quando vai morrer, por certos avisos, signos naturais ou por convicção interna. Os homens daquela época eram observadores de signos e, antes de mais nada, de si mesmos. Eles morriam na guerra ou de doenças e, portanto, conheciam a trajetória de sua morte.

As experiências documentadas por volta do século XVIII revelam que a morte domada sinalizava um grande acontecimento: os rituais. O moribundo podia receber em seu quarto pessoas amadas para concretizarem seus processos de despedida – esses eram, por sua vez, autorizados e possuíam um teor de simplicidade e naturalidade. As crianças podiam participar, os parentes e os amigos podiam se fazer presentes (Ariès, 1977). A esses era permitido, segundo Kovács (1992, p. 25), “o lamento da vida, a evocação triste, mas discreta dos seres, das coisas amadas. O perdão dos companheiros e a absolvição sacramental”. Todos eram incluídos no processo de morte, havia uma previsibilidade, portanto podia haver uma organização em torno daquele que partiria.

Nesse período, os rituais aconteciam de forma natural e o sentir podia se fazer presente, ocorria a validação da tristeza e de demais sentimentos diante da morte da pessoa amada. Kovács (1992, p. 26) pontua que esse processo, frente à morte domada e todas as concepções que foram construídas ao redor dessa, seguiu-se por um tempo: “foi assim durante séculos, uma atitude familiar e próxima com a morte, por isso chamada de ‘morte domada’”. Essa aproximação da morte, esse dinamismo familiar, marcavam um lugar significativo: o compartilhar do pesar, da dor, das vivências e das experiências com as famílias, os amigos e conhecidos, que a morte deveria ser compreendida como natural, presente em todo o ciclo vital humano.

Essa concepção de morte, porém, começa a sofrer grandes mudanças no final do século XVIII, quando se começou a buscar a separação entre o mundo dos mortos e dos vivos, pois os antigos (tidos como sábios) temiam a proximidade com os mortos. Um acontecimento que

marca esse movimento é o ocorrido na cidade de Roma com a criação da Lei das Doze Tábuas, a qual proibia o enterro in urbe (no interior da cidade) e o que vem ocorrendo desde então é um afastamento da localização dos cemitérios nas cidades. O morto passa a existir fora da cidade e longe das casas que antes habitava (Ariès, 1977). Essa nova atitude diante da morte começava a demarcar que precisava haver distanciamento entre os vivos e os mortos. Com isso, a morte ficava cada vez mais distante da vida, passando a ser algo que acontecia fora de casa, fora do alcance das famílias, dos amigos e dos conhecidos, levando ao afastamento da concepção de naturalidade da morte que outrora se fez tão presente e potente.

No século XIX, segundo Kovács (1992, p. 28), ocorrem outras construções significativas diante da morte. A morte neste século é tida como romântica, é “considerada bela, sublime repouso, eternidade e possibilidade de uma reunião com o ser amado. A morte passa a ser desejada”. Essa nova ideia em torno da morte traz uma nova abertura e possibilidade de diálogo, o que se tornou distante no final do século XVIII. As pessoas passam a pensar na morte e a construir uma relação nova com essa, permitindo uma aproximação entre a vida e a morte, as convidando para adentrar novamente em suas casas. Outro marco que pode ter auxiliado nessa retomada de diálogo é o surgimento do espiritismo que pregava uma visão e perspectiva de uma vida futura.

Porém, por outro lado, o espiritismo também argumentava que era possível uma intermediação entre os vivos e os mortos, e isso foi gerador de alguns temores entre os vivos, devido à proliferação da crença de que os mortos podiam retornar para assombrar os vivos. Diante dessa possibilidade, um novo movimento se formou: a criação de rituais para afastar os seres mortos, como abrir uma janela ou porta assim que o morto falecia, pois isso facilitaria que sua alma pudesse ir embora e não voltar para incomodar os vivos, paravam-se todos os relógios, jogava-se sal na casa, acendiam-se velas etc. a fim de evitar o retorno dos mortos.

No mesmo período em que o medo se fazia presente, outras preocupações também foram comparecendo. A questão da insalubridade dos cemitérios compareceu, pois ocorreram várias epidemias nesse movimento de aproximação entre vivos e mortos, o que resultou conseqüentemente em mais um motivo potente para uma nova separação do mundo dos viventes e do mundo dos mortos (Kovács, 1992).

No século seguinte, século XX, segundo Kovács (1992, p. 29), há uma mudança significativa no que se constrói sobre esse tema, a morte é tratada como: “a morte que se esconde, a morte vergonhosa”. Nessa nova concepção de morte, nesse século, esse fato (morte) não mais pertencia à pessoa, retirava-se a responsabilidade e a consciência dessas, na tentativa de expulsar a morte para proteger a vida. Como resposta a esse movimento, ocorria o não falar

sobre, pois buscava-se falsear o acontecimento morte trazendo a concepção de estabilidade, em que nada deve ser mudado, nada deveria ser percebido. A morte aqui simbolizava o fracasso e não um fenômeno natural (Kovács, 1992). Nesse período, a morte e a vida não deveriam dialogar em hipótese alguma, só existia espaço para a vida, para diálogos sobre a vida, delimitando que a morte não fazia parte da existência humana, não por realmente não fazer parte, mas pelo desejo de não fazer e de negar essa realidade.

Diferente do século XVIII, onde a morte ocorria dentro de casa, com uma conotação natural, onde todos poderiam participar, no século XX ela ganha um espaço novo para acontecer: o hospital. As narrativas sobre essa troca significativa do lugar para acontecer a morte são alicerçadas na justificativa de que existiam mais recursos para “salvar” os enfermos da morte, mas essa concepção denuncia um contorno constante para o combater e o evitar a morte, retirando dessa sua conotação natural. Sobre essa mudança significativa, Kovács (1992, p. 30) relata:

Sob o pretexto de respeitar a vida, prolongam-se os dias de moribundo ao preço de sofrimentos suplementares, sem esperanças de milagres e contra o desejo do interessado. Será melhor para ele passar os seus últimos momentos sozinho, ligados a tubos e máquinas? Se o repouso é a coisa mais importante para a cura, certamente não o é para o paciente hospitalizado, que é continuamente interrompido em função de todo tipo de intervenções.

Com isso, a vontade e os desejos dos profissionais da saúde em lutarem contra a morte não deixa espaço para o diálogo da naturalidade que a morte traz em seu processo, evidenciando que a luta para encontrar mais e mais recursos que prolonguem a todo custo a vida, é um esforço que reforça cada vez mais a negação não só da morte, mas também da vida. Com isso, o desejo do sujeito que está vivenciando e experienciando um processo de adoecimento começa a ser pautado na esperança de que é possível combater a morte sob intervenções que potencializam a negação da condição natural da existência humana.

O século XX traz características novas para a percepção em torno da morte, porém é notório que essa foi sendo possível diante das concepções que estavam sendo tecidas no final do século XVIII, na tentativa de separar a vida da morte. Esse movimento que se inicia no século XVIII tem suas implicações até os dias atuais – os grandes cemitérios são projetados para fora das cidades, podendo trazer a ideia do afastamento da morte, de que ela ocorre de forma externa à vida, que vida e morte são concepções opostas e não segmentos, podendo trazer a ideia de que ambas não podem dialogar e isso pode impactar vários lugares, um deles é o processo que se faz após a morte, que é o processo de enlutamento. Segundo Ariès (1977, p. 87), tem-se movimentos e atitudes diferentes quando comparados a manifestações passadas, de

outros séculos anteriores, pois à medida que a morte vai recebendo novas concepções, o processo de luto também vai:

as manifestações aparentes de luto são condenadas e desaparecem. Não se usam mais roupas escuras, não se adota mais uma aparência diferente daquela de todos os outros dias. Uma dor demasiado visível não inspira pena, mas repugnância; é um sinal de perturbação mental ou de má educação. É *mórbida*. Dentro do círculo familiar ainda se hesita em desabafar, com medo de impressionar as crianças. Só se tem o direito de chorar quando ninguém vê nem escuta: o luto solitário e envergonhado é o único recurso [...].

Essas atitudes e desdobramentos são implicações decorrentes das construções que foram sendo tecidas ao longo dos séculos, apesar de o século XIX, em seu início, construir uma concepção da morte na qual as pessoas desejavam estar e viam por meio dela possibilidades de descanso e paz. Ao final desse mesmo século, a morte passa a ser vista novamente com temor, diante da crença de que tamanha proximidade podia levar aos mortos assombrarem os vivos, ou até mesmo retornarem da morte. Todas essas concepções que retiram da morte seu teor de naturalidade e implicam em crenças geradoras de temor implicam em desdobramentos negativos, não só em torno da concepção de morte, mas também da impossibilidade de existir o depois: o pesar pós-morte, o sofrimento pós-morte. Com isso, o processo de morte e luto torna-se cada vez mais desconhecido e incompreensível, como aponta Ariès (1977, p. 73-74), relatando sobre as concepções de morte no século XIX:

é como um retorno às formas excessivas e espontâneas- ao menos na aparência- da Alta Idade Média, após sete séculos de sobriedade. O século XIX é a época dos lutos que o psicólogo de hoje chama de histéricos- e é verdade que, por vezes, toca os limites da loucura, como no conto de Mark Twain. *The Californian's Tale*, datado de 1893, onde um homem que nunca aceitou a morte da esposa, passa há 19 anos o aniversário dessa morte esperando o impossível retorno, em companhia de amigos compadecidos que o ajudam a manter sua ilusão. Esse exagero do luto no século XIX tem um significado: os sobreviventes aceitam com mais dificuldade a morte do outro do que o faziam anteriormente. A morte temida não é mais a própria morte, mas a do outro.

Tais concepções ganham outra conotação no século XX, mas que também é pautada no afastamento de uma compreensão da morte como algo natural, da natureza humana, pois acreditava-se que afastar a consciência da morte era proteger a vida, trazendo a ideia de que as construções pós-morte que giravam em torno do luto não podiam ceder espaços para que os enlutados entrassem em contato com o sentir, com os atravessamentos que perder alguém amado pode trazer, afastando, assim, os diálogos da morte com o intuito de retirá-la da vida

humana, o que se transforma em algo inatingível, podendo trazer a falsa sensação de proteção. Kovács (1992, p. 29) ressalta isso quando relata que:

no século XX há uma supressão do luto, escondendo-se a manifestação ou até mesmo a vivência da dor. Há uma exigência de controle, pois a sociedade não suporta enfrentar os sinais da morte.

O século XXI, em que há a forte continuidade da mesma compreensão do século passado (século XX), reforça a crença de que a morte deve ocorrer dentro dos hospitais, para que os últimos momentos do sujeito enfermo ocorram dentro desse espaço a fim de que haja intervenções pautadas no prolongamento da vida. Essa concepção trazida do século XX para o século XXI reforça cada vez mais que a morte não é compreendida como sendo parte da trajetória humana, e que é necessário evitá-la a todo custo. Kovács (2021, p. 152-153) ressalta que: “privar o ser da sua humanidade em favor da técnica não é o melhor caminho para dignificar a existência humana. A morte é parte fundamental da existência [...]”.

Porém, compreender que a morte faz parte do processo humano e que ela ocorrerá em um momento ou outro não faz com que nos “preparemos” para ela, pois não há planejamento suficiente que ausente o sofrimento humano quando a vivência e a experiência da morte comparecem. Porém, dialogar sobre a morte e não a evitar pode, de forma potente, auxiliar nos processos em vida, como: viver a vida com a consciência de que a morte chegará em algum momento, externalizar desejos, angústias, sofrimentos antecipados, começando, assim, um trabalho para a morte.

Contudo, importante se faz também perceber que todas essas construções, ao decorrer dos séculos, podem sinalizar caminhos humanos já nessa tentativa de lidar com a morte, procurando dar nome, procurando encontrar algo que a explique, investigando o que ocorre com o corpo humano em seus processos biológicos, quando o mesmo passa a apresentar declínios significativos, quando a possibilidade da irreversibilidade se faz presente etc. O homem segue tentando nomear e doar sentido à morte desde muitos séculos, a fim de construir algo que evidencie os fatos, que explique o que acontece de fato diante da morte, na procura de algo que consiga abarcar toda a dimensão que essa pode trazer consigo.

Essas tentativas humanas em torno da morte também denunciam o que pode vir depois, que é o processo de enlutamento. Todas essas construções sobre morte impactam diretamente a compreensão do processo de luto, uma vez que, assim como as concepções de morte vêm sofrendo grandes mudanças, o processo de luto vem também. Em cada século, as percepções das vivências, das experiências, sofrem mudanças, pois estão a acompanhar todo o processo de

mudança das concepções de morte. Morte e luto estão entrelaçados o tempo todo. O tipo de luto que cada sujeito vivenciará dependerá do tipo de morte que ocorreu, de sua natureza, dos pontos específicos que cada morte pode sinalizar. O luto que ocorre após pode apresentar muitas nuances, pois é um luto específico, que denuncia uma morte específica, um vínculo e amor específico. No tópico a seguir, discutiremos sobre o processo de luto, o que é, o que alguns autores relatam sobre esse processo e compreender essencialmente que o processo de luto não ocorre somente por meio da morte concreta de alguém, pois os sujeitos podem enlutar-se diante de algo que foi perdido e que tem grande significância.

### **2.3. Luto**

Muitos foram os teóricos que tentaram conceituar o que é o luto, traduzir em palavras o vivido e o experienciado diante do processo de enlutar-se. Alguns dirigiram seus esforços para conceituar o luto vinculado à morte, aquela que sinaliza de modo irreversível a falência do corpo humano; outros perceberam que para além do luto vinculado a esse tipo de morte específica havia também outros processos de luto que sinalizavam não a morte de alguém amado, mas a perda de algo significativo, a ruptura com algo que outrora fora investido grande valor sentimental, grande relevância e que fora perdido.

A presente pesquisa é pautada na primeira atribuição de luto: o luto vinculado ao processo de morte concreta, por esse motivo as concepções aqui trazidas são específicas desse luto, porém é válido ressaltar que não é só esse tipo específico de luto que existe. Casellato (2015, p. 38) relata que “o luto tem especificidades em função do tipo de perda”, dessa forma a natureza do que foi perdido implicará na maneira com que o processo de enlutamento se dará.

Alguém pode perder o emprego e enlutar-se de forma profunda, pois o que foi perdido pode mostrar-se de maneira significativa e possuir valor relevante na experiência do sujeito. Outra pessoa pode encerrar um relacionamento e enlutar-se profundamente por perder o(a) parceiro(a) com quem fez planos inimagináveis e precisar se haver com a ruptura e a impossibilidade de concretização desses. Alguém pode perder um objeto, como, por exemplo, um par de óculos de grau e se enlutar profundamente pela perda desse e, quando observada tal perda, descobre-se que os óculos possuíam um investimento emocional significativo, quem o deu de presente fora uma pessoa muito amada, ou até mesmo o sujeito precisou fazer suas economias durante muito tempo para poder comprá-lo, e quando esse objeto é perdido outras coisas também se perdem.

Dessa forma, o luto possui desdobramentos diversos. Existem tipos específicos de luto, como, por exemplo, o luto não reconhecido, o luto adiado, o luto antecipatório, o luto inibido,

o luto por morte concreta etc. Esse último luto é o que será tratado durante a dissertação. Esse luto é advindo de mortes biológicas, daquelas em que o corpo encerra todas as suas atividades físicas e mentais. A seguir será iniciada a discussão sobre algumas teorias diante desse luto e seus processos. Serão utilizados autores clássicos e autores contemporâneos, como: Bowlby (2015), Kübler-Ross (2017), Parkes (1998; 2019), Franco (2021), Kovács (2021) e Neimeyer (2001).

Alguns desses autores acreditavam que o processo de luto era vivido em forma de fases e que o sujeito passaria por cada fase de forma linear – assim que concluísse uma fase, poderia seguir para a próxima. Os autores que acreditavam nesse processo de enlutamento diante da morte concreta, que é a morte pelo encerramento das atividades biológicas do próprio corpo, eram Bowlby (2015) e Kübler-Ross (2017). O primeiro autor, Bowlby (2015, p. 115), argumentava que o enlutado vivenciaria e experienciaria o luto por meio das seguintes 4 (quatro) fases: “1. Fase do torpor ou aturdimento; 2. Fase da saudade; 3. Fase de desorganização e desespero e 4. Fase de maior ou menor grau de organização”. O intuito de Bowlby era possibilitar um lugar para as pessoas que se encontravam enlutadas, a fim de lhes oferecer um norte, um caminho para seguir, visando uma maior estabilidade.

Na primeira fase, que consiste no torpor ou aturdimento, Bowlby (2015) pontua que o enlutado pode vivenciá-la e experienciá-la por algumas horas a uma semana, pois ela acontece logo após a notícia da morte do ente amado. Os sujeitos podem, no ato de escutar a notícia, ficar apáticos ou apresentar sérias desorganizações internas e externas, mas isso deve passar com os dias, pois essa fase precisa abrir espaço para outros sentimentos chegarem e outras fases se estabelecerem. Já na segunda fase, na qual o sujeito pode apresentar fortes sentimentos de saudade, o mesmo pode buscar pela pessoa amada, pela figura perdida, por alguns meses e com frequência até por vários anos. Nessa fase, em específico, a pessoa entra em contato aos poucos com a realidade. Ela vai percebendo que a pessoa amada realmente não se encontra mais presente de forma física e isso pode desencadear muitos sentimentos e reações.

Na terceira fase, conhecida como a fase da desorganização e do desespero, o sujeito pode experimentar uma desorganização significativa após ter entrado em contato com a realidade da morte física do ente amado na fase anterior e isso pode levá-lo à consciência da irreversibilidade do que aconteceu e conseqüentemente ao desespero, por imaginar que aquilo que se perdeu não é possível de ser reatado, reconstruído ou recolocado no universo de forma física.

Na quarta e última fase, o sujeito já consegue perceber a realidade de sua perda e começa a enxergar que ela fará sempre parte de sua vida, começando, assim, a organizar alguns sentimentos internos, a fazer as pazes com quem se foi. A raiva vai cedendo espaço para outros

sentimentos, como a gratidão por tudo que foi vivido e experienciado. Por outro lado, pode ocorrer também de o sujeito não conseguir esse grau de organização e, se isso não ocorre, acarreta significativos transtornos à vida dessa pessoa que precisa lidar e seguir com sua própria existência.

Kübler-Ross (2017), assim como Bowlby (2015), acreditava que o processo de enlutamento também poderia ser vivido e experienciado em fases que levavam a estágios específicos. Isso aplicava-se a pessoas em curso final de vida e àquelas que estavam em processo de enlutamento diante da morte de alguém amado. Sua teoria foi pautada em seu trabalho com pacientes sob cuidados paliativos e, em suas observações, a mesma pôde notar uma semelhança e aproximação entre todos os pacientes que atendia. Existiam ansiedades, temores, medos e esperanças nesses pacientes, e isso se revelava em sua grande maioria (Kübler-Ross, 2017).

Os estágios que consistiam na expressão do processo de enlutamento elaborado por Kübler-Ross eram organizados em 5 (cinco) estágios. O I estágio consistia na negação que levava ao isolamento e isso se dava logo após a notícia do processo de doença ou da notícia da morte da pessoa amada. Esse processo de negação apresentava-se como uma possibilidade de defesa, na qual o sujeito não tinha condições emocionais para lidar com tamanho sofrimento e sua escolha era não acreditar no que estava a acontecer na realidade. Já no II estágio, o sujeito já teria acessado a realidade e estaria tentando lidar com ela, sob forte sentimento de raiva. Os pacientes que se encontravam nessa fase experimentavam a raiva de si mesmas, a raiva da situação em si e podiam também experimentar a raiva direcionada a pessoa que morreu. Para além do sentimento de raiva, muitos questionamentos também podiam comparecer nessa fase, como o porquê de isso estar acontecendo com eles e não com outras pessoas (Kübler-Ross, 2017).

Após ter passado e superado os dois estágios anteriores, o sujeito podia, então, iniciar o III estágio, que consistia na barganha. Nesse estágio, o paciente tentaria realizar uma espécie de troca, argumentando que, se fizesse algo especial, poderia Deus retirar a condição atual de fim de vida ou então amenizar o sofrimento e a dor. Os sujeitos que assim lançavam essa proposta estavam sob tentativa de mudar seus percursos, seus prognósticos que não lhes eram favoráveis, tentando evitar a morte e oferecendo algo em troca para que essa possibilidade fosse possível.

Já o IV estágio denuncia o fracasso dessas negociações, em que os pacientes podiam experimentar um processo depressivo, enxergando suas capacidades sofrerem grandes declínios e entrando em um sofrimento profundo, pois não havia mais como negar a realidade da morte que se aproximava cada vez mais e nada que fizesse poderia mudar tal cenário. O V e último estágio, que consistia na aceitação, podia levar o sujeito ao encontro consigo mesmo, com o

reconhecimento de suas lutas internas e externas e a construção de uma nova relação com sua nova realidade. Segundo Kübler- Ross (2017, p. 112), nesse estágio o paciente:

Terá podido externar seus sentimentos, sua inveja pelos vivos e saudáveis e sua raiva por aqueles que não são obrigados a enfrentar a morte tão cedo. Terá lamentado a perda iminente de pessoas e lugares queridos e contemplará seu fim próximo com um certo grau de tranqüila expectativa.

O caminho de enlutamento desse sujeito, que passa por todas as fases que a autora propõe, assemelha-se com as fases que Bowlby (2015) também assinala, no sentido que o sujeito, ao receber a notícia de seu processo de adoecimento ou a notícia da morte de alguém amado, pode, em um primeiro momento, apresentar reações de espanto, sentir muitos sentimentos e até mesmo não acreditar naquilo que se ouve, naquilo que apresenta-se na ordem da realidade, e, com o vivenciar e experienciar de outros momentos e com o caminhar de seu processo interno e externo, o mesmo pode ser levado a construir uma melhor relação com sua doença ou enlutamento. Ambas as teorias ganharam grande visibilidade por propor um caminho a seguir pelos pacientes em processo de terminalidade e também aos sujeitos que vivenciavam um processo de luto decorrentes da morte de alguém querido.

Diante das colaborações desses autores, pôde-se pensar que o processo de luto está presente nos estágios vivenciados e experienciados dos pacientes, até mesmo naqueles em que há negação, pois, até mesmo nesse, existe um atravessamento constante, que, em outras fases, comparecerá denunciando as evidências de inúmeras perdas e a necessidade de enfrentamento dessas. Apesar de essas teorias terem sido de grande relevância para os estudos do luto, elas não são utilizadas na contemporaneidade, por compreender que o processo de luto não ocorre sob um curso linear. Alguns autores contemporâneos, utilizando-se dos avanços por meio das possibilidades de pesquisas e novos saberes, têm dialogado cada vez mais com as inúmeras questões que o luto traz: suas formas de vivenciar e experienciar, que são particulares, as formas de enfrentamentos que também dependem de cada sujeito e sua história de vida etc.

Diferente dessas concepções, na atualidade são tecidas outras narrativas teóricas diante do processo de luto. O abandono de teorias como as de Kübler-Ross (2017) e Bowlby (2015) se deve ao fato de que o luto pode apresentar-se de formas distintas a depender de cada sujeito, de cada cultura e de cada construção em torno desse. As narrativas da atualidade concentram seus esforços na compreensão dos processos que são realizados para que a adaptação de cada sujeito a seus processos de perda seja possível e de que forma o são, considerando as construções individuais, coletivas e as singulares que cada esfera dessa pode apresentar, percebendo que, para isso, o caminho linear e homogêneo não conversa mais com esse sujeito

que está a se enlutar, ao mesmo passo que esse também está o tempo todo se criando, reinventando e se redescobrendo dentro de seu processo de luto.

Portanto, o sujeito que está enlutado e está também se reinventando o tempo todo é um sujeito fluído que está em contato com a cultura, que possui compreensões sobre o luto, está a receber influências das concepções biológicas, cognitivas e espirituais, e todas essas instâncias impactarão na própria compreensão desse, portanto não há como padronizar as construções do luto (Franco, 2021). Sob essa perspectiva, que aponta Franco, há a necessidade de compreender que a dimensão do luto vivenciado e experienciado precisa ser observada e seguir também a complexidade humana, as mudanças sociais, culturais, as compreensões da cognição lançadas sobre o processo de luto, o corpo biológico que possui dimensão importante nas determinações vitais e na espiritualidade de cada sujeito. Dessa forma, o luto necessita ser compreendido em uma dimensão de totalidade.

Partindo, então, dessa necessidade de compreensão do processo de luto como uma totalidade que contém várias nuances, Franco (2021, p. 29) traz alguns aspectos relevantes que estão sendo construídos da atualidade para tal compreensão:

na contemporaneidade, o foco maior está na distinção entre o luto como vivência resultante de uma perda, com suas necessidades adaptativas, e o luto que requer atenção devido ao sofrimento experimentado por aqueles a quem afeta, com a avaliação dos fatores de risco e de proteção.

Dessa forma, como assinalado por Franco, o intuito da atualidade no que tange aos estudos do processo de luto pode se desdobrar em duas esferas, a primeira: a compreensão do vivenciado que parte unicamente da vivência, do experienciado, da relação que o sujeito tem com o processo de luto; e o segundo pautado nos fatores de risco e de proteção frente ao sofrimento experienciado pelos enlutados.

Diferente das concepções de luto de Kübler-Ross (2017) e de Bowlby (2015), Franco (2021) acredita que o processo de luto não está pautado em fases e, com isso, as concepções da contemporaneidade aderem maior ênfase à vivência e à experiência do próprio sujeito enlutado, buscando a singularidade do sentir. A presente pesquisa concentrou seus esforços nesta captura da experiência singular dos sujeitos, que é a primeira esfera a qual Franco (2021) pontua, buscando as narrativas dos sujeitos que vivenciaram e experienciaram processos de enlutamento devido à morte concreta de alguém amado, ao decorrer de seu desenvolvimento humano.

Contundo, a segunda esfera, no que tange à proteção, compareceu mesmo não sendo o intuito da dissertação. Isso se deu porque falar sobre perdas, morte e os processos de luto pode

ser uma alternativa de proteção à saúde e ao auxílio no processo de integração da perda da história de vida do sujeito que é impactado. Por meio da técnica utilizada para coleta dos dados, que foi a entrevista narrativa, pôde-se proporcionar um espaço protegido e acolhedor, um lugar benéfico para que os fatores que atravessam os sujeitos entrevistados em seus processos de enlutamento fossem elaborados por meio de várias narrativas significativas que partiram do sentir singular e das concepções e construções sociais e culturais que também vão impactando fortemente na construção dos processos de luto, pois o sujeito que se enluta está em um ambiente social contextualizado, com crenças e valores explícitos e implícitos. Franco (2021, p. 45) traz essa concepção dinâmica, na qual o sentir individual é também contornado pelos aspectos sociais contextualizados:

a experiência humana de perder alguém significativo ou de ver romper-se um vínculo com uma situação que dava significado á própria vida, definindo os contornos de sua identidade, deixa marcas na biografia de qualquer pessoa. Somos seres biográficos e, em cada uma de nossas páginas, não ficam registrados apenas relatos, mas experiências verdadeiramente vividas[...] [...] A história da perda é ao mesmo tempo individual e amplamente contextualizada.

Em todo processo do desenvolvimento humano, os sujeitos estão a construir suas biografias, sendo atravessados o tempo todo pelos acontecimentos vivenciados e experienciados. As perdas e os processos de luto são acontecimentos que podem marcar profundamente a biografia de alguém. Encontrar-se enlutado pode acarretar em uma nova necessidade: a necessidade de reconexão com a vida, com o que continua apesar da ausência de alguém que doava sentido à existência desse sujeito. Pode surgir a necessidade de retraçar ou ressignificar a biografia já existente, mas que denuncia que perdeu uma parte muito importante de si. Esse se faz possível à medida em que o coletivo, o social, a cultura, possibilitam esse movimento. O processo de luto, por ser contextualizado em um tempo e espaço social, pode levar os sujeitos enlutados a possibilidade dessas construções, ou não.

O contexto social possui uma relevância significativa, para além de possibilitar o amparo ao enlutado e viabilizar seu processo de luto, o validando e tornando singular seu processo, há a possibilidade de aprovação de ritos, manifestações de pesar e movimentos de despedidas. Quando o contexto social não viabiliza isso, as manifestações podem ser inibidas e acarretar sérios danos aos que sentem, como, por exemplo, adiar o processo de luto desses, levando a um sofrimento ainda maior. Os sujeitos que têm seus lutos validados e viabilizados

socialmente podem conseguir vivenciar seus processos de formas mais saudáveis e com maior dignidade. Franco (2021, p. 101) manifesta essa compreensão:

Quando alguém morre, um conjunto de comportamentos se manifesta. Ações precisam ser executadas: há providências legais a ser tomadas, comunicações a ser feitas, rituais a ser encomendados e pagos. Os indicadores da adequação dessas ações estão fortemente enraizados nos costumes e significados da cultura onde ocorreu a morte ou á qual pertence o grupo afetado por ela. O que está asseverado pela tradição e confirma o papel organizador dos rituais reflete significados favorecidos pela cultura, pois esta fornece uma moldura para que os afetados pela perda se organizem em modelos conhecidos, sem menosprezar o valor da personalização dos rituais [...].

A cultura é um sistema vivo, mesmo que existam normas e regras estabelecidas dentro de um todo social, a cultura tece humanidade, aquilo que abarca e procura delimitar denuncia desejos de validação e desvalidação. Cada cultura vai sugerir seus próprios ritos de passagem diante da morte e do processo de enlutamento; há características específicas, mesmo que cada família se sirva de suas particularidades e individualidades. A cultura determinará o que poderá ser bancado dentro da vivência e experiência coletiva. Dessa forma, o processo cultural impactará fortemente nos ritos e estratégias para velamento do corpo daquele que teve suas funções biológicas findadas. Diante disso, podem existir vários desdobramentos, um deles é que a cultura, até mesmo sem ter o objetivo de auxiliar nos contornos que o luto terá para cada sujeito, acabará influenciando como serão os dias próximos vividos pelo enlutado, pois ela é que permitirá ou não que os sujeitos tenham a possibilidade de elaborar seus lutos dentro da realidade que ela mesma (cultura) determina.

O processo cultural que impacta fortemente o luto pode também receber influências da religião, pois muitas culturas são alicerçadas em costumes e tradições religiosas. Kovács (2021, p. 14), partilhando dessa mesma perspectiva de Franco (2021), relata que a cultura tem forte impacto diante do processo de vivência e experiência do luto, e que há ainda em algumas culturas a influência direta da religião sobre os ritos, como é o caso de algumas culturas do Ocidente: “em um contexto religioso, o corpo não pertencia mais à família, e sim à igreja”. Diante disso, cabia à igreja, por meio de suas crenças, valores e processos simbólicos, determinar o que seria feito com o corpo daquele que estava morto. Os familiares, amigos e conhecidos dependiam totalmente da permissão e ordenamento da igreja para permitir que seus processos de despedidas aconteceriam e seriam viáveis.

Porém, ao mesmo tempo em que a religião pode se mostrar determinante diante dos processos de luto, ela também pode ser fonte potente para o enfrentamento desse processo, pois, diante da morte, os sujeitos podem encontrar-se estáticos, sem saber o que fazer ou como fazer,

portanto, se participam de alguma religião, podem ter esse direcionamento de como proceder com o corpo, quais ritos realizar e se tais ritos podem ser viabilizados. Franco (2021, p. 108) argumenta que: “a crença possibilita a construção de um significado; a existência de rituais que dão ao enlutado previsibilidade e ferramentas para lidar com sua condição”. Portanto, a religião pode permear esses dois lugares: o de determinante e o de direcionamento para possibilitar a construção de significados.

Participar de uma comunidade, de uma religião, pode auxiliar nesse fator significativo dos processos diante da morte e até mesmo no pós-morte, pois a religião pode doar sentido às experiências de pertencimento, viabilizando a integração social, tecendo fios resistentes no que tange à rede de apoio (Franco, 2021). Contudo, é necessário que cada enlutado perceba o que pode auxiliar nesse processo singular, compreender se suas crenças estão alinhadas com os processos religiosos e se esses conseguem dar conta de seus aspectos emocionais, suprindo suas necessidades de ressignificações e construção de sentidos frente à perda, tendo que o processo de enlutamento é único e singular.

Após perceber as nuances que os fatores culturais e religiosos podem exercer sobre os sujeitos, alguns autores procuraram aprofundar nesse diálogo, percebendo como é possível que os sujeitos construam seus processos de luto dentro desse macrossistema que é o social e nos microssistemas que são instâncias particulares guiadas por valores e crenças pessoais. Um desses autores é Neimeyer (2001), que, dialogando com as construções de Franco (2021), acredita que é possível que os sujeitos realizem alguns processos individuais e sociais para a elaboração de seus processos vivenciais do luto. O autor defende a ideia de que os enlutados podem criar micronarrativas e mais tarde integrar as macronarrativas de sua história. O autor ainda sugere que, para que essas autonarrativas se sustentem, é necessário que o enlutado realizasse duas tarefas: redefinir a si mesmo e redefinir sua maneira de se engajar no mundo.

Desse modo, a experiência do luto aconteceria a partir da vivência de cada sujeito, inicialmente sentida por meio de seu microssistema, buscando compreender a perda sob a ótica de suas próprias crenças e familiaridade. Somente depois desse movimento seria então possível que os sujeitos aderissem todo esse caminhar a suas outras instâncias: o social que comporta o macrossistema de cada um. Em ambas, o enlutado estaria a elaborar narrativas sobre seus processos de perda, narrando o que foi de fato perdido, os desdobramentos genuínos que tal perda revela, pois essas são potentes frente às 2 (duas) tarefas que o autor relata serem necessárias: a redefinição de si mesmo e a redefinição de engajar-se no mundo.

Portanto, como aponta Franco (2021), na contemporaneidade, a vivência de um luto resultante de uma perda buscará por processos adaptativos, que dependerão, como aponta

Kovács (2021) e Franco (2021), de uma busca também pela autorização e validação da cultura e da religião, e que é a partir disso que os sujeitos se guiarão em todo o processo de morte e pós-morte. O sujeito buscará em seu microssistema e depois em seu macrossistema os recursos necessários para criar suas narrativas a fim de realizar 2 (duas) tarefas, que, segundo Neimeyer (2001), são necessárias, que são redefinir a si mesmo e depois redefinir seu próprio engajamento no mundo. Entretanto, para que se crie essas narrativas, tanto no microssistema quanto no macrossistema, é necessário compreender a natureza da vinculação que os sujeitos enlutados teceram com aqueles que perderam.

As concepções de Parkes (2009) buscam nomear uma vinculação específica entre enlutado e quem foi perdido. O autor acredita que, para haver um processo de enlutamento para além de todas as questões já destacadas, há uma especificidade na relação, na construção dos vínculos, que leva os sujeitos a se enlutarem, a fazerem seus processos de luto, que é o envolvimento de um sentimento nomeado amor. Esse sentimento é tecido nas relações e, quando há uma perda, muito se perde, a relação, o vínculo físico, as construções conjuntas. Nessa perspectiva, todos os sujeitos constroem responsabilidades, todos precisam doar-se por completo, e se a perda chega e se tem a sensação de que muito se perdeu, é porque também muito se teve, muito se amou e muito se foi construído.

Parkes (2009, p. 39) evidencia isso de forma clara quando diz que a perda é: “o resultado comum ao amor e ao pesar, o preço que temos que pagar”. O autor é o primeiro a compreender que os processos de vinculação que envolvem o amor e resultam na perda, são resultados de um preço que todos devem pagar, pois se investiu muito. A premissa do pesar, segundo Parkes (2009), é a dor que provém do luto equivalente ao tamanho do investimento, do amor direcionado à pessoa falecida e que só se sofre e se enluta por aquilo ou por alguém que é significativo. O luto, nessa compreensão, parte da ideia de que o custo do amor direcionado e investido a alguém é alto e a única forma de evitar tal dor oriunda do processo de rompimento seria evitando o vínculo que resultou no amor. Somente evitando as relações e o envolvimento com o amor é que seria possível não se enlutar.

Diante do amor tecido nas relações e com a realidade da perda, se teria uma resposta: o luto. Parkes (1998, p.21) acredita que: “o luto é, afinal, uma resposta normal para um estresse que embora raro na vida de cada um de nós, será vivido pela maioria, mais cedo ou mais tarde [...]”. Assim, o luto será uma resposta esperada em uma relação que houve investimento e, conseqüentemente, perda. Será raro por se tratar de um acontecimento singular, único, na vida do sujeito que o experiencia, sendo que, ao vivenciar tal evento, o sujeito pode também se deparar com o estresse, sendo esse um processo normal, pois haverá respostas que traduzirão o

peso do pesar, do enlutar-se, do lamentar-se pelo que foi perdido, sem possibilidade de reversibilidade.

Apesar de o luto tratar-se de uma resposta normal, e, às vezes, evidenciar um estresse por se tratar de um evento único, Parkes (1998, p. 28) adverte que: “o luto pode não causar dor física, mas causa desconforto e geralmente altera as funções”. Isso se dá porque o funcionamento do sujeito pode ser alterado. Podem ocorrer mudanças significativas em seu fazer diário – se antes esse trabalhava todos os dias, possuía uma rotina de atividades fixas e as elaborava com maestria, diante da vivência e da experiência do luto, esse mesmo sujeito poderá se sentir impossibilitado por algum tempo de realizar tudo que realizava anteriormente, pois o luto pode desorganizar o funcionamento da própria pessoa.

A experiência do luto sempre será singular, poderá ser tecida inicialmente em seu microsistema e, depois, em seu macrosistema, passar por várias concepções individuais e também coletivas, em que será possível perceber que alguns sujeitos poderão passar pelo processo de luto de uma forma natural e outros podem apresentar maiores dificuldades no enfrentamento das questões que comparecem por meio do luto, pois essa vivência e experiência exigem inúmeras respostas e ressignificações dos enlutados. O processo natural, aquele esperado, e que Parkes (1998, p. 22) sinaliza, é aquele do qual o sujeito pode se reestabelecer: “o luto assemelha-se a uma ferida física [...] a perda pode ser referida como ‘um choque’. Assim como no caso do machucado físico, o ‘ferimento’ aos poucos se cura”.

Assim sendo, o sujeito em processo de enlutamento pode vir a experimentar uma sensação semelhante à de uma ferida física, uma sensação de choque, porém o esperado é que todas essas sensações encontrem lugar na existência do sujeito para que ele consiga caminhar com seu processo de luto ao decorrer de sua vida, onde consiga ir ressignificando sua relação com a pessoa perdida, restaurando e reconstruindo o que resultou de tantos investimentos, sendo o grande precursor desse caminho: o amor. A resposta a essa necessidade de desvinculação física traduzida no luto necessita abrir novas possibilidades de reconstrução desse vínculo perpassando por novas perspectivas de conexão.

Nessa possibilidade de novas conexões, é relevante compreender que o processo de luto pode resultar em vários desdobramentos. Um deles é o desenvolvimento de recursos potentes para sobrevivência, e conectar-se com o que está sendo possível de ser desenvolvido dentro dessa vivência e experiência da perda é conseguir observar que há um processo de fortalecimento interno e externo e, perante essa possibilidade de fortalecimento, podem surgir novas formas de conectar-se com aquele que se foi, ressignificando a única possibilidade anterior existente, a física. Isso pode se dar porque talvez a única forma de conexão conhecida

do sujeito enlutado era a presença física.

Os sobreviventes enlutados podem experimentar essa dificuldade em perceber que após o processo de morte, estando sob o processo de luto, os mesmos podem buscar outras formas de conexão com quem já se foi. Essa conexão sinaliza a busca de algo significativo da relação que se tinha com quem faleceu, percebendo que o processo de morte e enlutamento não determina o fim da relação em si, mas uma nova possibilidade de conexão. O processo de luto ocorre frente àquilo que foi e é significativo, o mesmo existe, pois foi feito um investimento alto em uma relação, uma pessoa, existindo o sentimento de amor.

Parkes (1998), por meio de sua sensibilidade em argumentar que o luto é o preço que se paga pelo amor, pelo compromisso, tenta proporcionar espaço para que os enlutados encontrem compreensão em seus processos experienciais. O autor argumenta ainda que não se pode saber com exatidão o que foi perdido, pois somente quem perdeu reconhece quantas perdas cabem dentro do processo de enlutamento. Parkes (1998, p. 24) exemplifica isso por meio de algumas considerações sobre o experienciar do processo de luto de uma esposa que perde o marido, mas que não se perde só o marido:

Mesmo o luto por morte não é simplesmente um estresse como pode parecer à primeira vista. Em qualquer luto, raramente fica claro com exatidão o que foi perdido. A perda do marido pode significar ou não a perda do parceiro sexual, do companheiro, do contador, do jardineiro, daquele que cuida das crianças, daquele que é interlocutor em uma conversa, que aquece a cama com sua presença, e assim por diante, dependendo de algumas regras geralmente cumpridas pelos maridos. E, ainda, uma perda geralmente traz consigo outras perdas secundárias.

Portanto, o processo de enlutamento depende da relação que foi construída entre os sujeitos, essa pode ser precursora de acentuado sofrimento ou da ausência desse. Se houve investimento alto, o sofrimento também será alto, se não houve investimento não há processo de enlutamento. O sujeito que falece pode ter exercido vários papéis na relação com a pessoa que se encontra enlutada, podendo culminar em várias perdas, como citado por Parkes. Somente o sujeito enlutado poderá narrar o que perdido foi, quantas perdas couberam e cabem dentro da partida dessa pessoa.

Contudo, dialogar sobre luto como resposta ao sentimento amor, como argumenta Parkes (1998), é compreender também que existe ainda muito o que ser considerado, como colocado por Franco (2021), Kovács (2021) e Neimeyer (2001). Tais autores, utilizados para tecer esse diálogo de construção frente ao que pode ser o processo de luto, se esbarram e se complementam de forma significativa. Franco (2021) considera que o luto precisa ser compreendido enquanto

experiência de uma perda com necessidade de adaptação, Kovács (2021) e Franco (2021) acreditam que os processos sociais, culturais e religiosos impactam fortemente a vivência e experiência do luto. Neimeyer (2001) argumenta que há uma necessidade de o enlutado buscar construir narrativas de seus processos vivenciais e experienciais frente a seus enlutamentos, buscando reconstruir a si mesmo e sua relação com o mundo. Parkes (1998, 2009) acredita fielmente que a experiência de enlutamento perpassa pelo vínculo construído que foi tecido sob o sentimento de amor. Todos os autores consideram os processos adaptativos, considerando que o social possui grande impacto no processo de luto.

Portanto, ao finalizar esta seção, que abordou as perdas que se apresentam como um processo natural, a morte que sinaliza uma perda concreta da ordem da realidade e da resposta ao sentimento sob a perda de alguém amado, o luto, abordaremos na seção a seguir as aproximações entre o tema luto e escola, compreendendo que essa relação é permeada por silenciamentos, mesmo a escola sendo um espaço de encontros sociais, onde há perdas, morte e luto. A fim de compreender e refletir sobre esses silenciamentos, a seção apresenta quatro subtópicos, que são: a escola como espaço sócio-humano de inter-relações; a morte silenciada na escola; as perdas e os lutos na escola; a escola como espaço de diálogo: possibilidades.

### **3. APROXIMAÇÕES ENTRE O TEMA LUTO E ESCOLA**

Esta seção busca compreender se o diálogo sobre perdas, morte e luto são permitidos no ambiente escolar a partir da bibliografia vigente sobre a aproximação desses temas com a realidade escolar. Pensar no espaço escolar é compreender que esse lugar entrelaça várias existências, inúmeras subjetividades e coletividades. Nesse espaço, está presente o humano em todas as suas complexidades de desenvolvimento. Dessa forma, dialogar sobre o espaço escolar é necessariamente dialogar com um espaço onde a natureza humana se revela, as pessoas se encontram, relações são tecidas, vida e morte comparecem, e os processos de luto se fazem presentes, uma vez que esse atravessa o humano como um todo. Visando dialogar sobre todas essas interfaces, serão apresentados alguns construtos sobre: a escola como espaço sócio-humano de inter-relações; a morte silenciada na escola; as perdas e o luto na escola; a escola como espaço de diálogos.

#### **3.1. A escola como espaço sócio-humano de inter-relações**

A escola apresenta-se como uma potente fonte de relações interpessoais, pois ela é composta por uma infinidade de pessoas humanas, há um encontro marcado que entrelaça quem compõe o espaço escolar, há construções singelas sendo criadas através desses encontros, o ser

que atravessa e instiga esses a se tornarem uma unidade. O espaço escolar vai sendo criado e recriado a todo momento por meio das relações que o compõem, as subjetividades se fazem presentes lançando o convite para a construção de sentidos e significados pautados no comparecimento único de cada um que se transforma em uma coletividade.

Desse encontro surgem várias possibilidades pautadas na construção de vários tipos de aprendizagens, como: a construção de identidades conjuntas por meio do compartilhar das ideias, sentimentos, pensamentos, do respeito às diferenças, à criatividade, ao pensamento crítico, à construção de habilidades sociais etc. Esse encontro que ocorre na escola demarca possibilidades inúmeras de crescimento e desenvolvimento coletivo. Somente por meio do contato com o outro é que será possível o comparecimento de um funcionamento individual e coletivo.

O funcionamento individual comparece frente ao reconhecimento do outro, do que há do outro em si mesmo, enquanto o funcionamento coletivo será construído por meio da relação desse encontro genuíno, onde há a validação do outro frente à sua existência. Os autores Kassin, Fein e Markus (2021, p.348) argumentam que:

nenhum tópico fascina mais as pessoas deste planeta que a atração interpessoal. Com a necessidade de pertencer, nós, humanos, somos obcecados por amizades, encontros, relacionamentos românticos, namoro, amor, sexo, reprodução, orientação sexual, casamento e divórcio. Dramaturgos, poetas e músicos escrevem com eloquência e emoção sobre o amor desejado, conquistado e perdido.

O processo educacional corrobora de forma significativa com esse fascínio pelas relações entre os humanos, uma vez que uma de suas características é serem voltadas para o ensino na coletividade, das massas e não do individual. As instituições escolares possuem esse encantamento pelo humano, pelas várias formas de aprendizagens por meio das relações interpessoais que vão sendo construídas em seu interno. Os sujeitos passam a buscar na escola a possibilidade de encontro com outras pessoas, e a escola, em seu papel sócio-humano, pode possibilitar espaços extremamente potentes à viabilização do crescimento a partir da relação com o outro e por meio do outro.

A escola pode proporcionar, por meio do convite à socialização, a sensação de pertencimento nos indivíduos que a compõem. Esses podem sentir-se pertencentes a um grupo específico (grupo escolar) e elaborar vários significados a partir desse lugar. Kassin, Fein e Markus (2021, p. 349) relatam que: “a necessidade de pertencimento é uma motivação humana fundamental”, assim sendo, todos os humanos irão buscar lugares para pertencer, e a escola é um lugar rico diante dessa possibilidade.

O espaço que é aberto para o humano no contexto escolar convida seus integrantes ao contato genuíno. Tal contato sinaliza esse ser como um ser-social que necessariamente fará contato com o outro que, assim como esse, está inserido em uma cultura específica, em um contexto específico e em um espaço e tempo idêntico ao seu próprio. Entrar em contato com aquilo que os aproxima e com o que pode os distanciar se torna essencial, uma vez que sinaliza que, para além da mera aprendizagem tradicional, existem sentidos outros que perpassam o campo escolar, que são constituídos e construídos pelas relações sociais.

Tais relações podem nutrir a vida dos sujeitos até mesmo para além da escola, pode entrelaçar uma comunidade inteira e a convidar a participar do espaço escolar que também é um espaço social que potencializa as reações como um todo. Os sujeitos que participam ou já participaram de alguma instituição escolar podem se lembrar muito mais das suas relações sociais construídas nesse espaço do que dos próprios conteúdos apreendidos durante o processo de escolarização, pois as relações sócio-humanas possuem potencialidades significativas.

Por meio dessas, os sujeitos podem ser impactados e direcionados a despertar para o senso da coletividade, para o espírito coletivo, para o existir em e para os grupos, uma vez que as vivências e as experiências podem se mostrar enriquecedoras. Os espaços escolares que possibilitam esses encontros podem impactar fortemente os sujeitos até mesmo quando não mais participarem desses espaços institucionais, ocorrendo a memorização das lembranças significativas, do processo de desenvolvimento que se deu a partir do contato com o outro.

A vivência e a experiência do outro pode proporcionar inúmeros fenômenos singulares quando compartilhados e somados à história de vida de outros. A escola, ao acolher as vivências e experiências dos sujeitos que a compõem, pode potencializar as interações entre os sujeitos humanos, uma vez que há a possibilidade de integrar as várias vivências e experiências a um senso de coletividade maior, buscando validar o próprio curso da experiência, compreendendo que esta carrega em si várias dimensões, do vivido, do sentido, do sentir, do significar, ressignificar etc., pois os sujeitos que compõem o espaço escolar apresentam-se como um todo e não somente como partes.

Morin (2011, p. 35) relata que:

unidades complexas, como o ser humano ou a sociedade, são multidimensionais: assim, o ser humano é ao mesmo tempo, biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa... O conhecimento pertinente deve reconhecer o caráter multidimensional e nele inserir estes dados: não apenas não se poderia isolar uma parte do todo, mas as partes uma das outras.

Dessa forma, como destaca Morin (2011), o humano é um ser multidimensional assim

como a sociedade também o é, portanto, argumentar que a escola é um espaço sócio-humano é afirmar que tanto o espaço social, quanto o espaço humano se entrelaçam o tempo todo, e um coexiste no outro, impactando, redirecionando, reconstruindo e caminhando. Ambos apresentam complexidades comuns: são influenciados por contextos, por culturas, por tempo, espaço e compõem um todo: o espaço sócio-humano. Diante disso, o processo educativo precisa necessariamente compreender todas essas interfaces e complementariedades. Silva (2019, p. 77) relata que:

A educação apresenta uma série de situações em que as pessoas estão posicionadas e que necessitam ser compreendidas. Durante muitos séculos a preocupação do homem era com um modelo de educação que buscava o seu desenvolvimento integral, seus aspectos físicos e intelectual, para que pudesse atingir sua maturidade individual e social. Esta mencionada proposta de educação faz parte do modelo ideal-humanista, fundamentado na cultura greco-romana, que buscava atingir o nível humano com possibilidades de vida total e harmônica. Com o desenvolvimento da sociedade e com as mudanças socioculturais, esse modelo foi substituído pelo modelo que prioriza o aspecto instrumental, a formação meramente técnica. Assim, nas sociedades que se desenvolveram a partir do modelo econômico capitalista, a educação passa ter um caráter técnico e voltado para o trabalho. Essa perspectiva educacional não deu conta das necessidades dos seres humanos.

Por essa educação não ter dado conta da complexidade que o humano apresenta, faz-se ainda mais necessária a reflexão sobre a perspectiva da escola como via sócio-humana, e não sócio-conteudista, pois os conteúdos tidos como tradicionais não conseguem abarcar o humano em seus processos inteiros e integrais. Pensar na instituição escola como fonte de desenvolvimento sócio-humano é pensar em uma escola que contempla e valida a interação entre todos os componentes e atores escolares, pois é por meio das relações entre os mesmos que há o fortalecimento do todo, da identidade coletiva. Coelho (1994, p.4) argumenta que:

A sala de aula não é, pois, um espaço físico, uma realidade formal burocrática em que, de um lado, o professor “ensina”, expõe, impõe, repassa, socializa o saber já acumulado e sistematizado pela humanidade e, de outro, os alunos “aprendem”, assimilam, absorvem, aceitam, engolem o que lhes é apresentado.

Sob essa perspectiva que sinaliza uma mudança de olhar ao processo de ensino e aprendizagem que marca a relação entre os sujeitos que fazem parte da escola, vários aspectos se farão presentes, não mais apenas a relação por meio de tipos de conhecimentos específicos, pois lança-se um olhar para tudo que possa compor o humano que habita o espaço escolar, dessa forma, vida, perdas, morte e luto fazem parte desse universo sócio-humano. Faz-se necessário olhar para os diversos desdobramentos que essas temáticas trazem, uma vez que perpassam a

todos os partícipes da escola, mas que, por vezes, não têm encontrado espaços para a existência de diálogos significativos.

### **3.2. A morte silenciada na escola**

A temática morte comparece em muitos lugares como tabu, não se busca criar espaços para o dialogar sobre morte mesmo sendo esta uma condição inevitável e irreversível da condição humana. Os motivos para tal evitamento pode se dar por inúmeros fatores, pode existir uma crença de que o falar sobre atrai a morte ou, então, que dialogar sobre a morte e tudo que a mesma pode envolver pode levar as pessoas a experimentarem sentimentos tristes e atordoantes, além de existirem vários mitos sobre a temática.

Todo esse contexto que traz como base o tabu impacta de forma significativa a possibilidade de criar espaços para dialogar sobre morte, sobre o processo de morrer e seus desdobramentos. Segundo Kovács (1992, p. 137), “[...] há uma espécie de tabu ao redor do tema da morte: não se deve falar no assunto, muito menos compartilhar certas experiências”. Não encontrar espaços para compartilhar as vivências e experiências sobre morte pode levar a inúmeros vieses negativos, o que Kovács (1992, p. 137) sinaliza que: “desta maneira, perdemos a oportunidade de elaborar criativamente o símbolo da morte em cada um de nós. E o que acontece é a perda de conexão com a totalidade, de consequências enormes”.

O espaço escolar, por ser um espaço sócio-humano, é atravessado o tempo todo pela realidade social e isso implica em vivências e experiências de muitos atravessamentos da morte, mesmo que a morte não aconteça no espaço escolar em si, mas pode ocorrer em outro contexto social em que as pessoas participam e as mesmas podem ser impactadas com a morte de alguém querido, amado, e que, participando do espaço escolar, essas perdas advindas da morte vão comparecer no ambiente escolar.

Apesar da insistência do comparecimento da morte no contexto escolar, o movimento que se tem percebido é o dialogar mais sobre vida e menos ou quase nada sobre morte, mesmo essa (morte) sendo parte do humano desde muito tempo. Kovács, (2021, p. 1) sinalizando isso, diz que: “a morte faz parte do desenvolvimento humano, desde a mais tenra idade e acompanha o ser humano no seu ciclo vital [...]”. Assim sendo, a morte adentra no espaço escolar também há muito tempo por meio dos humanos que a compõem, pois todos os indivíduos que ali estão vêm de um lugar social, de uma cultura e trazem consigo muitas representações, singularidades de seu universo e várias construções frente à temática morte e luto.

O silenciamento da escola sobre o diálogo referente à morte continua a reforçar a

concepção de que ela deve ser escondida e sentida no âmbito individual, retirando a possibilidade de várias construções singulares que poderiam surgir a partir do compartilhar das narrativas, retirando dos enlutados por morte uma nova perspectiva: a de encontrarem um espaço compartilhado para o partilhar dos diversos sentimentos decorrente de suas perdas, morte e lutos.

Se a escola não conversa sobre o tema, não o tornando possível até mesmo através do verbal ou não verbal, do emocional ou do racional, para então se ter a possibilidade de discussão, a mesma pode estar sinalizando uma dificuldade de não saber o que fazer frente ao fato morte, dessa forma o espaço escolar pode experimentar uma sensação de ataque incansável e frente a isso intensificar cada vez mais suas defesas, se silenciando e evitando o diálogo genuíno dos processos de morte e da morte concreta.

Os sujeitos que vivenciam e experienciam o enlutamento por meio da morte de alguém amado precisarão de acolhimento específico no espaço escolar, será demandado um olhar, uma escuta atenta direcionada a esses, porém, se esse espaço não valida a morte concreta e seus desdobramentos, certamente também não reconhecerá tal necessidade. Kovács (1992, p. 149) argumenta que:

a morte do outro configura-se como a vivência da morte em vida. É a possibilidade de experiência da morte que não é a própria, mas é vivida como se uma parte nossa morresse, uma parte ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos.

A experiência de perda por morte pode suscitar várias questões específicas, assim como destacado pela autora, como: a morte de uma parte que nos é própria, dessa forma não há como o espaço escolar, composto pelos seus inúmeros atores, continuar negligenciando o cuidado a essa grande mudança e nova configuração que o luto por meio da morte apresenta pra cada ser que participa de seu contexto.

Ao negligenciar esses espaços de acolhimento e diálogos sobre perdas, morte e luto por meio dos vários silenciamentos, a escola acaba por inibir as vivências e as experiências dos atores que a compõem referente às suas perdas e a seus processos de enlutamentos advindos de morte concreta.

Kovács (1992, p. 150) relata ainda que:

a morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta. Nesta representação de morte estão envolvidas duas pessoas: uma que é "perdida" e a outra que lamenta esta falta, um pedaço de si que se foi.

Diante de uma perda por morte concreta não há como negar que há, além das várias rupturas, as mudanças que atravessam os sujeitos que as vivenciam e experienciam. Esses sujeitos inseridos em um contexto escolar poderão apresentar uma série de mudanças por perder alguém significativo em sua história de vida. A escola precisa estar sensibilizada para perceber tais mudanças e as acolherem, para que a mesma seja uma potente fonte de acompanhamento e amparo a esses sujeitos em sofrimento.

Os espaços escolares que silenciam a morte negligenciam o convite para o encorajamento da expressão dos sentimentos, não encorajam o entrar em contato que é tão imprescindível no trabalho do processo de enlutamento, não lançam o convite para a necessidade de lidar e manejar o que atravessa os sujeitos enquanto enlutados, auxiliando-os ao não adiamento do sentir para que não haja possíveis complicações.

Diante de todo o exposto, faz-se necessário continuar a ampliação dos construtos e as concepções sobre perdas, morte e luto no contexto escolar, para em seguida ser possível pensar e traçar caminhos significativos para o diálogo necessário no espaço escolar.

### **3.3. As perdas e os lutos na escola**

Por ser a escola frequentemente assimilada ao sucesso, aos processos de ganhos, de aprendizagens específicas, o que tange ao perder não ganha espaço nesse contexto. Aquilo que é bom e belo possui espaços privilegiados no interior da escola, há um movimento de exaltação desse bom e belo e o reprimir daquilo que não soa tão belo assim. As perdas marcam o lugar da imperfeição, do perdido, do desvinculado, daquilo que exige esforços para se reaver, se reestruturar.

Em todo o processo de socialização por meio do espaço escolar, as crianças e os adolescentes não são estimulados a falar sobre as perdas do cotidiano, esses não encontram lugares seguros para compartilhar suas perdas singulares, e isso pode corroborar de forma implícita ou explícita em como cada ser humano vivenciará e experienciará suas perdas e fará seus processos de enlutamento.

Quando convidamos para o diálogo sobre perdas, convidamos para compreender que as perdas envolvem muito mais do que apenas a perda por morte concreta. Perdemos muito no curso de nossas vidas, perdemos o que idealizamos da vida, sobre as relações, sobre nosso próprio desenvolvimento humano. Há inúmeras perdas que nos atravessam e nos guiam em nosso processo vivencial, pela vida. Virost (2005, p. 13-14) sinaliza que:

nossas perdas incluem não apenas separações e partidas dos que amamos, mas também a perda consciente ou inconsciente de sonhos românticos,

expectativas impossíveis, ilusões de liberdade e poder, ilusões de segurança e a perda do nosso próprio eu jovem, o eu que se julgava para sempre imune às rugas, invulnerável e imortal.

O espaço escolar é um local potente para acolher e trabalhar os processos de perdas, pois pode possibilitar o reconhecimento do corpo que envelhece, das mudanças que podem existir por meio do desenvolvimento humano em suas diversas fases dentro do tempo cronológico e emocional, nos impactos que as mudanças podem trazer, trabalhando de forma natural que esse caminho das perdas não se constitui como uma corrida, mas sim como uma possibilidade de crescimento e desenvolvimento na ordem individual e coletiva etc.

Virost (2005, p. 63) vai argumentar ainda que:

por mais triunfantes que sejamos, por mais alto que cheguemos, o curso da vida normal nos conduz a perdas. A doenças. A velhice. A limitações físicas e mentais. A separações, solidão e morte. São experiências difíceis mesmo com família, filosofia e religião, mesmo com elos que nos unem a algo além da carne frágil. Entretanto, sem esses elos, sem algum imenso significado para além do "eu", a passagem do tempo só pode trazer horror sobre horror.

A autora sinaliza que os processos de perda ocorrem para todos em qualquer fase da vida que nos encontremos e que elas podem ser difíceis de serem enfrentadas mesmo tendo alguns recursos específicos, porém a construção desses pode se mostrar eficaz frente aos elos que vai sendo possível de construir a partir de cada singularidade e do que faz sentido para o próprio sujeito, observando as possibilidades de elaboração diante de cada perda.

Kovács (1992, p. 149- 150) relata que: “a perda e a sua elaboração são elementos contínuos no processo de desenvolvimento, humano”. Dessa forma, elaboramos nossas perdas durante todo o nosso processo existencial, durante o processo escolar e após ele. Porém, se durante o período escolar os sujeitos tiveram a possibilidade de terem suas perdas reconhecidas, trabalhadas e orientadas a um caminho natural, esses poderão lidar melhor com todas essas transformações que são próprias do universo humano.

Virost (2005, p. 16) vai argumentar que “[...] olhar para as perdas é ver como estão definitivamente ligadas ao crescimento. E começar a perceber como nossas respostas às perdas moldaram nossas vidas [...]”. Dessa forma, as perdas também sinalizam ganhos, pois falam de um repertório que é construído para lidar com as perdas ao decorrer da vida, no curso de nossas existências e isso sinaliza crescimento.

Compreendendo, então, que as perdas fazem parte do nosso processo de existência e que a escola pode ser uma fonte rica para validar tais perdas que perpassam as vivências e experiências humanas, precisamos então compreender de que forma o luto também se faz

presente, uma vez que ele pode ocorrer após uma perda. Podemos nos enlutar por algumas perdas e outras não. O processo de luto ocorrerá frente a uma perda significativa, onde se tem um investimento a algo que se perde.

Porém, se houver um processo de perda, mas esta não for significativa para o sujeito, então ele não se enlutará. Segundo Parkes (1998, p. 44), “luto é, afinal, o acontecimento vital mais grave que a maior parte de nós pode experimentar”. Sendo esse um acontecimento significativo, podendo se desdobrar em várias dimensões e caminhos, que irá receber várias contribuições, como a cultura, que vai compreender e doar sentidos e significados específicos ao luto, cada sujeito vai doar seus próprios sentidos e significados para a perda.

Casellato (2015, p. 126) também argumenta sobre essa dimensão do processo de luto:

a natureza da perda, a relação com o morto ou com o que foi perdido (perdas simbólicas), as condições em que a perda ocorreu (súbitas, violentas, ambíguas ou múltiplas) são algumas das circunstâncias que podem comprometer o enfrentamento do luto.

É importante que o espaço escolar observe e compreenda todas essas facetas, porém sendo o luto uma dimensão complexa e, uma vez que a escola pode possuir dificuldades de reconhecer e validar até mesmo as perdas que fazem parte do próprio desenvolvimento humano, essa dimensão pode não ser compreendida, validada e reconhecida.

Diante dessas impossibilidades de compreensão, validação e reconhecimento, os atores escolares como um todo podem ser impactados sem a possibilidade de que os diálogos aconteçam, que seus processos de perdas simbólicas, perdas por morte e luto encontrem lugares seguros para existirem. Contudo, é necessário refletir sobre as possibilidades desses encontros e a construção desses espaços de diálogo.

### **3.4. A escola como espaço de diálogo: possibilidades**

A presente pesquisa pôde observar que a escola tem silenciado o diálogo diante da morte e do luto, por vários motivos, mesmo sabendo que ambos comparecem nesse ambiente. Há um temor frente ao diálogo condizente ao assunto morte e luto, pois não se sabe como abordar, agir, e nem muito menos como acolher.

Santos (2019, p. 22), assim como Kovács, argumenta sobre a urgência de abrir espaços para esse diálogo, pois morte e luto ocupam um espaço significativo no desenvolvimento humano, assim como a escola também ocupa este espaço carregado de sentidos e pode ser uma fonte potente de acolhimento e orientação frente às perdas (tendo que morte e luto são processos de perdas):

Pensar, estudar, pesquisar e abordar esse tema na educação e mais precisamente na escola tem sido um assunto recorrente entre tão poucos pesquisadores, tendo em vista a importância e o valor central ocupado por esta no desenvolvimento humano. A escola, nesse novo milênio, enfrenta muitos desafios, de diversas ordens e origens, precisa urgentemente focar sua atenção no ser humano, cuidando, acolhendo, confortando e orientando frente às perdas que o acometem cotidianamente.

Alguns desses desafios que a escola nesse novo milênio enfrenta colocam a necessidade do dialogar sobre morte e luto em evidência, porém apresentam também maiores resistências, uma vez que um desses desafios tem colocado sobre as escolas a grande necessidade de separação do humano e seu processo de aprendizagem integral. O processo de aprendizagem tem sido pautado somente em conteúdos validados por um conjunto de “utilidades”. Se as trocas sobre morte e luto eram evitadas por serem atribuídas a um tabu, agora a escola pode não ver utilidade funcional para trabalhar essas demandas, pois não são utilitárias a um mercado tecnicista e produtivista, ao qual as escolas fazem parte.

Entretanto, a escola precisa compreender os processos de morte e luto para melhor acolher todos os atores que fazem parte dela. Naletto (2005, p. 112) argumenta que:

O luto faz parte da vida de todo sujeito inserido socialmente. Compreender o processo de enlutamento é entender um pouco mais sobre a existência. Para a escola, compreender o luto e preparar-se para lidar com ele torna-se essencial, uma vez que atua predominantemente na infância e adolescência, fases importantes do desenvolvimento do sujeito. Nestas etapas da vida, inevitavelmente alguns tipos de luto acontecem e podem repercutir no ambiente escolar.

A autora, Naletto (2005, p. 126), relata, ainda, sobre sua prática como uma partícipe desse espaço escolar, que:

em minha prática nas escolas, encontramos pessoas muito envolvidas com educação, e apaixonadas pelo saber e pelo prazer de ensinar, mas amedrontadas em relação aos acontecimentos da vida, impossibilitadas de lidar com a dor, seja sua, ou do outro.

Esse amedrontamento faz parte, uma vez que os professores em suas inúmeras formações são ensinados a prepararem seus alunos para lidarem com os conteúdos específicos de cada disciplina, objetivando a preparação para os vestibulares e mercado de trabalho, mas não são ensinados para as mazelas da vida em suas formações iniciais e nem em suas formações ao decorrer do exercer do papel de professor.

Importante e necessário se faz trabalhar a concepção de uma educação que permita o diálogo sobre todo esse processo que envolve o desenvolvimento, seus desdobramentos e suas

inúmeras mudanças. Rubem Alves (2023) já dizia que: “a educação acontece enquanto as pessoas vão mudando, para que não deixem de mudar. Se as pessoas estivessem prontas, não haveria lugar para a educação” (p. 38). É sob essa percepção de educação que se faz necessário iniciar o trabalho de todos esses aspectos que envolvem o caminhar da vida, suas mudanças, transformações e perdas.

Segundo Kovács (2021), “o tema da morte é pouco abordado nas escolas, a não ser em situações específicas em que ocorre um evento envolvendo os membros da escola ou do entorno” (p.163). O que é válido refletir, pois todos os atores que compõem a escola experienciam processos de perdas que culminam em processos de luto, não somente aqueles que ocorrem dentro da escola. Kovács (2021, p.163) ainda argumenta que:

Causa estranheza esse silenciamento, porque ocorrem várias situações de morte e violência na proximidade das escolas. Também é importante enfatizar o fato de que a morte faz parte do desenvolvimento humano desde a mais tenra idade, com vários níveis de compreensão e elaboração.

Se a morte alcança e invade a escola, causa estranheza não encontrar nesses espaços lugares para o diálogo. Santos (2019, p. 22), ao tentar nortear a discussão desses silenciamentos, relata que: “a morte pode ser considerada a sua maior perda, a mais certa dentre outras, a mais comum nos dias de hoje e a mais rejeitada também”. O autor acredita que essa rejeição leva ao silenciamento sobre a morte nos espaços escolares e que ao rejeitarmos ainda a ideia de que a morte é presente estamos também sinalizando que acreditamos que é sempre o outro que morre e não nós (Santos, 2019).

Outro fator que pode estar entrelaçado com esse silenciamento, segundo o autor Santos (2019, p. 22- 23), é que:

Na verdade, são muitas as ideias que tratam da abordagem da temática da morte na escola e as que podem provocar mais sofrimento são ainda bem recorrentes, tais como a antecipação da dor, da angústia e do medo, mesmo que isso seja certo e inevitável, mas nos enganamos simplesmente pelo fato de estarmos mergulhados e imersos nas ilusões da tradição, não sabendo separa-los uns dos outros, não compreendendo o binômio fundamental da existência humana. Achando que a vida pode ser compreendida sem a morte.

Essas ideias que ainda estão presentes nas escolas dificultam a possibilidade de diálogos sobre morte e luto. A ideia de que dialogar sobre as nuances da vida pode trazer dores e angústias antecipadas, antes do momento em que a morte e o luto se instalam de forma vivencial e experiencial, retira o espaço para aqueles que já vivenciaram e estão a experienciar suas dores diante da morte e dos seus processos de luto e impossibilita a prevenção decorrente do

conhecimento do que se refere a um processo de luto em curso natural, não reconhecendo quando se está sob a vivência e experiência de um processo de luto que necessitará de intervenções específicas e de tratamento.

A escola perde muito quando propaga crenças errôneas sobre morte e luto e não busca conhecimentos, reflexões e formas de acolhimento para tais. Todo o corpo de atores da escola pode sofrer com essa realidade do não diálogo, os professores, a gestão, os alunos, os pais, a comunidade etc., pois evitar o diálogo não faz com que a morte e o luto não cheguem, não os excluem, pelo contrário, apenas sinalizam que a escola não é um espaço para o dialogar sobre as questões que perpassam a vida e o desenvolvimento humano. Santos (2019, p. 25) vai pontuar que:

A discussão em torno da abordagem da morte e do morrer na Educação, como nomeiam de um modo geral os profissionais das Ciências da Saúde e Humanas, e da finitude, própria da Filosofia, principalmente aqui a partir de Heidegger, tem suscitados inúmeros debates no meio acadêmico-científico nas últimas décadas do século XX, acerca da importância dessa inclusão no processo de escolarização, como uma dimensão inerente do desenvolvimento humano, e como tal, precisa ser abordada na educação.

Quando Kovács propõe uma educação para a morte, ela defende isso que Santos também defende como a necessidade da inclusão desses lugares na educação para o diálogo sobre morte e luto, pois são dimensões inerentes do desenvolvimento de todos os humanos. A educação para a morte no ambiente escolar busca iniciar diálogos sobre o que perpassa a todos os vivos, defendendo que somos preparados para vários outros processos que permeiam a educação, mas não somos preparados para o momento em que a morte e o luto se farão presentes. Se a escola não inclui esses diálogos, ela nega que o processo educacional é lugar para falar sobre morte e luto e potencializa ainda mais o tabu inscrito na sociedade sobre o silenciamento dessas singularidades.

Segundo Santos (2019, p. 21), a morte modifica e transforma os seres humanos e, diante disso, “a escola não deveria ficar indiferente a essas mudanças, muito menos eleger valores e concepções em detrimento de outros, mesmo que isso já tenha sido um recurso facilmente identificado na sua trajetória”. Não eleger o assunto morte e luto para ter espaço no âmbito escolar é extinguir todo e qualquer convite para considerar a morte e o luto como consequências da própria vida e rejeitar as singularidades humanas que atribuem sentidos e significados à morte e ao luto. Essas singularidades podem apresentar-se complexas, mas isso não pode ser justificativa ou fator excludente para abordar tais temáticas.

O humano e seu processo de desenvolvimento humano é complexo, assim como já

evidenciado por meio da teoria da complexidade de Morin (2011, p. 43), mas, assim como o mesmo argumenta:

Conhecer o humano é, antes de tudo, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. Como conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. Quem somos? é inseparável de Onde estamos?, De onde viemos?, Para onde vamos? A educação como produtora de conhecimentos deve contextualizar o humano que é seu objeto. Para onde vamos? Isso tem que ser discutido!

Não dialogar sobre morte e luto é separar o humano de seu próprio universo, uma vez que morte e luto fazem parte do universo humano. A educação, assim como apontado por Morin, não deve separar as dimensões que constituem o humano: quem somos, onde estamos, de onde viemos e para onde vamos. Santos e Morin apontam que todas as questões, dúvidas sobre morte, são também parte de dúvidas que comparecem na esfera vida, não são descontextualizadas uma da outra.

Se não há possibilidade de separar esses dois universos, é necessário então pensar e construir formas de atuação na escola diante dessas demandas de morte e luto. Naletto (2005, p. 113) argumenta que: “quando se trata de luto, é importante falarmos em prevenção e investir na capacitação da escola como um todo, para enfrentar a dolorosa situação da morte e outras perdas”. Segundo a autora, uma dessas formas seria investir na capacitação da escola como um todo. Já Santos (2019) acredita que uma forma de capacitar esses professores é por meio da formação inicial deles.

Naletto (2005) e Santos (2019) acreditam que é possível incluir o diálogo sobre morte e luto no espaço escolar. Naletto acredita que é por meio da capacitação como um todo da escola e isso pode ocorrer por meio de diversas formas. Santos acredita que uma forma de fazer com que esse diálogo ocorra é por meio da formação inicial, na qual esse tipo de abordagem (falar sobre morte e luto) pode ser possível. O autor, Santos (2019, p.23), relata que: [...] “essa abordagem tenha espaço privilegiado na formação inicial de professores, pois somente desta forma teria como chegar à escola e, conseqüentemente, aos alunos”.

As propostas que Naletto e Santos argumentam necessitam de pontes para além da própria escola. Ambas denotam um trabalho que é preciso ser feito também em outros campos. Como Santos aponta para a formação inicial dos professores, seria necessário que esses, em seus processos formativos ainda na graduação, fossem convidados para dialogar sobre morte e luto, o que implicaria que as universidades que também são unidades de ensino escolar se debruçassem para incluir esse diálogo.

Na proposta de Naletto também seria necessário construir outras parcerias que vão para

além do próprio espaço escolar, pois haveria a necessidade de profissionais capacitados ocuparem o espaço escolar para conduzir tais capacitações, que deveriam iniciar também em diálogos dentro da própria academia na formação inicial dos professores, compreendendo que há necessidade de, mesmo após obter-se a licenciatura, estar imerso em outras capacitações, para um fazer que considera o humano como um todo e como diverso.

Santos (2019, p. 31) argumenta que alunos e professores sofrem pela perda de familiares e que nada é feito diante disso: “o luto, expresso nas perdas e no desamparo que alunos e professores vem enfrentando pelos seus familiares e pelo próprio Estado, que se mostram não saberem como fazer, pois, estão também adoecidos”. O Estado não reconhece que é necessário criar espaços para dialogar e acolher os agentes sociais, seja na escola ou fora dela, e esses poderiam contribuir de formas incontáveis com a prevenção e proteção ao que tange aos adoecimentos quanto à morte e aos processos de luto.

A escola também pode contribuir significativamente, mas, para isso, assim como o Estado, ela precisa reconhecer de fato a realidade e encará-la, enfrentando as dificuldades e desafios desse tempo (Santos, 2019). Dessa forma, fica evidente que há muito o que ser feito e como ser feito, pois já existe um caminho possível para que a temática morte e luto seja inserida no contexto escolar, porém é necessário que haja várias parcerias e o reconhecimento de que essas são necessárias e que, mais ainda, falar sobre morte e luto nas escolas é urgente. Santos (2019, p. 31) vai dizer que:

A morte nunca foi tratada como deveria no ambiente escolar brasileiro, o que nos torna audaciosos em refletir sobre essa questão que nos ameaça de diversas formas, pois nem sempre a morte é o problema em si, mas a sua ameaça constante, num cenário marcado pela violência, a perda eminente de um ente querido nos devasta de tal forma que nos sentimos sem estruturas para abordar a temática com os alunos, apesar de muitas vezes ele está sofrendo com uma perda, o que poderia ajudá-lo por outro lado. A falta de preparo, de informação e de condições nos desafia bastante na discussão desse tema voltado a educação, por isso nesse momento vale muito conhecer as experiências desenvolvidas pelo país, assim como de estudiosos do assunto, que podemos nos fornecer instruções para isso.

Desse modo, falar, pesquisar e construir conhecimentos e espaços que possibilitem esse diálogo sobre morte e luto se torna para além de um ato de coragem, um ato também de transgredir. Portanto, ao finalizar esta seção que trouxe a necessidade de aprofundamento na relação entre escola, perdas, morte e luto, compreendendo que a escola possui grande potencialidade em abordar tais temas tão significativos, pois a mesma é um espaço singular onde as relações sócio-humanas acontecem, buscaremos evidenciar na seção seguinte o que a possibilidade da existência desse lugar seguro para a partilha e construção de diversos diálogos

sobre as perdas, morte e luto pode proporcionar. Serão apresentadas as narrativas dos atores escolares, que foram divididas em 6 (seis) núcleos de sentido: narrativas sobre as vivências e experiências sobre morte; narrativas que inauguram o vivido e o experienciado frente ao luto; narrativas que denunciam que o luto impacta a vida das pessoas; narrativas que permeiam o não falar sobre morte e luto; narrativas que levantam um questionamento: como lidar com o luto?

#### 4. NARRATIVAS DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS FRENTE AO TEMA MORTE E LUTO

*É preciso saber ouvir. Acolher. Deixar que o outro entre dentro da gente. Ouvir em silêncio. Sem expulsá-lo por meio de argumentos e contra-razões. Nada mais fatal contra o amor que a resposta rápida. Alfange que decapita. Há pessoas muito velhas, cujos ouvidos ainda são virginais: nunca foram penetrados. E é preciso saber falar. Há certas falas que são um estupro. Somente sabem falar os que sabem fazer silêncio e ouvir. E, sobretudo, os que se dedicam à difícil arte de adivinhar: adivinhar os mundos adormecidos que habitam os vazios do outro.*

*Rubem Alves*

*Na linguagem cotidiana, os verbos ouvir e escutar são empregados como o mesmo sentido. No dicionário Houaiss, apesar de os dois termos serem usados como sinônimos, é o escutar que se refere à habilidade que pretendemos desenvolver: enquanto ouvir é perceber (som, palavra) pelo sentido da audição, escutar é estar consciente do que está ouvindo; ficar atento para ouvir; dar atenção a; esforçar-se para ouvir com clareza. Ouvir, então, está associado à acuidade auditiva, enquanto escutar seria compreender aquilo que se ouve.*

*Como o observar, a habilidade de escutar também se perde ao longo do desenvolvimento. A criança escuta melhor do que os adultos que costumam dizer frases como “essa conversa não é para criança, esse menino escuta mais do que deve, escuta muito mais do que se imagina, sabe de tudo, só escuta o que quer”. Assim, a criança perde esta habilidade pouco a pouco: os adultos a reprimem quando consideram inconveniente que ela escute. Além disso, não a escutam também; estão sempre muito ocupados e nem sempre valorizam o que ela diz. Reprimida quando fala e quando escuta, a criança se transforma num adulto semelhante àqueles da sua infância, repassando sua inabilidade a outros.*

*São várias razões pelas quais as pessoas têm dificuldades ao escutar: não tiveram bons modelos de “escutadores”; precisam muito mais falar do que de escutar (quando alguém lhes relata alguma coisa, dizem “comigo foi muito pior” e passam a falar de si); têm sempre um conselho a dar e dizem “se eu fosse você...”; ficam ansiosas tentando encontrar uma solução para o que o outro está dizendo; têm medo de entrar em intimidade com ele e não o escutam para tornar mais superficial a relação.*

*Quem não escuta, às vezes nem mesmo espera resposta do interlocutor ao seu relato. Mais difícil ainda é escutar o relato dos outros.*

*Clara Feldman*

Todos nós, ao narrarmos algo, estamos sinalizando inúmeras construções que precisaram passar por um processo longo de elaboração. Não falamos de qualquer modo ou qualquer forma, falamos e dizemos de nós, o tempo todo, porém somente ouvidos atentos conseguem escutar. Quando narramos, estamos dizendo dos nossos lugares no mundo, da nossa cultura, do nosso contexto social, de nossa formação política, de nossas relações, de nossos pais, irmãos, familiares outros, de nossos amigos, de nossos professores, de nossas relações como um todo.

Este estudo buscou o que há de mais rico a partir do contato humano: narrativas, essas, por vezes não permitem que a experiência se perca no abismo do vazio e nem do esquecimento. Os que participaram da presente pesquisa têm suas experiências eternizadas no campo vivencial, científico e relacional. As narrativas que seguirão logo abaixo falarão das singularidades de cada um que, encontrando um espaço seguro para suas narrativas, puderam trazer: relatos, reflexões, tensões e humanidade.

Na tentativa de zelar desses que se propuseram a narrar suas histórias, suas vivências e experiências, foi oferecido o anonimato, por esse motivo não será revelada a identificação dos participantes. Dessa forma, não serão relatados dados como: sexo, idade, profissão e outros dados pessoais. Os nomes são todos fictícios e foram escolhidos a fim de ressaltar um último objeto que corriqueiramente as pessoas utilizam para marcar suas despedidas daqueles que tanto amam: flores. A cada participante foi atribuído o nome de uma flor.

Após o contato inicial com os sujeitos, eles foram convidados a participar da entrevista narrativa – esse tipo específico de entrevista foi utilizado por compreender que é capaz de proporcionar às pessoas o convite para acessar suas vivências e experiências singulares por meio de sua história de vida, relatando aquilo para o qual sua memória e sentimentos foram capazes de doar sentido e significado. Acessar esses lugares é uma oportunidade de revisitar o que já se foi, de voltar à lembrança de algo que foi precioso em um tempo e espaço único. Castro (2013, p. 97) relata que:

É graças às lembranças armazenadas na memória, que o indivíduo imagina, sonha, lembra o vivido e o interpreta sendo estimulado por fatores externos a si. O passado atualiza-se por meio de um cheiro, de um gesto, de um som, de uma cor, de uma imagem enquanto vestígio da lembrança que ativa as recordações e evoca um tempo que já não nos pertence (Castro, 2013, p. 97).

Os entrevistados tiveram a possibilidade de se reconectarem com suas lembranças, suas dores, suas significações e ressignificações frente a seus processos de enlutamento e narrativa de momentos específicos de suas histórias de vida, por esse movimento exigir coragem e recursos internos para tal acesso, alguns participantes que foram convidados a esse mergulho

não puderam aceitá-lo. Ao todo, 3 (três) convites foram negados logo após a temática luto ser apresentada. Por outro lado, algumas pessoas, ao saberem que a pesquisadora estava realizando uma pesquisa com o viés do luto, perguntaram se poderiam participar, isso ocorreu com 2 (dois) participantes. E o que pôde ser notado foi que esses participantes buscavam por lugares seguros para narrar sobre seus processos de perdas e lutos.

Após os 7 (sete) participantes aceitarem participar da entrevista narrativa, autorizando o adentramento à temática e enfim aceitando o convite para adentrar às suas lembranças e histórias de perdas e lutos, foram realizadas 3 (três) perguntas norteadoras, sendo elas: (i) Gostaria que você contasse sobre suas vivências e experiências com morte e luto, relatando fatos marcantes e significativos para você; (ii) Em suas vivências e experiências educacionais, como essa temática é discutida? Se sim, como foi para você dialogar sobre ela com seus pares? (iii) Como a questão da morte e luto afeta a vida das pessoas? Como é isso para você?

A seção que será agora apresentada foi dividida em 7 (sete) unidades de significações que seguem: (1) narrativas sobre as vivências e experiências sobre morte, em que os participantes narram seus atravessamentos diante da realidade da morte de alguém amado; (2) narrativas que inauguram o vivido e o experienciado diante do luto, que trazem as respostas singulares de cada participante frente ao sentimento de perda por morte; (3) luto, as narrativas sobre morte e luto que não encontram acolhimento na escola, que retrata a falta de acolhimento no espaço escolar diante das perdas, da morte e do luto; (4) as narrativas que denunciam que o luto impacta a vida das pessoas, em que há uma coesão entre todos os participantes de que o processo de luto impacta de forma significativa o vivido de cada pessoa; (5) narrativas que permeiam o não falar sobre morte e luto, que delinea as dificuldades de entrar em contato com as próprias perdas, a morte e o luto; (6) narrativas que levantam um questionamento: como lidar com o luto? Narrando receios dos participantes frente ao que fazer diante das perdas, morte e luto e, por último, (7) narrativas que marcam o lugar da espiritualidade no processo de morte e luto.

#### **4.1. Narrativas sobre as vivências e experiências sobre morte:**

Assim, como Clara Feldman relata: ouvir, todos nós que possuímos a função auditiva podemos, porém, escutar já não depende somente dessa. Escutar é deixar que o outro nos atravesse por meio de suas narrativas, deixar que o outro diga de si, instruído por seus lugares e percepções de mundo. Portanto, foi buscado esse escutar que Feldman relata, escutar as narrativas de forma inteira, se entregando totalmente àquele que narra, àquele que verbaliza sentidos e significados. Àquele que diz sobre morte e diz de um lugar específico que é a partir

de suas singularidades. Abaixo estão presentes o início dessas narrativas que inauguram o lugar das concepções sobre morte:

Identificação	Texto narrativo
Violeta	<p>Perdi a minha mãe em 2015, ela teve um problema pulmonar, ela era cardíaca também e aí chegou um ponto que a medicina não pôde mais né, fazer muita coisa, e aí a perda dela foi assim, uma reviravolta total, e eu com filha pequena, recém separada, foi muito difícil, né. Até para minha filha aceitar também, até hoje ela chora e fala: aí, não queria que a vovó tivesse morrido né, já tem treze anos, mas mesmo assim ainda tem muita lembrança dela.</p> <p>Mãe é o esteio da gente, pai também, mas a perda da minha mãe para mim foi uma coisa que me abalou profundamente. Fiz tratamento psiquiátrico, fiz tratamento psicológico, eu estive em atendimento em psicólogo e tudo, mas assim, com o tempo ameniza, mas não passa. A dor acalma, é como se assim, ela ficasse adormecida e de repente uma lembrança, e de repente uma coisa que assim que evoca a nossa convivência né, a presença dela, nossa, aí eu sinto muito, eu fico assim, muito pesarosa.</p>
Jasmim	<p>Minha experiência foi com a morte da minha mãe quando eu tinha 17 anos né... aí dia 17 agora fez acho que mais de 30 anos que ela faleceu... e foi muito difícil na época. A morte dela em si foi um AVC fulminante, ninguém esperava né... e aí essa vivência do luto foi muito difícil porque a gente não esperava... eu... a filha mais velha de três e assim meu pai deu muito apoio pra nós, né... meu pai ficou viúvo muito jovem também, né... mas ele ficou ali firme com a gente sabe? Então assim, vivenciar o luto é difícil, muito difícil... principalmente quando a gente não espera né... não é algo... a pessoa não tá doente, né... não ta acamada, não ta internada, né... e na época eu senti um abandono... porque minha mãe é de uma família muito grande, na época eram 11 irmãos vivos e eu tinha uma tia que ia na minha casa todos os dias... todos os dias... as vezes até mais que uma vez no dia porque muito próximo né, cidade do interior né ... e aí como minha mãe faleceu ela deixou de ir... e aí foi muito difícil... muito difícil... nem essa tia que ia todos os dias, nem as outras tias, nem a minha avó materna né... hoje eu entendo que talvez elas não iam porque chega em casa e sente a falta da pessoa que também é sofrido né? Mas pra mim que tava... eu tinha acabado de fazer 17 anos... então eu não compreendia... aquilo pra mim foi difícil... foi muito difícil... aí hoje eu compreendo que também elas não iam porque era difícil pra elas né? É um processo difícil... e aí uma prima que nos amparou... e essa prima, ela ia lá nos visitar sabe? Ajudava a gente, orientava a gente, é... inclusive a minha primeira ida ao ginecologista foi ela que me acompanhou né... eu tinha acabado de fazer 17 anos e não tinha ido ainda... apesar da minha mãe já falar em ir, mas naquela época eu pensava assim: gente, ir no ginecologista é uma coisa horrorosa né... imaginava assim... pensa que era só pra quem</p>

	<p>já era casado né... e eu nem tinha namorado, então era muito tímida, morria de vergonha... então esse foi o processo... esse foi o meu processo...</p>
Camélia	<p>Vou falar da minha experiência... o ano passado minha irmã faleceu... e no mês de março minha tia faleceu, dia 11 de março... dia 11 de abril agora fez um mês que minha tia faleceu... e no ano passado foi minha irmã... até hoje eu... fico meia assim... eu não me do... eu não me lido muito bem com isso não sabe? Eu fico muitos dias assim... deprimida, sabe? Não é... eu fico muitos dias assim... deprimida... até hoje depois que minha tia foi... até hoje eu tenho dificuldade pra dormir, pra trabalha... assim, meia dispersa... mas, to aprendendo a lidar melhor... gente, até hoje eu não lido bem... tanto é que eu sou assim... neurótica com minhas filhas... sabe onde que tá, o que que tá fazendo... como que vai fazer pra chegar em casa... então eu fico meia... meia neurótica com essas coisas...</p>
Dália	<p>Recentemente, nos dois últimos anos eu perdi dois amigos, né... que são... dois amigos que são professores, né... que eu trabalhei com eles e uma eu ajuda muito porque ela teve ausência, então ela não lembrava das coisas e aí eu fazia nossos planos de aula... até quando ela podia trabalhar... depois ela pegou licença né... então assim isso pra mim foi muito difícil porque é... você volta pro ambiente de trabalho, você tem toda aquela novamente aquela lembrança né... e também assim a saudade e o lugar vago também né... tem a lembrança, tem a saudade e tem a ausência também da pessoa ali naquele lugar né... então pra mim isso me impactou muito na minha vida né... porque eram pessoas próximas de mim que trabalhava comigo, que tinha todo um carinho né, e era professora junto comigo... junto comigo mesmo na sala de aula então foi... por dois anos a gente teve esse problema da perda e até hoje eu não me recuperei... faz dois anos que ela é falecida e esse ano faleceu outro... dezembro faleceu outro amigo que era também professor e que também né tinha os meus sonhos que a gente tem né... então pra mim assim... o que que é a morte pra mim é assim... simplesmente uma... como diria... uma... é uma ruptura né... é... entre um sonho né... dentro de um ser que simplesmente tem aquele corte né... e quer dizer... você rompe com o sonho... você tem toda... não é essa palavra que eu queria usar, mas, não lembrei aqui no momento né... então você tem... você tá né... impedido de continuar um sonho... que você teria muita coisa para fazer e foram pessoa jovens que morreram né...</p>
Margarida	<p>Assim... eu tive... algumas pessoas eu já perdi poucas, mas eu já perdi pessoas da família... é... na verdade meus avós... perdi os dois avós e minha avó... é... meu avô foi o último e foi um luto bem traumático... até hoje eu não gosto de pensar... eu... eu tenho uma visão sobre morte que no futuro a gente vai se encontrar, mas mesmo assim me dói muito. É quando eu vejo situações de perdas e situações de morte eu ainda fico</p>

	<p>muito abalada, é algo que eu... é um assunto que eu não gosto muito de falar na verdade... é...tenho entendimento sobre isso que tem uma vida após a morte, mas mesmo assim não é um assunto que eu goste de tratar... não é uma coisa que eu gosto de pensar... por exemplo eu não gosto de pensar nos meus avós, eu não gosto de pensar no futuro de morte... desde pequena... eu me lembro quando eu era pequena eu dormia e pedia para Deus que um dia se eu tivesse que perder meus pais... se meus pais fossem morrer, que morrêssemos todos da família...</p>
Gardênia	<p>A morte pra mim é a única certeza que a gente tem da vida... porque é uma coisa que todos vamos passar... a morte é a única certeza mesmo... dessa vida que a gente tem. Quem vem vai morrer um dia.</p> <p>Minha avó faleceu e era uma das pessoas que eu mais amo nesse mundo... e quando ela faleceu eu estava... tinha acabado de viajar pra praia e tive que voltar às pressas então... foi um luto muito difícil... e a morte foi da minha avó, do meu avô recente que foi em agosto do ano passado, e aí meu avô faleceu e a gente não teve a oportunidade nem de viver o luto... porque a gente tava com problema de saúde na família... meu esposo tinha operado, meu atual esposo... meu pai também tinha operado da coluna... e aí meu pai teve uma infecção... um dia depois meu avô veio doente e aí ficaram os três doentes: meu pai, meu esposo e meu avô. Um dia depois meu avô faleceu e um dia após o enterro do meu avô o meu pai voltou pro hospital com infecção de assepsia... então assim a gente não teve nem o momento de luto do meu avô porque a gente precisava cuidar de uma pessoa que a gente ama e que estava viva e que precisava da gente.</p>
Hortência	<p>minha mãe morreu eu tinha cinco anos... morreu de acidente... a gente tava todos dentro do carro. Bom, eu, ela e uma irmã. Eu achei que quem tinha morrido era meu pai porque eu e ele ficávamos os últimos no carro, mas não... ele sofreu o impacto, mas não morreu. Ela e a irmã que faleceu. E aí minha avó criou a gente por um tempo e ele casou de novo e levou a gente pra morar com ele e a gente viveu pouco tempo com ele e depois voltou a viver com a vó... depois nois... um tempão separada dele, ele separou da outra família e veio morar conosco de novo... nois já... eu e a minha irmã já morávamos em Goiânia e foi quem ajudou ele nos últimos... acho que quinze anos ou vinte anos mais ou menos de vida dele... ele morava com a minha outra irmã, e eu e ela que acompanhava e ai ele teve um câncer de prosta operou, viveu mais quinze anos depois dessa cirurgia e depois o câncer saiu novamente de pele e ai com menos de dois anos ele faleceu... mas nós acompanhou nesse processo todo e era eu e ela revezando, indo pro hospital, acompanhava e ele de certa forma era muito forte e ajudou a gente até nos últimos momentos. Só os últimos quinze dias que ele prostou e ai a gente já tava... eu já estava me sentindo desgastada porque eu posava no hospital, vivia no hospital, cirurgia, e ai assim, no momento da morte eu já tava vendo assim como uma coisa natural, que não tinha como a gente querer que ele continuasse aqui...porque ele já estava desfalecido... e depois... e minha irmã falava que não queria que ele morresse e ai eu me lembro de no último... nos últimos quinze dias eu</p>

	<p>já levei ele para o hospital, final do ano de 2019 e o médico falou: a velhinha está se apagando e eu falei: não doutor, eu sei... mas eu trouxe porque minha irmã disse que não quer que ele morre... então não tem como ficar em casa com ela lá... toda vez que ele dá uma crise, ela entra em desespero... aí nos ficamos com ele no hospital e ele ainda aturou quinze dias depois. Ele ficou oito dias, era pelo SUS e foi até nessa época que a médica que acompanhou me ligou e falou... aí depois o médico não quis ficar com ele e falou pra gente levar pra ele morrer em casa e que é um tema que eu... assim... que se discute, mas a gente não sabe o que que é melhor... se é no hospital ou se é em casa. Eu penso que a família tem muito a aprender com a morte em casa, com esse acompanhamento sabe? Então eu acho que assim a gente sofre mais, mas a gente aprende muito... porque... a lidar com isso... né... a gente não sabia o que fazer... quando vinhas as crises, aquelas coisas toda... então... os quinze últimos dias dele foi assim... e outro assunto que assim... é um tema também que ninguém quer falar sobre... eu me lembro muito bem que ele tinha uma superstição... eu nem sei se posso chamar de superstição, mas entra lá no processo da fé que ele era muito católico, religioso e ele olhava todo ano a sombra dele na água, dia de São João. E no ano que ele morreu... eu cheguei lá e ele já estava doente, nós acompanhando... ele falou assim pra mim: filha eu não vi minha sombra esse ano na água... aí eu também meia sem querer conversar o assunto falei: ah pai é assim mesmo... o senhor já não tá muito bem né... e já doente... aí... mais... fugi um pouco também... porque era o momento de ter conversado... mas ele já naquela situação e ele colocava aquilo e eu fugi... aí ele realmente morreu em janeiro... porque diz que é assim, morre antes de chegar o outro São João... e isso foi em 2019 e ele morreu em 2020 em janeiro. Então ele aturou mais seis meses aí pra frente né... e a gente... eu fugia desse assunto, sem querer muito conversar... hoje eu percebo quando... depois que ele morreu que eu sofri a crise que eu paralisei e pensei que ia morrer e eu tentei conversar com os meus filhos eles também, não mãe morte é natural... uma coisa assim, mas não quis falar sobre sabe? Então assim eu acho que por mais que a gente tenha fé, acredita que ela é uma passagem pra outra vida né... é o início, porque pros católicos é o início de uma nova vida, mas essa fé tem que ser muito próximo... é um baque muito forte... é um baque porque... é... é aquela coisa assim eu já tinha vivenciado a da minha mãe, da minha vó e ele era o terceiro mais próximo de mim, ligado a mim, né... e... as vezes você pensa que tá tudo sobre controle e eu fiquei no estado como eu fiquei depois, após a morte dele, um mês... aí eu não dava conta de reagir e veio aquelas dores fortíssimas e foi piorando... piorando... piorando...</p>
--	---

*Quadro 2: Narrativas sobre as vivências e experiências sobre morte*

Todas as narrativas que estão aqui descritas contêm vivências e experiências singulares, permeadas por sentimentos que traduzem laços afetivos e construções de relações significativas. Apresentam-se a morte das pessoas queridas, a forma tão cuidadosa de narrar fatos que ocorreram diante do acontecimento da morte e do impacto que essa gerou na experiência de cada um. Todos os 7 (sete) entrevistados narraram perdas através da morte de alguém amado,

de perdas dolorosas, que incluíam a separação da mãe, da tia, da irmã, dos amigos e dos avós.

A relação com quem morre tem grande influência em como o vivenciar e o experienciar da morte será vivido. Quem era a pessoa que morreu para quem está a vivenciar e a experienciar sua partida impacta em como o processo se seguirá após a morte. Parkes (1998, p. 146) relata que: “[...] problemas psiquiátricos podem ser provocados a adultos pela morte de um dos pais e são a segunda razão mais frequente para as pessoas procurarem ajuda [...]”. Dessa forma, fica evidente que a morte de um dos pais pode impactar e muito a vida de um filho. O autor ainda vai dizer que as questões de dependências dos filhos para com esses pais também irão influenciar como será vivenciado e experienciado o pesar (Parkes, 1998).

A morte por um irmão também pode conter um impacto significativo na vida de quem a vivencia. Parkes (1998, p. 147) relata que: “a morte de um irmão no meio da vida foi considerada um ‘impacto considerável’. A morte de um irmão pode significar o rompimento da relação de uma amizade construída, do romper do compartilhamento do papel conjunto de irmãos”. Perder o marido, a mulher, um filho ou um ente querido que desempenhava um papel importante na vida de alguém é perder também um lugar de interação, de trocas conjuntas e de um investimento singular. Parkes (1998, p.21) diz que:

As pessoas têm necessidade de outras pessoas, e perda do marido amado, da mulher ou de um filho, provavelmente, deixam um grande vazio. Nossa necessidade de interagir com uma pessoa amada tem suas raízes, presumivelmente, em necessidades instintivas relacionadas à busca do parceiro e à criação de filhos.

Portanto, perder um familiar querido pode sinalizar o rompimento da continuidade do próprio sujeito, uma vez que esse, vivenciando e experienciando a morte desse familiar, pode ser levado à consciência de que não há mais possibilidades de criar novas memórias, e que as que foram criadas estão inscritas somente em seu vivido e não mais em outra pessoa, aquela amada, que agora não está mais presente fisicamente, podendo levar ao lugar do vazio, como aponta Parkes.

Porém, importante realçar que o que irá significar a perda de alguém amado, somente quem perdeu será capaz de pontuar, só aquele que está enlutado pode sinalizar o que de fato foi perdido, pois as perdas podem ser inúmeras dentro de uma perda central. Na narrativa da participante **Violeta**, a perda da mãe significou não só a perda física, mas a perda da saúde da mãe, a perda da figura materna, tendo que lidar com sua recém-separação e com a filha pequena sem o apoio da mãe. Violeta relata que perdeu seu esteio e ficou abalada, vivenciando e experienciando uma dor significativa, que, segunda ela, amenizou com o tempo, mas que não

passou. Em sua narrativa, ela relata ainda que foi necessário buscar ajuda psicológica e psiquiátrica, coincidindo com a literatura do luto, segundo Parkes (1998), que a morte de um dos genitores é uma das causas que mais levam as pessoas a procurarem ajuda.

A vivência e experiência narrada por **Jasmim** sinaliza outras perdas frente a seu processo de enlutamento pela morte de sua mãe. Ela narra que no momento da morte de sua mãe, ela perdeu a previsibilidade, uma vez que sua mãe faleceu de uma forma inesperada decorrente de um AVC. Ela relata que experienciou um sentimento de abandono, a morte de sua mãe significou um abandono, sendo ela a irmã mais velha. Viu-se abandonada pelas tias e pela avó materna também, que, mais tarde, sob seu processo de luto, pôde compreender que assim como ela suas tias e sua avó também estavam enlutadas, vivenciando e experienciando seus próprios processos. Jasmim relata que sua experiência com o luto foi muito difícil. Ela perdeu a possibilidade de a mãe a acompanhar em sua primeira consulta ginecológica, em que a prima a acompanhou.

**Hortência** também perdeu sua mãe, e sua vivência e experiência foi diferente da de **Violeta e Jasmim**. Em sua vivência e experiência, ela perdeu a possibilidade de ser criada pela mãe, quando essa faleceu, tendo Hortência apenas cinco anos, e com isso precisou ser criada pela avó. Perdeu momentos significativos com sua mãe, em que essa não pôde acompanhá-la em seus processos de desenvolvimento e crescimento. Passou por outra perda também no mesmo momento em que perdia sua mãe, perdeu sua irmã no mesmo acidente que vitimou sua mãe. Houve muitas perdas simultâneas na experiência de Hortência. Anos mais tarde, seu pai adoece e falece, nesse momento ela estava a cuidar do pai e de sua saúde. Nos últimos dias de seu pai no hospital, ela relata que começaram a haver perdas, ela começa a sentir-se desgastada, perde-se a energia, a vitalidade, e percebe que seu pai estava desfalecido, perdendo então a imagem de seu pai que tinha, pois ele apresentava características diferentes das conhecidas por ela. Hortência narra que perdeu a oportunidade de ter algumas conversas finais com seu pai, por medo, fugiu dessas conversas, não gostava de conversar sobre isso e percebe olhando para o momento presente que perdeu muito. Perdeu a própria saúde após o falecimento de seu pai, teve paralisia e acreditou que iria falecer, perdeu a possibilidade de controle e encontrou-se diante da impossibilidade de controlar sua saúde e destino.

Desse modo, mesmo que **Violeta, Jasmim e Hortência** tenham perdido suas genitoras, as quais, perante a sociedade, exercem papéis similares, a narrativa do que foi perdido para essas mostrou-se diferente, o que dialoga com a teoria de Parkes (1998), que argumenta que a perda dependerá da relação tecida, o pesar, o luto se darão por meio da construção do vínculo entre os sujeitos na relação. O que foi perdido para Violeta não é o mesmo que foi perdido para

Jasmim e nem para Hortência, pois todas teceram relações diferentes com suas mães, criaram particularidades únicas e, por isso, se enlutaram também de formas diferentes. Há uma aproximação pelo fato de que elas perderam suas mães, mas a experiência de cada uma e como elas foram se reinventando e se adaptando em torno da perda foi diferente, demandando recursos próprios e interpretações próprias.

**Camélia** narra que vivenciou e experienciou duas perdas por morte, a perda da irmã e da tia e o desdobramento dessas mortes para ela resultou em inúmeras perdas, como: perda da saúde do sono, da produtividade no trabalho, na qualidade da atenção. Narra, ainda, que em muitos dias se sente deprimida pela perda dessas duas pessoas que foram muito significativas na vida dela. O vínculo construído com elas foi significativo, pautado em sentimentos valiosos, e hoje Camélia sente várias perdas e sofre com seu processo de enlutamento, tendo que todo esse vivido a levou também, segundo ela, a desenvolver uma neurose, em que sinaliza que fica neurótica com as filhas, buscando sempre saber onde elas estão, o que estão a fazer, como elas chegarão em casa, pois há um medo também de perdê-las, pois ela experienciou que é possível perder quem se ama.

**Dália** perdeu dois amigos dentro de um período de dois anos e narra que a morte dessas duas pessoas significativas gerou inúmeras perdas: a perda da presença no ambiente de trabalho, que denuncia agora um vazio, gerando saudade e sentimentos de ausência. Tem-se a vivência e experiência de mudanças na própria vida, uma vez que é sinalizado em sua narrativa que há muitas mudanças que geraram muitos impactos, tem-se a perda do carinho, a morte dos sonhos, esses que eram até mesmo compartilhados, e com isso houve a perda significativa dos planos futuros, e isso mostrou-se impactante, pois esse amigo partilhava de seus mesmos sonhos, partilhava dos mesmos planejamentos futuros e, diante dessa ruptura, tudo se esvaiu, a possibilidade de continuar com a vida, com os sonhos, com as tarefas que tinham que ser realizadas, tudo se vai, a juventude que se tinha, a vida que se vivia, tudo é perdido.

**Camélia** narra suas perdas no âmbito da família sinalizando que sua irmã e sua tia morreram, já **Dália** narra a morte de três amigos. Ambas sinalizam o que foi perdido diante da morte de suas pessoas amadas, denunciam a ausência, a falta, a perda dos sonhos, dos planos, da juventude, dos momentos de presença, da falta de sono de qualidade, da produtividade que abaixa, porém a perda dessas pessoas para cada uma foi vivenciada e experienciada de formas diferentes, tendo que as construções realizadas por meio do vínculo de cada uma com suas pessoas amadas foram de modo singular, único. Camélia sinaliza sua dor por meio da ausência de seus amigos, relata a falta que uma de suas amigas tem em seu dia a dia, o vazio que fica após sua morte, Dália narra sua dor na ausência de sua tia e irmã e relata o que essa ausência

repercute em sua vida.

**Margarida e Gardênia** sinalizam suas vivências e experiências diante da morte de seus avós, sinalizando que perderam muito. Margarida narra que evita muito falar sobre o assunto de morte porque desde pequena tem medo de perder as pessoas que ama, pois falar sobre isso é lembrar dos avós e lembrar dos avós significa perceber o quanto foi perdido. Argumenta que nem mesmo sua crença do pós-morte a ajuda a entrar em contato com suas perdas, porque isso a levaria a pensar sobre o futuro de morte, e ela evita pensar sobre isso. Relata que tem muito medo de pensar em perder os pais, sinalizando que desde pequena pedia para Deus que se eles fossem morrer, que morressem todos juntos. Já Gardênia narra que em suas vivências e experiências, a morte é a única certeza que ela tem da vida, e que perder seus avós a mostrou isso. Em seu relato comparece a perda da possibilidade de vivenciar e experienciar seus próprios processos de luto, de chorar suas perdas, pois houve um adoecimento de muitas pessoas ao mesmo tempo na família e isso acarretou em muitas perdas para ela e para a própria família.

Portanto, foi possível perceber que todos os entrevistados tiveram experiências com o luto decorrentes da morte de alguém muito amado e que, apesar do processo de luto em alguns momentos mostrar certas aproximações, ele também mostra grandes diferenças, pois depende do tipo de relação que existia, do tipo de vínculo que foi tecido ao longo da convivência e das singularidades que esses tiveram. Segundo Parkes (1998, p. 14), o “luto por morte é um acontecimento importante e óbvio, que dificilmente será considerado com superficialidade”. Dessa forma, as vivências e experiências dos narradores aqui presentes têm relevância singular, suas construções em torno do luto evidenciam que seus processos possuíram e possuem grande profundidade. Três pessoas diferentes podem perder uma mãe por morte e sentir os impactos profundos dessa morte de forma diferente, lidar de forma diferente diante da experiência de luto. Pessoas que convivem em um mesmo ambiente e perdem uma pessoa por morte vão reagir de formas diferentes diante da perda, pois sofreram perdas de formas diferentes. A experiência de perder amigos, avós, tias, pai, irmãos será diferente para cada sujeito, pois o que se perderá dependerá de muitos fatores, não somente da conotação social que é atribuída a cada papel dentro das relações, por isso essa experiência, como aponta Parkes (1998), não deve jamais ser considerada com superficialidade.

#### **4.2. Narrativas que inauguram o vivido e o experienciado frente ao luto**

A morte e o luto se encontram e se entrelaçam em muitos momentos, porém isso não significa que ambos sejam sinônimos, pois há quem se enlute por outras dimensões que não sejam necessariamente a morte de alguém amado. Logo abaixo estão narrativas únicas sobre as

concepções dos narradores sobre o que compreendem por meio de suas próprias vivências e experiências do que é o luto.

Identificação	Texto narrativo
Violeta	<p>E eu percebo que o luto, ele é uma passagem na vida da gente, a gente antes de viver, assim, quando morre alguém querido né, um parente, a gente acha ruim, mas não é a mesma coisa de quando é uma pessoa tão ligada a gente, é pesado. [...]</p> <p>Fiz tratamento psiquiátrico, fiz tratamento psicológico, eu estive em atendimento em psicólogo e tudo, mas assim, com o tempo ameniza, mas não passa. A dor acalma, é como se assim, ela ficasse adormecida e de repente uma lembrança, e de repente uma coisa que assim que evoca a nossa convivência né, a presença dela, nossa, aí eu sinto muito, eu fico assim, muito pesarosa</p>
Jasmim	<p>vivenciar o luto é difícil, muito difícil... principalmente quando a gente não espera né... não é algo... a pessoa não tá doente, né... não ta acamada, não ta internada, né... e na época eu senti um abandono...</p>
Dália	<p>passar pelo luto né... eu sou uma pessoa difícil de passar né... porque eu sou muito apegado né... aí oh não são meus alunos (nesse momento entram alguns alunos na sala de aula em que estávamos fazendo a entrevista) mas são todos apegados a mim também né.. eu respeito... dou carinho da forma que eu tenho... então assim como eu sou muito apegado as pessoas, então o meu luto é muito difícil né... tem dois anos que eu perdi minha amiga e até hoje quando eu passo na sala de aula... não é nessa escola e em outra escola... eu lembro e volta tudo novamente aquela saudade... aquela né... aquele lugar vago... então assim, tudo isso... e esse amigo meu também a mesma coisa... então assim... eu tenho dificuldade de fazer o luto... porque na verdade... eu sou muito afetivo né... então essa pra mim é uma dificuldade... esse rompimento... porque pra mim assim ainda mais quando é jovem... a pessoa tinha muita vida né... ela foi simplesmente né... e foi interditada... ou seja... né... de... não pôde mais realizar... viver... né... são pessoas mais jovens que eu ainda por cima né... os dois casos foi doença... e os dois eu ajudei cuidar... e eu ajudei cuidar e por isso que assim é muito forte pra mim né... porque é a mesma coisa também da minha família que eu</p>

	perdi minha mãe, meu pai... então essa questão do luto... né, assim... eu consigo mas assim... parece que eu sempre tenho um retorno sabe? Como se fosse... parece que você consegue e não consegue né... fica naquele movimento né... nesse sentido... fica um vazio né... eu acho que o vazio é maior que a dor... porque quando eu olho e vejo que não tenho mais aquela pessoa né... não tem mais como falar com ela e nem nada né... então fica aquele vazio mesmo né...
Margarida	meu avô foi o último e foi um luto bem traumático... até hoje eu não gosto de pensar... eu... eu tenho uma visão sobre morte que no futuro a gente vai se encontrar, mas mesmo assim me dói muito. E quando eu vejo situações de perdas e situações de morte eu ainda fico muito abalada...
Gardênia	O luto, ele não é só para a morte, ele é para um fim de relacionamento, ele é pro fim de uma carreira, ele é pro fim de algo, não que seja, que queira se dizer que tem que estar a morte junto do luto... então eu penso que o luto não é só para a morte... ele é pro fim de alguma coisa... pro fim de um relacionamento, de trabalho... de ciclos... pra mim o luto é isso e eu já tive experiência com os dois casos, com morte e com luto. O luto... é... foi um fim de relacionamento de quinze anos de casamento... eu não queria mais... mas foi um luto... porque quem casa nunca quer separar né? E aí quando você vê que não dá certo tem que por fim e seguir com a vida... pelo menos tentar ter uma saúde mental... e aí você tem que viver aquele luto... então teve esse luto dentro da minha casa com os meus filhos né... a perda daquela família foi muito dolorosa... mas eu segui a minha vida... e passou o luto... esse luto é mais fácil de passar né... do que o luto com a morte... [...]eu penso que o luto é pior que a morte porque o luto ele vem depois do fim de alguma coisa... então é o fim né... é o que fica depois...

*Quadro 3: Narrativas que inauguram o vivido e experienciado frente ao luto*

Alguns narradores, ao trazerem suas construções do que compreendem por meio de suas vivências e experiências do que é o luto, trouxeram algumas concepções como: abandono; pesado; ameniza, mas não passa; a dor acalma, como se ficasse adormecida; é difícil; ser apegado dificulta a passar pelo luto; lugar vago; dificuldade de fazer o luto; rompimento; sempre tem um retorno; o vazio é maior que a dor; muito abalada; o luto não é só pela morte, pode ser pelo fim de algo; fim de relacionamento, de trabalho, de ciclos; o luto por morte é mais difícil

de passar; o luto é pior porque ele vem depois; ele é o fim; ele é o que fica depois.

Todos esses adjetivos fazem parte da construção de significados do que é o luto para esses narradores, o que o fenômeno do luto é para cada um deles. Parkes (1998, p. 9) vai dizer que “o luto é a expressão dos vínculos que as pessoas estabelecem umas com as outras”. Se há vínculos e esses são rompidos, o luto comparece e, fazendo-se presente, sinaliza a expressão singular de cada vínculo que foi tecido em conjunto dentro de uma relação.

**Jasmim** e **Dália** partem da mesma compreensão do luto, acreditam que o luto é decorrente de uma perda física, a morte. Narram que é difícil passar pelo processo de enlutamento. **Jasmim** relata que é mais difícil ainda se for um luto que não se espera, se a pessoa que morre é uma pessoa que não estava doente. **Dália** relata que a morte e o processo de luto trazem consigo a sensação de abandono. Ambas relatam que é difícil fazer o luto, porque existe afeto e, dessa forma, fica difícil realizar o rompimento. **Dália** acredita, ainda, que é mais difícil pensar em alguém que morre jovem, porque ali existia muita vida. Traz ainda sua experiência de cuidar de dois dos amigos que morreram e acredita que esse fator também influencia para que seu processo de luto seja difícil. Relata que também perdeu seus pais e que a perda dos amigos também simboliza um retorno a essas perdas anteriores e acredita que isso sinaliza que em alguns momentos ele consegue dar prosseguimento e em outros não, que as vezes parece que ele não deu conta desse luto, porque sempre fica um vazio e que esse é maior do que a própria dor.

**Violeta** narra sua compreensão sobre o luto dizendo que ele é uma passagem e que é diferente quando se perde um parente e se perde uma pessoa tão ligada à gente, ambas são ruins, mas, segundo ela, em sua experiência é mais difícil passar pelo luto quando é a morte de alguém tão próximo. **Margarida**, compartilhando de uma visão um pouco aproximada de Violeta, relata que, quando perdeu seu avô, que era uma pessoa muito próxima, vivenciou um luto bem traumático e que até hoje não gosta de pensar sobre. **Violeta** relata que em seu processo de luto precisou procurar ajuda, procurou tratamento psiquiátrico e psicológico. Ambas veem o processo de luto como algo muito difícil, que pode ser traumático e que por vezes precisará de auxílio profissional.

**Gardênia**, no entanto, narrou sua percepção sobre luto que difere de todas as outras narrativas, argumentando que o luto não é só para a morte. Segundo a sua compreensão, o luto é para o fim de um relacionamento, para o fim de uma carreira, uma finalização de ciclos, na saída de um trabalho, é o fim de alguma coisa. Relatou também sobre duas experiências de luto, uma por morte, que foi a morte de seu avô, e o fim de um relacionamento, em que aponta que soube lidar melhor com o luto enfrentado pelo término de seu casamento, pois conseguiu

ressignificar sua história, seguir seu caminho e dar continuidade em sua vida, porém o luto vivido e experienciado pela morte do avô, segundo Gardênia, a impactou fortemente e acredita que, se tratando da morte e do luto, o luto é pior que a morte, porque a morte acontece e acaba, mas o luto é o que fica depois.

Os presentes narradores conseguiram doar sentido e significado às suas experiências de luto, frente aos atravessamentos que esses foram tecendo em suas vivências, portanto cada compreensão singular marca um lugar de experiência com o luto. Cada sujeito narrou de forma única suas construções diante desse tema provocativo e delicado, mesmo que alguns narradores tenham optado por não verbalizar e aprofundar sobre suas compreensões de morte e de luto, ainda assim quiseram continuar a entrevista narrativa, demonstrando que o que comparecia ali, diante do nosso encontro genuíno, dizia de lugares de receios, coragens e de continuidade.

Eles descreveram o quanto é difícil enlutar-se por alguém por meio do acontecimento da morte e outras perdas, do quanto é vazio e doloroso romper vínculos que estavam a ser tecidos há tanto tempo. Parkes (1998, p. 15) nos diz que “o luto é, afinal, uma resposta normal para um estresse que embora raro na vida de cada um de nós, será vivido pela maioria, mais cedo ou mais tarde [...]”. Porém, mesmo sabendo que o luto será vivenciado por cada um de nós em algum momento ou outro, o pesar e o lamentar se fazem presentes, pois o vínculo foi e ainda continua a ser significativo. A partir dos relatos dos presentes narradores, é possível captar essa singularidade, de que alguns por mais que estivessem em contato maior com essa realidade e sabendo que o acontecimento morte é um acontecimento natural humano, o sofrimento ainda assim foi muito potente.

Cada sujeito irá construir sentidos e significados sobre o luto e seus processos, pois cada enlutamento é único e cada sujeito vivenciará e experienciará suas singularidades de acordo com sua história de vida, segundo o que tem construído sobre luto e utilizará recursos únicos para manejo do mesmo a partir de suas próprias vivências. Porém, o que é importante também a ser considerado nas narrativas dos presentes participantes da pesquisa é o fato de que todos eles estavam vivenciando relacionamentos potentes, investindo um alto valor: o sentimento do amor. Todos os narradores foram capazes de dizer sobre suas experiências de luto atravessadas e direcionadas a alguém amado, a alguém querido que hoje faz falta, que hoje deixa vazios irremediáveis e impreenchíveis.

Isso se dá porque nós, humanos, estamos sempre a buscar relações e permanecer nelas, pois essas podem nos proporcionar uma série de ganhos, como: sensação de pertencimento, aprovação, validação e reconhecimento. Parkes (1998) relata que os vínculos que se baseiam no amor frente a possíveis rompimentos e perdas resultaram em luto, pois esse é o valor que

pagamos pelo investimento que foi feito. Em todas as narrativas estão presentes o pesar da perda, verbalizações que denunciam o lamento e a dor pelo rompimento dos vínculos que perpassaram construções válidas. As falas dizem de um lugar em que houve trocas únicas, lugares de pertencimento, de validação e interações conjuntas.

#### 4.3- As narrativas sobre morte e luto que não encontram acolhimento na escola

Outra singularidade que compareceu com grande ênfase por meio das narrativas dos entrevistados foi a inviabilidade de acolhimento que as narrativas sobre luto possuem. A escola não possibilita esse espaço e, em muitas vezes, quando há a possibilidade de dialogar sobre essas, a mesma silencia esses diálogos.

Identificação	Texto narrativo
Violeta	<p>Olha, dificilmente porque nossa vida é muito corrida, né. Nosso dia a dia é muito... é, é, dinâmico, e aí a gente dificilmente tem um tempo assim, para sentar, ou trocar uma ideia né, ou as vezes, né, até quando falece alguém da família dos colegas, o máximo que a gente faz é desejar os pêsames, né...</p> <p>até de manhã tem uma professora amiga nossa que tá fazendo tratamento de câncer... eu não sabia, fui ficar sabendo pelo grupo que ela postou uma coisa lá... ela trabalha de manhã, e aí eu até achei estranho, porque como que uma pessoa tá fazendo tratamento tão sério e continua trabalhando? Tá vindo trabalhar... como se nada tivesse acontecendo... e aí eu não sei se é porque é algo leve, ou se, né... não é algo grave, mas pra mim falou a palavra oncologista, né... e eu, por exemplo preferia não estar em trabalho, mas aí eu não sei se ela própria que pediu pra continuar trabalhando... vida normal né, porque tem gente que tem é, é, é... essa dificuldade de ficar só quando tá passando por algum problema... E aí a nossa rotina é tão dinâmica e a gente não tem tempo de sentar... as vezes ela tá ali na sala dos professores e eu tô em aula, não da tempo deu nem chegar perto dela e falar assim: nossa amiga, como você está? Como que ta sendo? O que eu acho que é bacana né, a gente procurar acolher a pessoa, mas não da tempo... a palavra é essa... o termo é esse: não temos tempo...</p>
Jasmim	<p>Não... os poucos momentos que tem são os momentos coletivos né, alguma coisa que acontece de algum familiar passar por esse</p>

	<p>processo e a gente comenta... a gente falar que ficou assim... mas assim sentar e falar especificamente sobre isso não... Comigo aqui especificamente não aconteceu de ter isso... mas, a gente tem a liberdade de conversar com o colega se o colega quiser conversar a gente conversa né... da abertura para que... mas eu, em particular não sou invasiva de ficar perguntando e tal... do abertura... se a pessoa quiser vir conversar comigo, aí eu estou disposta a ouvir... é isso...</p>
Camélia	<p>Não... não... não... acho que é um assunto que não é... acho que é um assunto que quase que cada um lida sozinho né... aí... as pessoas... muita das vezes muita gente não gosta de dividir essa situação... fica com elas né... aí as pessoas não gosta né? De falar... geralmente a gente só fala se for perguntado assim... geralmente as pessoas não gosta muito de falar...</p>
Dália	<p>Olha, eu tenho 25 anos de magistério e eu nunca vi falar tá? Primeiro que assim... minha formação é... sou formado em psicanálise né... e... então assim eu trabalho muito a questão da morte e eu atendo também... então assim... mas eu assim... nas escolas eu nunca vi né... tanto que minha amiga morreu e parece que ela nunca esteve por lá... meu amigo morreu e... no momento até pode ter mobilização, mas depois... parece que nunca esteve por lá... né... então parece que assim... fica no esquecimento né... naquele momento até tem, mas depois parece que assim não existiu aquela pessoa... é o meu sentimento né.. em três escolas que eu trabalhei... teve uma a mesma coisa também em Minas Gerais que eu trabalhei né... morreu e a escola né... levou a coroa... compareceu, mas depois eu nunca nem vi falar mais da pessoa... parece que acabou, morreu e acabou... as vezes eu fico assim... me sinto frustrado com isso sabe? Eu como terapeuta eu... acho que tinha que ter um lugar ou um momento pra gente se conversar... de auto ajuda também, de ajuda porque tem uns que tem dificuldade e tem uns que estão passando por licença... outros de licença de morte... outros assim... por doenças... e aí fica uma coisa assim: ah, fulano pegou licença e aí vem alguém substituir e pronto... só fica nisso... a fulano veio e estendeu a licença... então</p>

	fica nisso... não tem aquela conversa nossa como podemos ajudar... não... eu nunca vi...
Margarida	<p>Tenho mais de vinte anos de sala de aula e não é um assunto falado, nem quando acontece uma situação, por exemplo eu tive situação de perda de aluno e não é falado, é algo assim no dia comenta e depois passa... no ano passado mesmo nessa escola a gente perdeu uma colega de trabalho de uma forma assim muito abrupta e sem sentido e mesmo assim a gente não fala nada, não é um assunto tratado assim... a gente comenta a morte pontual ali do momento que aconteceu, mas sobre o tema não é um assunto falado... nem enquanto profissional e nem pessoal assim mesmo a gente... não é um assunto tratado não... porque todos correm desse assunto né... e além de ser um assunto é... pesado... também tem muitas visões diferentes né... de... principalmente o depois... o pós morte tem muitas opiniões diferentes... então... não sei se é essa questão, mas é essa questão de ser um assunto triste mesmo né... um assunto... desagradável mesmo... então... pode ser isso também... quando a colega faleceu aqui na escola foi horrível... foi assim... porque quando a gente ficou sabendo foi em um final de semana e na segunda feira agimos como se nada tivesse acontecido... foi horrível... eu acho assim que foi uma das piores experiências nesse sentido de luto... porque não teve... não teve assim... pra não falar que não teve nada, que não fizeram nada, fizeram um momento nas salas e só, em todas as salas, mas foi algo assim bem pronto... foi algo assim, sabe? Não falou, não teve... a gente não teve direito a um luto... a gente não teve direito de homenagear a nossa colega... foi bem vida que segue, né... como se não fosse uma pessoa importante pra gente... como se não fosse um acontecimento né... importante né... eu particularmente não achei que era assim... eu nunca tinha perdido colega de trabalho... não imaginei que fosse assim... imaginei que teria assim... eu acho que é uma questão até de respeito, né... de respeito... de... de... respeito com a pessoa que significou alguma coisa pra gente, pra escola né... e aí a gente acaba vivendo aquela máxima que todo mundo fala né: quem morto repostado né... e foi isso que aconteceu... logo logo vem uma substituta né pro lugar profissional e ficou a perda, a dor. Era uma pessoa muito amável, uma pessoa</p>

muito alegre, perdemos e ficamos assim no sentido da instituição... não teve nenhum movimento. Nós professores não falamos nada também... falamos assim, no dia né... a gente foi lá no dia... no final de semana alguns foram no velório... lá a gente conversou tudo né, da... da... do tanto que a vida é bela, o tanto que a vida é... é... é... frágil, né... ela estava na escola todos os dias e aí ela caiu em um bueiro... a perna... machucou a perna e ficou internada uns dias e faleceu... deu trombose e faleceu... então foi assim... uma coisa que ninguém imaginava... então assim, o comentário foi lá no velório sobre isso... sobre a fragilidade da vida né... de uma hora a gente tá em um lugar e tempo de depois poder não estar ali mais. Mas foi só, na escola em si não teve conversa, não teve um apoio, nada disso não... somente entre nós...e bem... assim... na questão sentimental mesmo que nós ficamos bem abalados... todos bem abalados... ninguém esperava... todo mundo esperava que ela voltasse... eu por exemplo tinha falado com ela na terça e ela faleceu na sexta à noite, eu tinha falado com ela na terça esperando o retorno dela porque antes a cirurgia tinha dado tudo certo e tava tudo bem... então foi assim, muito inesperado... foi muito um choque pra todo mundo... e até hoje quando a gente lembra dela ainda é um choque... meio que sem acreditar... e aí a gente prefere... acho que a maioria das pessoas prefere guardar essa lembrança e não tocar muito no assunto... E ela era assim... as vezes as pessoas falam que ah, depois que morre todo mundo fica bom, mas ela era uma pessoa muito animada, uma pessoa muito alto astral... humilde, muito muito muito simples... uma pessoa muito assim... então foi uma perda assim mesmo muito dolorosa pra toda a equipe e a forma como foi tratado... pouco caso... que foi tratado o assunto na época, assim... ter dado mesmo uma atenção né... nem a memória dela e nem a nós professores que estávamos ainda muito abalados né... chega na escola é... deparar com os alunos dela... com... o... lugar que ela ficava, então assim foi tudo muito doido pra gente e não teve... não tivemos nenhum apoio né? Nenhum acolhimento né, foi algo assim muito... chocante, eu fiquei muito perplexa porque eu não achei que seria assim... não sei se devido a demanda da escola porque é tudo muito corrido, eu não entendi. O humano foi deixado de lado e só existe

	<p>o lado profissional né... não sei, não julgo se foi correto ou não, mas foi assustador pra todos nós o que tivemos que ter diante de um fato tão sério... então... que mexeu com todo mundo né... bem doído.</p>
Gardênia	<p>As vezes acontece... eu falo assim com os alunos né... as vezes acontece de um aluno estar passando por algum tipo de situação e aí a família comunicar a escola né... então a comunidade escolar as vezes, todos nós incluindo os professores, nós do administrativo... quando a gente pode a gente da uma palavrinha de conforto né... uma palavra amiga... e assim não tem aquele momento tirado só para isso né... mas quando a gente fica sabendo a gente tenta pelo menos confortar com palavras, um abraço né... as pessoas que estão vivendo isso né ou um aluno, ou um colega de trabalho... e com esses colegas de trabalho as relações interpessoais aqui da escola são muito boas... dessa escola em si né... são muito boas... e graças a Deus esse ano eu vim pra cá esse ano, junto com essa nova equipe e a gente ainda não passou por nenhum luto, parece que uma colega da tarde sim, mas só aquela... alguma mensagem né... mas por enquanto, neste turno não, mas acontece né, sempre acontece né... mas esse tempo... esse diálogo até a onde eu sei não... não sei dentro da sala de aula né porque o meu trabalho é fora... então como eu trabalho aqui na equipe da coordenação quando a gente fica sabendo a gente pode tentar dar uma acolhida né, mas na sala de aula eu acredito que né... a não ser o professor né que aborde lá... mas esse tempo pra esse diálogo... esse debate... até o momento não... não...</p>
Hortência	<p>A gente conversa sempre, eu conto... pras meninas... pra coordenadora... que me acompanha né... falo, mas sempre que eu vou falar algo que seja com ela... que seja com a psicóloga... ou aqui com você eu vejo que eu tô até forte... geralmente eu choro muito ainda... dependendo do dia... aí... ela vem né... e aí vai causando aquelas coisas, né... e aí quanto aquele exemplo que a colega deu, da mãe da colega... que ela contou que quando tava perto de morrer e teve aquele sonho... nossa... gente... isso é tão real... é tão verdadeiro... [...]</p>

	<p>Não....que seja trabalhado... é porque eu penso que pra fazer isso tem que ser um trabalho tipo um encontro... ou algo que suscita isso né... mas, assim a gente conversa, eu conto... essa coisa da experiência como eu contei pra você... da minha experiência com isso né... teve funcionário que faleceu e eu estava na licença... foi na minha época que eu estava afastada... eu acompanhei... é... funcionário... não... nunca acompanhei nem um funcionário não... é... então assim minha experiência com a morte que eu já acompanhei mais foi familiar... familiar... amigos né... vindo pra escola eu presenciei um acidente e isso me abala muito porque minha mãe faleceu de acidente, então eu tenho um pânico de acidente... depois disso me desencadeou essa dificuldade de andar... de... de... de andar de carro... de ter medo... do trânsito... muito grande... aumentou muito mais... ah, minha irmã também passou por um luto... a filha dela morreu... essa irmã que ajudou a cuidar do meu pai... que eu falei pra você que ela não aceitava que meu pai morresse... quando a filha dela morreu eu ajudei de todas as formas que eu podia... e queria ser forte também pra ela, mas eu vi ela trespassada... e eu ainda falava sempre que era uma dor muito grande... porque é uma coisa muito ligada na gente... e eu ainda por cima falava pra ela: gente, pai e mãe é difícil, mas o filho parece que é aquela parte da gente, que a gente espera que vai depois da gente... porque é o natural da vida... e nossa... quando o dela faleceu eu achei isso muito dolorido... o da minha irmã também... impactante... impacta muito... a... a... o filho...</p>
--	---

*Quadro 4: As narrativas que sobre morte e luto que não encontram acolhimento na escola*

Por meio das narrativas, foi possível compreender que os temas morte e luto estão presentes no espaço escolar, pois os sujeitos que compõem esse espaço o percebem, observam, por meio de suas vivências e experiências em que essas esferas se fazem presentes, porém não são objetos de discussão “autorizados” dentro do contexto escolar. Os narradores relatam com muita singularidade suas percepções quanto a essa falta de autorização que não viabiliza dialogar sobre o que comparece ali e se faz presente. Algumas narrativas na tentativa de justificar essa inviabilidade relatam que: o dia a dia é corrido, não temos tempo; é um assunto que cada um lida sozinho; um amigo morre e parece que a pessoa nunca esteve por lá; pode até haver uma mobilização no momento, mas depois parece que a pessoa nunca esteve por lá; fica

no esquecimento; parece que nunca existiu; parece que morreu, acabou etc.

Outros relatam que: tinha que ter um lugar, um momento para se conversar sobre isso; tinha que ter um lugar de ajuda; chega alguém para substituir e pronto; um colega morre e nada é falado; morre no final de semana e na segunda está tudo normal. Todas essas singularidades denunciam a falta de permissividade no ambiente escolar para compartilhar suas percepções quanto aos seus processos de enlutamento. O silenciamento do espaço escolar coloca esses atores escolares sob um processo de luto não validado, não reconhecido. Casellato (2015, p. 122) relata que nesses lutos “encontramos condições de não validação do que foi perdido, e tais lutos passam a não ter autorização para ser expressos”.

Se a escola não permite os processos de enlutamento de quem vivencia e experiencia a morte de alguém querido, a mesma não possibilita a esses expressarem seus pesares, suas dores frente à perda. **Margarida**, uma das narradoras, relata que: “não tivemos direito a um luto”. Essa fala refere-se ao processo de enlutamento decorrente da morte de uma colega de trabalho, que exercia sua profissão na mesma escola onde foi o lócus da pesquisa. A narradora argumenta, ainda, que foi assustadora a experiência de não acolhimento diante da morte de alguém tão querida e que ocupava aquele mesmo lugar que ela frequentava.

**Margarida e Dália** tecem um diálogo de concordância quando narram sobre a percepção que possuem diante de alguém querido que morre e que ocupava um lugar no espaço escolar. As narrativas giram em torno de que a escola não reconhece o lugar ocupado pela pessoa que morre depois de sua morte. Nessas narrativas, está pontuado que o silenciamento da escola traz a sensação de que a pessoa que outrora ocupava o espaço escolar e vem a falecer nunca tivesse ocupado lugar algum ali, pois a escola comporta-se de uma forma que denuncia uma percepção que naturaliza a morte, pois naturalizando-a, não há discussão e os atores escolares percebem isso. **Margarida** relata que chegar na escola e se deparar com os alunos dela... com o lugar dela, e não ter mais a presença da colega, e não encontrar ninguém falando sobre isso, é desastroso.

A escola, ao naturalizar a morte, naturaliza também as vivências e experiências de quem está a perder alguém querido e amado e, conseqüentemente, essa naturalização gera o desabrigo de quem está a experienciar o luto, deixando-os sem lugar de acolhimento e não se fazendo lembrar de quem morreu, permitindo, assim, que o lugar de reconhecimento e a possibilidade de serem honrados inexista. Casellato (2015, p. 52) relata que:

Quando esse sofrimento não encontra lugar, é classificado na literatura entre as perdas não reconhecidas pela sociedade ou mesmo pelo enlutado, definido na categoria dos lutos não autorizados. Sendo assim, o enlutado, não encontrando acolhimento para sua dor, pode reprimi-la, desenvolver doenças psicossomáticas que expressam o não dito e até mesmo vivenciar um processo

de luto complicado.

Tudo isso pode vir a ocorrer se os enlutados não encontram lugares para expressarem suas dores frente à perda de alguém tão amado. Algumas outras singularidades comparecem, como na fala de **Margarida**, que relata que o não reconhecimento desse lugar sugere também uma falta de respeito à pessoa que significou algo para eles e para a própria escola e, ainda sob sua percepção, o humano é deixado de lado e existe só o profissional. Seibt (2019, p. 60-61) relata que:

Na medida em que a produtividade, a força, a vitalidade, a ganância, o consumo obsessivo, a beleza, o desempenho crescente constituem a imagem de um ser humano ideal, a morte, como experiência do limite, da diminuição do poder, da beleza, da força, do desempenho, deve ser afastada. Neste caso, todos os indícios da morte e do que ela traz consigo, do processo no qual os poderes humanos que a vida nos confere são gradativamente retirados, acabam sendo os grandes inimigos do indivíduo e da sociedade produtiva.

Dessa forma, os espaços escolares que não viabilizam esse lugar para os diálogos sobre a perda da produtividade, sobre as questões da morte e do luto, são espaços que colocam o mercado em primeiro lugar, desassistindo, assim, o humano em suas totalidades e vulnerabilidades. Tais espaços que não possibilitam que a humanidade dos humanos compareça reflete um cenário educacional contaminado com a perspectiva da produção a qualquer custo, mesmo que essa tenha que apagar as relações humanas, pois dialogar sobre questões que perpassam a ordem do irreversível e incontrolável seria equivalente a relatar sobre o fracasso e sobre a impossibilidade de continuar a manter o mercado produtivista.

**Violeta** em suas narrativas relata que o espaço escolar não proporciona o entrar em contato com algo que esteja acontecendo que sugere questões de morte e luto, relatando que ficou sabendo recentemente que uma colega que trabalha ali em seu mesmo espaço de atuação está com câncer e ela não sabia e que não há diálogos sobre isso, sobre alguém que esteja enfrentando uma doença que ameaça a vida e que a coloca em risco. A narrativa de **Violeta** conversa com a narrativa de **Camélia**, que relata que a escola não acolhe esses diálogos, pois prefere evitar entrar em contato, reforçando, cada vez mais, a percepção de que cada um deve lidar sozinho com isso, até porque existem pessoas que já estão nesse movimento de guardar para si mesmos, mas ainda relata que se for perguntado às pessoas sobre isso, elas certamente responderiam e dialogariam sobre.

**Margarida**, partindo da mesma compreensão que Violeta e Camélia, pontua que há um silenciamento e que em mais de 20 (vinte) anos de sala de aula nunca presenciou esse assunto, nem quando acontece algo de fato, pois é preferível se calar. Ela denuncia que a escola passou

por uma perda de uma colaboradora, que era sua amiga e a escola não se pronunciou sobre o acontecido. Margarida narra que sua amiga faleceu de uma morte abrupta, impactante, em que um dia ela estava na escola e no outro não mais, e a escola calou-se diante disso. Procurando justificativas para elucidar tal silenciamento, Margarida levanta a hipótese de que isso ocorre devido às pessoas correrem do assunto, porque é um assunto pesado e até mesmo não querem falar porque se têm visões diferentes sobre a morte e o pós-morte, por ser um assunto triste e desagradável também. Porém, Margarida também fala de um lugar de injustiça, em que sua amiga não é lembrada nem no campo profissional e nem pessoal, visto que essa se dedicou muito à escola e não se pôde nem mesmo lamentar a morte dela, porque a escola esteve em um movimento de vida que segue.

Por meio das falas de **Margarida**, ficou evidente que ela esperava um amparo da escola, esperava ter seu luto reconhecido. Isso fica evidente quando diz que não teve nem mesmo direito ao luto, nem mesmo o direito de homenagear alguém que foi tão amado e querido. Na narrativa que se segue, Margarida aponta ainda que, em sua percepção, a escola fez pouco caso e que não foi dada a devida atenção a essa situação, nem à memória de quem morreu e nem aos professores que estavam abalados, ninguém teve apoio, não houve nenhum tipo de acolhimento e isso aparece segundo a narrativa de que o humano foi deixado de lado e só o lado profissional que ganha importância.

Isso que **Margarida** denuncia é reflexo das vivências e experiências escolares que não viabilizam a possibilidade de olhar para as fragilidades humanas, pois observar tais fragilidades e limitações humanas seria olhar e reconhecer que é necessário modificar um sistema inteiro, uma base que se consolidou em cima da busca desenfreada da produtividade, de construções e concepções que querem acreditar que a vida é infinita e não finita. Dialogar sobre morte no espaço escolar é ir contra o sistema produtivista em vida, é evidenciar e escancarar relações permeadas por interesses materiais, inconstantes e desumanas. Siebt (2019, p. 59) relata que:

“[...] encaminhamo-nos para uma visão mecanicista, fragmentada, especializada, dualista e linear e nos afastamos das experiências de intimidade, fusão, complexidade, cooperação, holismo e circularidade. Enfatizamos a análise e perdemos a capacidade de síntese. Ao que parece, essa atitude tem a ver com a compreensão que temos tempo e também da postura diante da morte.

É preciso refletir sobre o silenciar que a escola realiza diante da temática morte e luto. Os narradores denunciam esse silenciamento e solicitam espaços seguros dentro da escola para discutir sobre as finitudes, sobre a impossibilidade do ser-eterno e a necessidade e urgência de serem acolhidos diante de tudo que pode perpassar a consciência da morte e do enlutamento. É

necessário que essas temáticas e discussões sejam inseridas no contexto escolar para que haja possibilidade de novos redirecionamentos, buscando cada vez mais entrar em contato com a impossibilidade de existência eterna, para que saudável seja o viver no aqui e agora, em que as relações, as intimidades, as aproximações, ganhem espaços possíveis para existirem, pois não existe humano sem a morte, não existe vida sem a instância morte e, dessa forma, não existe também humanidade sem os processos humanos. Siebt (2019, p. 67-68) enfatiza isso quando argumenta que somos seres para a morte, mas que vivemos como se não o fossemos e isso não muda o fato evidente da morte, só faz esse processo ser ainda mais complexo do que já é:

Ser-para-a-morte, ser finito, morte, por serem a possibilidade sempre presente em cada ocasião da existência, podem jogar alguma luz sobre como viver. Talvez seja esse um importante critério: viver como se fôssemos morrer. Mas na nossa existência cotidiana vivemos exatamente como se fôssemos eternos. Reconhecer nossa finitude implica em aceitar que não temos controle sobre tudo o tempo todo; nos abre para o desconhecido, inusitado, inesperado, ou seja, para o acontecer. Nossa educação e nossas escolas não nos preparam para as aprendizagens possíveis neste reino do finito.

Apesar de o espaço escolar não reconhecer a grande necessidade de ensinar sobre a finitude humana, sobre a necessidade de entrar em contato com as nuances da existência humana, ele é um lugar potente para viabilizar essas construções, pois a escola é viva, é um lugar que reúne inúmeras singularidades e subjetividades, dessa forma tem-se a possibilidade de traçar caminhos riquíssimos, em que cada sujeito pode doar seus sentidos e significados a essas temáticas, podendo partilhar suas vivências e experiências diante disso para que diferentes singularidades sejam formadas. Portanto, a educação por meio de seus ambientes escolares pode e muito potencializar o trabalho da educação para a morte e luto, realçando a grande importância que se tem de compartilhar vivências e experiências sobre morte e luto, sobre a importância e relevância que se tem o acolhimento frente a esse sofrimento, sobre desenvolver recursos coletivos e individuais de forma saudável e eficaz para o enfrentamento da realidade da morte e da resposta ao sentimento que é o luto.

#### **4.4. As narrativas que denunciam que o luto impacta a vida das pessoas**

O processo de luto pode impactar significativamente a vida das pessoas que o experienciam, pois esse pode apresentar importantes mudanças no que tange: ao fazer cotidiano, nas tarefas laborais, em questões econômicas etc. e pode exigir dos enlutados um processo de integração da perda à sua história de vida. O impacto que o luto pode causar na vida das pessoas pode depender também da fase de desenvolvimento em que o sujeito se encontra, como aponta Parkes (1998, p.5):

também nas diferentes fases do ciclo vital, o impacto do luto se faz sentir diferentemente e isto se aplica tanto ao desenvolvimento do indivíduo, com as transições necessárias, como da família, que também passa por constantes processos de transição nos quais as mudanças podem adquirir o caráter de uma perda.

Dessa forma, são várias as singularidades que o luto pode apresentar na vida das pessoas que o experienciam. Abaixo estão narrativas que contêm relatos de como o luto impacta a vida de alguns narradores.

Identificação	Texto narrativo
Violeta	<p>Isso gera uma alteração na rotina da pessoa. Se a pessoa perde uma pessoa né, que não é do seu convívio ali diário, é uma realidade. Pra ela, ela vai se lembrar, as vezes ela vai chorar, vai ficar sentida, mas quando é uma pessoa do convívio próximo da gente e seja no trabalho... já aconteceu de perder uma colega de trabalho em outra escola que eu trabalhava, e assim é terrível a gente... assim, ela ficava na biblioteca e a gente chegar lá na biblioteca e não encontrar mais a colega. E aí a gente ficar assim... nossa mais onde ela tava aqui e agora não tá mais né... e aí no caso do seio familiar desestrutura tudo né? Porque como membro de uma família todo mundo tem seu papel e isso vai... é, é, é um... é um buraco né, é... um vão... que abre ali naquela conjuntura né... que se tinha antes da perda... nada preenche, nada vai trazer de volta né... é.... a... mesmo que voltasse hoje por exemplo... até em sonho eu já tive um sonho com isso... que ela voltasse e aí... só que ela falava assim pra mim: não posso ficar, eu tenho que ir embora, porque eu tenho hora pra voltar. Achei tão interessante... de repente abria assim uma praia com um mar lindo e ela amava água, amava mar... e aí era como se fosse uma areia muito longa, pra você chegar no mar, lá na frente. Aí ela falava: não, você não pode passar daqui, agora só vou eu, você fica porque se não, você não volta. E eu fiquei preocupada com esse sonho... e aí ela foi e eu acordei pensando: anão, queria ir também, é o inconsciente falando né... eu tive esse sonho em 2016, 2017 e eu lembro com muita clareza. Eu vivia pedindo a Deus um sonho, né: Deus me deixa sonhar com ela, queira tanto sonhar com ela... e aí quando eu acordei eu senti paz, uma paz muito grande, como se ela estivesse realmente estado ali comigo. É incrível isso né?</p>

	<p>Até o último dia de vida, assim pra mim... eu nunca vou esquecer, ela pode não existir pros outros, mas pra mim... é eterna. Uma última coisa bem interessante, antes dela morrer ela sonhou com um colar de flores escrito o nome da mãe dela... então quem ia rebela-la era a mãe dela... muito chocante.</p>
Jasmim	<p>Bom, existe casos e casos, né... então assim... se a pessoa não está preparada é um processo difícil e isso afeta... a pessoa passa por um período... acho que de um ou dois meses... outras até mais de ano né, pra superar esse fato. É demorado... pra uns é mais demorados... pra outros nem tanto né... tem uma variação... afeta a vida das pessoas... eu só não posso te dizer se é muito ou pouco né... e a preparação que a pessoa tem e o entendimento que ela tem sobre morte, né... sobre se a vida continua ou não né... acho que isso depende muito também do entendimento que ela tem sobre isso.</p>
Camélia	<p>Eu acho que as pessoas fica meio sem... sem... ah, a pessoa fica meia sem esperança né? Pessoa fica assim... meio que assim... meu caso... a gente fica assim... meio que... inseguro no dia a dia e perdido né? Perdido... pensando assim... tudo que... muita coisa que a gente faz é em vão né? E no dia a dia... luta muito pra adquirir as coisas e pensa assim: nossa mas nem sei se vou morrer amanhã... então a pessoa fica meio que desmotivado...pra luta, pra ter as coisas... pra fazer as coisas... porque fica pensando que... amanhã pode ser o fim de tudo né? Pelo menos no meu caso eu sou assim... é desse jeito... é só isso... até hoje depois que minha tia foi... até hoje eu tenho dificuldade pra dormir, pra trabalha... assim, meia dispersa...</p>
Dália	<p>Eu acho que sim... eu acho que sim porque as pessoas não querem falar sobre isso né... então é isso assim... porque as pessoas não querem falar sobre isso... as pessoas acham que morreu acabou... nem de sonhos elas não falam... imagina de morte né?</p>
Margarida	<p>Na maioria das pessoas eu acredito que sim...</p>

uma ou outra que muitas vezes fala que não, mas eu acho que até esses que falam que não eu acho que tem... porque uma situação... o novo sempre assusta né... e por mais que você fale: ah, eu já perdi tantas pessoas da família ou tantas pessoas conhecidas... mas cada perda é individual, então... eu acho que impacta na vida de todo mundo...né... é... tanto no sentido de mudar mesmo a dinâmica da vida, como na questão psicológica da gente né... tem um peso né... a morte ela ainda é um tabu, ela ainda é tratada como um tabu né... eu tenho muito medo, muito mistério que envolve né... o pós morte é algo que tem né várias vertentes aí de pensamentos do que aconteceria do que acontecerá, mas as pessoas... eu acho que assim não é nem tanto o futuro, o pós morte, é a morte, é a perda né... então tem um impacto muito grande na vida das pessoas, né. É... o medo de ficar sem, né... o não saber como agir depois... a falta, a saudade as pessoas não sabem lidar com a saudade, não sabe lidar com perdas né... cada pessoa tem um comportamento, mas sempre impacta, não tem como não mudar... não tem algum... não... faz... não tem como não fazer alguma coisa né... por exemplo aqui na escola mesmo que eu tava te falando né da colega que perdemos né, mudou né... querendo ou não mudou... mudou o comportamento de alguns, mudou a visão da gente... muda a visão da gente em relação né... a... valores né, então... não tem como... por mais que tem pessoas que falam e eu respeito... que a morte é só mais um acontecimento, mas eu penso que na maioria dos casos é muito mais que um acontecimento, é algo muito impactante na vida de todo mundo... morte, luto não é algo que ninguém... tem naturalidade né... falar que gosta... ninguém gosta... ninguém trata com naturalidade o luto. E nem deve, a gente deve dar muito valor a vida... eu dou valor a vida, a cada momento... sempre tento passar isso pros meus alunos: olha vocês já estão aqui, aproveita o máximo, vocês não sabem o dia de amanhã. Mas eu acho que é um assunto bem impactante... e que muda... todos os aspetos... muda a rotina das pessoas... muda a visão das pessoas, muda... o dia- a- dia das pessoas...toda vez que a gente se depara com a morte ou mesmo só com o tema morte né... é... é... da uma... alguma coisa... uma chavizinha vira... gira em algum lugar... A gente

Gardênia	<p>fica entre o amor e a dúvida sabe?</p> <p>Muito... muito... principalmente o luto... eu penso que o luto é pior que a morte porque o luto ele vem depois do fim de alguma coisa... então é o fim né... é o que fica depois... é aquilo que eu falei desde o início... o luto impacta uma criança que os pais separam... que é o fim... é o luto da família né... aquela criança com todos os colegas de trabalho... então... impacta sim e muito mesmo... a gente fica mais sensível, fica vulnerável... estressado, mais agitado... mais impaciente... eu nesses últimos dias estava com meu pai hospitalizado novamente... então tem um ano que a gente está nesse... tivemos uma perda e o medo de ter outra, né? A morte e o luto que a gente nem viveu e ter que viver outro luto né? Então assim... deixa a gente sensível né... impacta muito né... a vida das pessoas... não tem como... a perda né...</p>
Hortênci	<p>É, eu coloquei pra você a experiência... da falta do assunto desse processo da gente... mas eu penso que mesmo essa conversa sobre morte, sobre o luto eu não sei se ela prepara não... porque eu já tinha vivenciado isso tudo e senti baqueada... porque quando é muito próximo... é... rompe um laço e aí... oh... por mais que você sente que você tá preparado você não está... eu me lembro que eu passava na psicóloga lá do Araujo Jorge com meu pai quando ele completou 85 anos foi em outubro e ele morreu em janeiro do ano seguinte... e ela vendo que ele piorando muito e eu já assim... conversando com ela... e ela falava... ela falava assim: você acha que é pouco? E eu falava: não, não acho... ela falava assim... eu falava assim: aqui tá ficando tudo muito limitado e ela falava: até nós somos limitados... nós não temos muita coisa pra fazer mais... aí eu falo que entra nessa questão do emocional né... não tem muita coisa pra fazer... e se for pra sobreviver... vai sobreviver mesmo com a dor, mesmo com o luto e com tudo isso dentro da gente... mas assim, falar assim que vai ser recuperado... eu acho que mais nunca... vai vivenciar... vai viver com isso sempre... não tem muita coisa mais pra fazer... é como se fosse um rio que a água já passou e não vai voltar mais...</p>

*Quadro 5: As narrativas que denunciam que o luto impacta a vida das pessoas*

Os narradores relataram, segundo suas vivências e experiências, como o luto impacta a vida das pessoas e delas mesmas. Esses impactos passaram por: alteração de rotina; uma mudança frente à ausência da pessoa, uma hora estava ali e agora não está mais; desestruturação familiar; perda de papéis dentro da família; fica um buraco; mesmo se houvesse a possibilidade de retorno dessa pessoa, as coisas não seriam as mesmas; se o sujeito não estiver preparado, é um processo difícil; causa a falta de esperanças na vida; insegurança no continuar do dia a dia; sensação de estar perdido; pensamentos que muitas coisas que se faz são em vão etc.

Outras como: inseguranças diante da própria morte, não saber se vai morrer no dia seguinte; desmotivação frente à vida; impacta tanto que as pessoas não querem falar sobre isso; impacta porque é novo; impacta porque não se sabe o que fazer depois, como lidar com a saudade, com a falta; mudanças de comportamento; mudança de visões de valores; o luto impacta uma criança; deixa as pessoas sensíveis; impacta tanto que nem conversar só é suficiente para preparar para o luto.

São vários os impactos que a morte e o luto podem causar na vida das pessoas, como os narradores puderam expressar. Parkes (1998, p.5) argumenta que:

O fato é que o luto pode ser uma reação normal, até mesmo esperada, diante do rompimento de uma relação significativa — que pode ser por morte, divórcio, aposentadoria, mudanças forçadas — e que têm impacto sobre o indivíduo e a família, muitas vezes a longo prazo, até mesmo trigeracional.

Assim como Parkes argumenta, o rompimento de uma relação significativa por morte pode gerar um impacto até mesmo trigeracional. Dessa forma, uma mesma perda por morte pode continuar impactando os sujeitos que os experienciam por muito tempo e ser experienciado também por outros por meio da narrativa de quem o vivencia e experiencia. Parkes (1998, p. 94) relata que: “[...] uma mudança de maior importância, como é o caso do luto, não pode ser totalmente conscientizada de uma única vez”. Isso pode ocorrer porque cada sujeito precisará compreender a seu modo e a seu tempo como será possível integrar essa perda à sua história de vida que está em curso há algum tempo. As pessoas podem precisar de um tempo, não tempo cronológico, mas emocional, para conseguir se reorganizarem em torno da vida, do mundo.

**Violeta** relata que o que será perdido e o impacto que isso irá gerar na vida das pessoas depende muito da aproximação que se tinha com quem foi perdido, pois quem perde uma pessoa que não é de seu convívio diário vivencia uma realidade, e quem perde uma pessoa que está sempre em seu contexto diário vai sofrer um impacto completamente diferente. Ainda sob essa narrativa, aparecem duas situações que elucidam essa compreensão que foi construída: a

primeira é o exemplo que foi dado com a perda de uma colega que trabalhava na biblioteca, que era próxima a ela e a via constantemente, de forma diária e, depois de seu falecimento, ia até à biblioteca e percebia algo estranho, que algo faltava ali. Outra situação é a relatada de quando se perde algum membro da família que exercia algum papel específico dentro daquela configuração, se isso é perdido, segundo a narrativa, fica um buraco.

Já **Jasmim** traz em sua narrativa um fator importante, que perpassa o campo da individualidade, quando narra que o luto afeta as pessoas, mas depende de cada uma, como isso vai afetar, e que só a pessoa vai saber como está sendo afetada até mesmo se é em uma dimensão significativa ou pouco significativa, se vai demorar por um período de um ou dois meses ou de mais de ano, que para uns será mais demorado e para outros pode ser que seja menos demorado. Acreditando, assim, que há uma variação expressiva no que tange ao afetar ou não as pessoas.

Por outro lado, em outro viés, **Camélia** narra que o luto impacta fortemente a vida das pessoas e pode levá-las a perder as esperanças, levando a uma insegurança diante do que se faz rotineiramente, como se aquilo que se faz não adiantasse muito, uma vez que o destino será a morte. Há, segundo a narradora, uma desmotivação que a leva a pensar que tudo que vai construindo e fazendo pode amanhã nem existir mais porque amanhã pode ser o fim e isso pode impactar em muitos lugares: no sono, no trabalho, na perda da atenção plena que leva à dispersão. Sendo assim, segundo Camélia, o luto impacta sua vida de forma significativamente e também a vida de quem vivencia o luto frente à morte de alguém amado.

**Margarida** e **Gardênia** compartilham a ideia de que o luto impacta a vida das pessoas e muito, não há como fugir dessa realidade. Margarida pontua ainda que mesmo alguém que relate que a morte de alguém não impacta em nada, impacta, porque é algo novo, que a pessoa não está acostumada a vivenciar, então, sim, vai impactar, ainda mais porque a perda é individual. O impacto que pode gerar, segundo essa narrativa, é que pode haver mudanças tanto no sentido de mudar a dinâmica da vida, quanto na questão psicológica, do não saber o que fazer depois, também, não saber como lidar com a saudade, com a rotina mudada, com visões diferentes, com o dia a dia diferente, é como se ficássemos entre o amor e a dúvida. **Gardênia**, por sua vez, narra que o que vai sendo impactado é quanto à sensibilidade, pois os sujeitos ficam mais sensíveis, ficam mais vulneráveis, estressados, mais agitados e mais impacientes.

**Hortênci**a, trazendo suas narrativas, revela algo singular, relatando que o luto impacta a vida das pessoas na possibilidade ou impossibilidade de limitações. Diante da sua experiência de luto, pôde observar que as limitações compareciam de dois lugares: físicos e emocionais, quando não há mais nada a se fazer por quem a gente ama, quando tudo cessa e pensamos que se for para sobreviver vai acontecer, a pessoa vai sobreviver, e vai mesmo com a dor, com o

luto e com tudo isso dentro. Em sua narrativa, pontua ainda que não há como se recuperar completamente dos impactos causados pela morte e pelo luto, que as pessoas vão viver com isso sempre, pois não há muito o que fazer, é como se fosse um rio que a água já passou e não vai voltar mais.

Portanto, como colocado pelos narradores, o impacto que as perdas podem gerar são inúmeras, com isso as pessoas necessitam de espaços seguros e acolhedores para narrarem sobre seus processos de adaptação e de dificuldades para realizar tarefas cotidianas, tarefas que demandam delas esse processo de integração da perda a suas histórias. Para que isso seja possível, é importante pensar na elaboração de recursos coletivos em potencial, pois os impactos que podem gerar o processo de morte e luto nas pessoas exigirão tempo e acolhimentos contínuos. **Violeta e Margarida**, ao narrarem sobre os impactos que o processo de luto por meio da morte de alguém amado pode suscitar, concordam que não se sabe como agir depois e que esse processo pode conduzir à perda da esperança, pois não se sabe o que pode acontecer. Desse modo, fica claro que o processo de luto é um processo que exige adaptações contínuas e um trabalhar contínuo, pois é preciso elaborar recursos para lidar com a falta de esperança, com o não saber o que fazer depois e com todas outras possíveis nuances.

#### **4.5. Narrativas que permeiam o não falar sobre morte e luto**

Cada cultura atribui sentidos e significados únicos à morte e ao processo de luto. Como os sujeitos irão vivenciar e experienciar a morte de alguém e o enlutamento frente a essa, irá ser impactado de forma significativa pelas crenças, valores e rituais que cada cultura possui. Sobre isso, Papalia e Feldman (2013, p. 636) relatam que:

A morte é um fato biológico, mas também apresenta aspectos sociais, culturais, históricos, religiosos, legais, psicológicos, clínicos, éticos e de desenvolvimento que, com frequência, estão intimamente interligados. Embora a morte e a perda sejam experiências universais, seu contexto é cultural e histórico. Atitudes culturais e religiosas referentes à morte e ao morrer afetam o modo como as pessoas enxergam sua própria morte. A morte pode significar uma coisa para um japonês idoso, imbuído dos ensinamentos budistas que pregam a aceitação do inevitável, e outra para um jovem norte-americano de origem japonesa, da terceira geração, que cresceu com a crença de que pode dirigir seu próprio destino.

Dessa forma, o dialogar sobre a morte e sobre luto depende também do contexto social e cultural. Abaixo estão narrativas que contêm atribuições sobre esse dialogar da morte e do luto.

<b>Identificação</b>	<b>Textos narrativos</b>
----------------------	--------------------------

Violeta	e muita gente tem também, um... uma, um, uma rejeição ao tema né? Não conversa... não fala. É porque a morte pra muita gente é uma perda, né. Perda em vários níveis, né. Ou perde um pai, ou perde uma mãe, ou perde um esposo, ou perde um filho, ou a pessoa tá em próprio tratamento de alguma doença grave...
Camélia	acho que é um assunto que quase que cada um lida sozinho né... aí... as pessoas... muita das vezes muita gente não gosta de dividir essa situação... fica com elas né... aí as pessoas não gosta né? De falar... geralmente a gente só fala se for perguntado assim... geralmente as pessoas não gosta muito de falar...
Dália	as pessoas não querem falar sobre isso né... então é isso assim... porque as pessoas não querem falar sobre isso... as pessoas acham que morreu acabou... nem de sonhos elas não falam... imagina de morte né?
Margarida	o tema não é um assunto falado... nem enquanto profissional e nem pessoal assim mesmo a gente... não é um assunto tratado não... porque todos correm desse assunto né... e além de ser um assunto é... pesado... também tem muitas visões diferentes né... de... principalmente o depois... o pós morte tem muitas opiniões diferentes... então... não sei se é essa questão, mas é essa questão de ser um assunto triste mesmo né... um assunto... desagradável mesmo... então... pode ser isso também... [...] a morte ela ainda é um tabu, ela ainda é tratada como um tabu né... eu tenho muito medo, muito mistério que envolve né...

*Quadro 6: Narrativas que permeiam o não falar sobre morte e luto*

Os narradores relatam que o assunto sobre morte e luto não é frequentemente abordado, discutido, dialogado. **Violeta** e **Margarida** partilham de uma concepção que se aproxima, quando ambas argumentam que muitas pessoas têm rejeição ao tema, pois a morte para algumas pessoas, segundo Violeta, pode significar uma perda, e perda em vários níveis, como: perder um pai, ou uma mãe, ou um esposo, ou um filho, ou a pessoa morre porque está enfrentando uma doença grave e falar sobre isso impacta fortemente as pessoas e por isso elas podem escolher não falar. Margarida, sob essa mesma ótica, narra que nem enquanto profissional e nem pessoal a gente quer falar sobre morte e luto, não é um assunto que desperta desejo em ser tratado, todos correm desse tema porque, segundo Margarida, é um assunto pesado e também de muitas opiniões diferentes e que desperta tristeza. Segundo sua narrativa, o assunto ainda é um tabu. Kovács (1992, p. 136) relata que:

“[...] há uma espécie de tabu ao redor do tema da morte: não se deve falar no assunto, muito menos compartilhar certas experiências. Desta maneira, perdemos a oportunidade de elaborar criativamente o símbolo da morte em cada um de nós. E o que acontece é a perda de conexão com a totalidade, de conseqüências enormes. Sentimentos de esvaziamento, despersonalização, insegurança emocional, desespero e falta de sentido de vida assolam o homem atual [...]”

Esse tabu, por vezes, ameaça a possibilidade de elaborar estratégias conjuntas, compartilhar dores, anseios e receios. O tabu limita as pessoas a partilharem concepções construídas a partir da própria cultura e dialogar com essas, com as crenças limitantes, com a falta de acolhimento, com o despreparo para lidar quando essa chega. O tabu construído dentro do ambiente social e cultural se deve em grande parte às construções sobre morte e luto em tempos anteriores, em séculos passados, pois o que foi sendo construído em momentos anteriores influenciam fortemente as compreensões e as validações no momento presente sobre as temáticas morte e luto. Por alguns séculos, a morte foi vista como domada, as pessoas tinham conexões com seus próprios processos de morte e isso ocorria de forma natural, em que essas pessoas eram avisadas quando estavam próximas de fazerem suas passagens.

Porém, em outros momentos, a morte foi vista como indesejada, pois fugia do controle, da ordem da previsibilidade que anteriormente era possível. Em alguns séculos, ela passou a ser tida como vergonhosa e as pessoas a evitavam a qualquer custo. No século passado (século XX), a morte recebeu uma nova conotação: a morte hospitalizada, em que há um desejo conjunto de combater a morte a todo custo. Esses avanços e retrocessos quanto à morte e ao luto levaram essas temáticas a serem vistas como ameaças a vida, sendo assim essas não podiam receber relevância de diálogo e sim estratégias para negá-las e combatê-las.

Kovács (1992, p. 136) argumenta que as questões que envolvem o tabu são ainda mais profundas e complexas do que se pode imaginar:

A morte começa quando não levamos em conta que a morte existe. Quando nem sequer nos indignamos ao ver os mortos - mortos, não porque a morte existe, mas porque não lutamos pela vida. A criança miserável que morreu de fome, o operário que perdeu as mãos, a prostituta que perdeu o amor, o ser humano que perdeu a humanidade e também o seu. O suicida que não sabe que já morreu antes de matar-se, porque não suportou a vida, a morte em vida; muitas vezes porque não pode tolerar a morte do outro, e vai em busca dele, num mundo imaginário, que delírio, engana como se fosse vida.

A falta de sensibilidade de não enxergar a morte em tantos lugares, assim como Kovács coloca, pode também levar ao tabu em torno da morte e até ao não reconhecimento dos próprios lutos. Se não é possível observar, enxergar, as próprias perdas, é difícil também reconhecer a

morte e seus processos. A morte e o luto existem e fazem parte de todo o processo de desenvolvimento humano, porém frente ao não saber dos próprios processos de enlutamento, quando esses batem à porta, pode comparecer o sentimento de indiferença, uma vez que não se sabe olhar para esses, não se constroem diálogos e não se traz mais à consciência tais processos.

**Camélia**, em sua narrativa, acredita que o luto não é muito falado porque cada um escolhe como lidar sozinho com ele, não gostando de dividir isso que vai passando cada sujeito, e o narrar sobre morte e luto só comparece se for direcionado, se for solicitado, caso contrário esse diálogo não ocorre. Talvez o não falar sobre também esteja atrelado ao que **Dália** argumenta, que as pessoas acham que morreu acabou, não precisa mais falar sobre isso, não há mais o que ser dito. E frente a isso, os sujeitos podem se envolver em tantos outros diálogos e escolher não dialogar sobre a morte e sobre o luto.

Sibt (2019, p. 61), assim como Kovács, pontua que o humano não está voltado para o reconhecimento e a percepção de seus processos de morte e luto, pois está voltado para outras concepções de vida:

Se a morte é para nós atualmente algo assustador e inconveniente, isso se deve às condições gerais da nossa existência, da imagem de ser humano que conforma nossa vida. E os processos pedagógicos não ficam à margem desse modo de ser, fazer e viver em que nascemos, onde nos tornamos o que somos, nos desenvolvemos mais ou menos em alguns aspectos da vida, nos realizamos ou não. Finalmente, por mais esforço que façamos, e por mais que consigamos postergar a sua chegada, a morte vem ao nosso encontro e nos retira o nosso ser no mundo.

E quando a morte chega e com ela traz os processos de enlutamento, não há como emitir reações e compreensões que não perpassem por aquilo que temos construído em nós, revistar os modelos que temos para lidar e enfrentar a morte e os processos de luto. Portanto, se não há exemplos em nosso vivido, dificilmente nos acolheremos ou acolheremos o outro em seus processos de dor e tudo que esses processos podem suscitar, pois não se foi ensinado, tampouco trabalhado o observar e o saber lidar com os mesmos. E a única saída que vai restando aos sujeitos é se basear nas atribuições e concepções que vão sendo impostas pela cultura, sem possibilidades de construções outras, de reflexão e atribuições. Frente a isso, Sibt (2019, p. 61) relata que:

Por isso, podemos dizer que cada ser humano aprende da sua comunidade a relação que deve ter com a morte, com o envelhecimento, com as perdas que inevitavelmente a vida traz consigo. E, ao aprender a falar e ser neste ambiente, aprendemos a temer, negar, valorizar, aceitar, ou seja, cultivamos uma atitude em relação à morte e ao morrer. Uma sociedade pode considerar a morte como um inimigo a ser vencido, e essa talvez tenha sido a motivação

e razão mais profundas para nosso esforço humano de desvendar os mistérios e problemas do mundo, da busca do conhecimento e das técnicas e tecnologias com que alcançamos o domínio sobre a realidade.

Desse modo, se não desenvolvemos dentro de nós concepções saudáveis sobre a morte e sobre os processos de luto, seremos fortemente impactados e guiados unicamente pelas determinações sociais e culturais, compreendendo que o não falar sobre o tema morte e luto são, muitas das vezes, questões impostas pela sociedade. Contudo, os relatos que os narradores teceram relevam e denunciam uma construção social e cultural onde estes foram sendo levados a negar, temer e a apresentar dificuldades em dialogar com o assunto.

#### 4.6. Narrativas que levantam um questionamento: como lidar com o luto?

Diante da morte e do processo de luto, muitos podem ser os questionamentos, um deles pode comparecer por meio da dúvida do que fazer frente ao luto, de como lidar com esse processo que comparece a partir da morte de alguém amado. Abaixo estão narrativas que possuem vários questionamentos que perpassam pela dúvida de como agir frente ao luto que chega.

Identificação	Texto narrativo
Margarida	Não sabe a dinâmica que tem que fazer depois... como que a gente faz depois da morte? Será que eu posso seguir com minha aula normal? O que eu devo fazer? Lembro de uma mulher que tinha perdido o marido e aí ela colocou isso no youtube e tudo e aí eu e meu marido fomos ver depois de 7 meses ela estava postando um casamento e aí eu pensei: deve ser o casamento dela com o finado marido e não era, ela tava casando de novo e meu marido falou: é... nossa fez aquilo tudo na morte do marido e já casou de novo? Sabe? Então eu não sei como que pode ser, como que pode fazer depois da morte de alguém tão próximo. Como é a dinâmica que tem que ser seguida... a gente não tem essa orientação... ninguém fala pra gente...
Dália	tanto que minha amiga morreu e parece que ela nunca esteve por lá... meu amigo morreu e... no momento até pode ter mobilização, mas depois... parece que nunca esteve por lá... né... então parece que assim... fica no esquecimento né... naquele momento até tem, mas depois parece que assim não existiu aquela pessoa... é o meu sentimento né.. em três escolas que eu

	trabalhei... teve uma a mesma coisa também em Minas Gerais que eu trabalhei né... morreu e a escola né... levou a coroa... compareceu, mas depois eu nunca nem vi falar mais da pessoa... parece que acabou, morreu e acabou... as vezes eu fico assim... me sinto frustrado com isso sabe?
Hortência	depois... eu ficava pensando assim: eu tenho dois filhos, eu tenho meu marido... mas meu pai mesmo não dando conta de fazer nada... era a única pessoa que eu tinha aqui na terra por mim... eu pensava dessa forma... e agora eu não tenho mais ele... e aí parece que isso ia piorando a situação né...que eu pensava assim... geralmente uma pessoa... uma criança tem a mãe e o pai por ela... eu acho que isso também deve ser muito conversado... sabe?

*Quadro 7: Narrativas que levantam um questionamento: como lidar com o luto?*

Os narradores relatam não saber como lidar com o luto, relatam não ter sido orientados para tal e ainda denunciam que há um movimento muito comum no espaço escolar diante da morte de alguém que outrora ali participava, que é dar continuidade aos processos cotidianos, sem que exista nenhum momento para dar-se conta do que está ali faltante. Essa postura pode indicar indiferença, insensibilidade etc. mas pode estar a traduzir também a grande dificuldade de não saber o que fazer e como fazer frente à morte de alguém. É comum que as pessoas não saibam como lidar com uma situação de morte logo após seu acontecimento, isso se dá porque não há uma educação para a morte que viabilize esses diálogos, essas construções tão importantes.

Se há ainda um tabu sobre os temas morte e luto é comum que não se saiba o que fazer frente a algo que não é falado e nem instruído. Porém, é válido ressaltar que não há uma padronização do que pode ou não pode ser feito, ou sobre o que deve e o que não deve ser feito após uma notícia de falecimento de alguém querido, pois não existe uma regra invariável de como agir frente à morte e ao enlutamento, até porque o sentido e o significado que tem a pessoa que morreu para a pessoa que está enlutada é único, sendo assim o agir e a expressão frente a esse processo também serão únicos. Barbosa e Manoel (2019, p. 181-182) vão relatar que a reação no espaço escolar também seguirá essa mesma perspectiva, onde cada um sentirá e, portanto, agirá de formas diferentes diante da morte:

a reação diante da morte não é a mesma, cada aluno ou profissional que atua no contexto escolar vai vivenciar o seu luto a partir de sua própria experiência, o que corresponde a compreender a morte através de sua experiência subjetiva. Inexiste respostas para essas questões relacionadas a morte de forma simples

e precisa. O tema não é simples, a percepção da finitude tem interpretações culturais diversas.

**Margarida** expressa sua preocupação quanto a isso, preocupada em saber como agir, qual dinâmica seguir, o que se faz depois da morte, será que é permitido seguir sua vida normal depois de uma perda? Refletindo sobre essas dúvidas e questionamentos de Margarida, podemos pensar a partir do que nos relata Barbosa e Manoel (2019), que cada um, mesmo estando no espaço escolar e não em um contexto familiar, vivenciará seu processo de luto de acordo com sua própria experiência, e se esta perpassar o lugar da não permissão, do tabu, e do silenciamento, assim será a forma como o sujeito irá lidar frente à notícia da morte de alguém ou até mesmo como realizará seus processos de enlutamento.

Entretanto, ainda se os recursos forem poucos, pode existir o direcionamento do social e do cultural para que o processo seja possível. Os rituais culturais e sociais podem guiar os sujeitos em seus processos laborais. Amigos e familiares também podem fazer esse processo de direcionamento, para tornar a vivência e a experiência do processo de luto viável, assim como aponta Parkes (1998, p. 204):

Numa situação em que estão ausentes as normas tão estabelecidas, as expectativas das pessoas ao seu redor são fortes determinantes do comportamento. Dessa forma, amigos e parentes podem indicar, de maneira implícita ou explícita, que as reações de luto são esperadas e permitidas, mas podem também indicar que já se manifestaram o suficiente. Em certa medida, o luto é visto como um dever para com o morto, e uma pessoa estranha àquela experiência pode pensar que esse dever já foi cumprido ou, ao menos, que o enlutado deveria aliviar-se um pouco.

Apesar de ser o sujeito quem vivencia e experiencia seu próprio processo de enlutamento, o mesmo pode encontrar, por meio de suas relações, algumas determinações sobre como sentir ou como agir frente a seu processo, mas não há socialmente ou universalmente regras que ditem sobre como deve ser necessariamente as reações frente à morte e ao luto, pois os diálogos sobre morte e luto, não acontecendo com frequência, torna-se complexo encontrar espaços para dialogar sobre as reações, sobre as expressões, sobre o sentir frente à morte e ao luto e elaborar de forma coletiva formas saudáveis para lidar com esse todo.

As narrativas de **Margarida**, **Dália** e **Hortência** se encontram e se distanciam. Se encontram quando narram que não sabem como fazer frente à morte e que a escola não sabe também o que fazer, e, não sabendo, não honram e nem validam os espaços de quem morreu. Se distanciam quando falam de suas particularidades vivenciadas e experienciadas frente a acontecimentos que as levam para esse lugar. **Margarida** narra seus desejos de saber o que fazer depois da morte de alguém. **Dália** argumenta, por meio de sua narrativa, que sente frustração

frente ao silenciamento pós-acontecimento de morte das instituições por onde passou. Já **Hortência** narra sua preocupação frente a estar sozinha no processo pós-morte de seu pai, que deixou uma ausência e um não saber o que fazer, pois não há mais ninguém para quem estar no mundo.

Parkes (1998, p. 236) argumenta que: “a perda pode ter numerosos significados, e não há motivo para acreditar que todos os graus e tipos de perda dêem origem a reações idênticas”. Dessa forma, cada sujeito frente à morte de alguém reagirá de uma forma, sentirá sentimentos específicos que necessitar sentir, terá vários questionamentos que o couber, pois não há um padrão para o vivenciar e o experienciar da morte e do processo de enlutamento, porque cada perda é única e cada sujeito que a vivencia, também. Contudo, por mais que **Margarida, Dália** e **Hortência** se aproximem em seus questionamentos e indagações, suas experiências sempre serão únicas.

#### 4.7: Narrativas que marcam o lugar da espiritualidade no processo de morte e luto:

Perder alguém por morte pode suscitar grandes questionamentos aos sujeitos que vivenciam e experienciam o pesar. Um dos questionamentos que podem se fazer presente é o que ocorre depois da morte, após o corpo encerrar suas atividades biológicas. A espiritualidade pode auxiliar os sujeitos a doarem sentidos e significados à morte e a responder algumas perguntas e inquietações que podem comparecer ao decorrer do processo de enlutamento.

Identificação	Texto narrativo
Violeta	Eu vivia pedindo a Deus um sonho, né: Deus me deixa sonhar com ela, queira tanto sonhar com ela... e aí quando eu acordei eu senti paz, uma paz muito grande, como se ela estivesse realmente estado ali comigo. antes dela morrer ela sonhou com um colar de flores escrito o nome da mãe dela... então quem ia rebela-la era a mãe dela... muito chocante.
Jasmim	[...] e a preparação que a pessoa tem e o entendimento que ela tem sobre morte, né... sobre se a vida continua ou não né... acho que isso depende muito também do entendimento que ela tem sobre isso.
Camélia	[...]luta muito pra adquirir as coisas e pensa assim: nossa mas nem sei se vou morrer amanhã... então a pessoa fica meio que

	desmotivado...pra luta, pra ter as coisas... pra fazer as coisas... porque fica pensando que... amanhã pode ser o fim de tudo né?
Dália	[...] as pessoas não querem falar sobre isso... as pessoas acham que morreu acabou...
Margarida	[...] a morte ela ainda é um tabu, ela ainda é tratada como um tabu né... [...] muito mistério que envolve né... o pós morte é algo que tem né várias vertentes aí de pensamentos do que aconteceria do que acontecerá, mas as pessoas...

*Quadro 8: Narrativas que marcam o lugar da espiritualidade no processo de morte e luto*

Todos os narradores aqui presentes narram sobre suas concepções de espiritualidade no que tange à morte. Essas concepções partem de seus vividos, de suas construções experienciais durante seus processos humanos. Alguns sujeitos podem utilizar-se da espiritualidade para compreender tanto a vida e a morte quanto o processo pós-morte, aderindo a esse último possibilidades de continuidade ou de finalização. Contudo, porém, a espiritualidade pode funcionar como ferramenta potente para o manejo de todas as questões que comparecem diante do pós-morte, como: medo, incertezas, inseguranças etc. Pode ser potente, pois a espiritualidade pode trazer crenças estruturantes e organizadoras frente ao sofrimento humano que as pessoas vivenciam. Porém, não é que a espiritualidade não irá ceder espaços para o sofrimento, é importante que os sujeitos façam contato com suas perdas, com o que foi perdido, com seus pensamentos, emoções e sentimentos, e a espiritualidade pode ser um recurso para lidar com tudo isso, pode ser um refúgio significativo para se haver até mesmo com suas próprias questões de existenciais e de finitude.

Outra questão significativa é perceber que a espiritualidade não narra sobre religiões. Alguém pode ter uma conexão espiritual e não ser religioso, pois a esfera espiritual se dá pelo contato com o sagrado que não depende de religião para existir. Kovács (1992, p. 76) argumenta que incluir a dimensão espiritual não necessariamente é incluir uma dimensão religiosa:

Vejam bem, ou partidária, mas uma explicação para o ser humano, a que ele veio: o que está fazendo aqui neste Universo? Quer dizer uma necessidade de se perceber pertencente a algo mais amplo do que o simples cotidiano.

Dessa forma, a espiritualidade marca também uma busca pelo propósito da própria existência, a busca de significados, enquanto se vive, a busca por pertencer a alguma coisa para além do que só é perceptível por meio do palpável e visível. Kovács (1992, p. 76) relata ainda

que: “quanto mais satisfatória for a resposta que o indivíduo tem a essa busca espiritual que ele vai desenvolvendo, mais tranquilamente ele enfrenta a morte”. Portanto, nessa perspectiva que nos traz Kovács, a busca por pertencimento e propósitos precisa encontrar movimentos de desenvolvimento para que as questões de morte, luto e até mesmo pós-morte sejam melhores enfrentados. Todos estão conectados: a busca por sentido na vida e a compreensão da dimensão existencial que perpassa não somente por uma única instância.

Algumas narrativas destacaram de forma explícita essas aproximações com a espiritualidade, às vezes doando mais sentido à concepção da espiritualidade que busca repostas para dar conta do pós-morte, porém algumas narrativas trouxeram mesmo que implicitamente uma busca também pelo equilibrar da dimensão existencial após a morte de alguém tão amado, buscando respostas no universo espiritual para conseguir lidar com o continuar existencial de si mesmo. Foi possível, ainda, captar que, em algumas narrativas, a espiritualidade não compareceu de forma explícita, mas ela compareceu de forma implícita, mesmo denunciando a ausência da apropriação dela, no diálogo sobre morte e pós-morte, essa se revelou.

**Violeta** narra sua espiritualidade e conexão com o sagrado quando faz um pedido para sonhar com sua mãe, pois queria muito vivenciar essa possibilidade. Então acredita que, a partir desse pedido, foi atendida. No sonho relatado ela narra algumas simbologias que marcavam a realidade e um possível fechamento, que, na ordem da realidade, compareceu: que ela estava em um lugar que ela gostava e estava bem nesse lugar e que não podia mais voltar. E um possível fechamento foi percebido quando a mãe argumentou que ela não podia passar de um lugar específico, não podia ir com ela, porque se não ela não ia conseguir voltar, sinalizando a conexão entre os dois mundos: o físico e o espiritual, mas cabendo a cada um viver em seu respectivo momento. Relata ainda que sua mãe contou a ela em seu último dia de vida que sua avó (mãe de sua mãe) a entregava um colar de flores, o que poderia ter simbolizado um ato de boas-vindas ao plano espiritual e que ela estava esperando para recebê-la. Pode-se, portanto, perceber que a espiritualidade estava presente nessa narradora e também em sua mãe que, acreditando nisso, compartilhou com a filha.

**Jasmim** acredita que cada pessoa tem uma preparação para esse momento e isso irá auxiliar no quanto a morte impactará na sua vida ou não. Segundo sua narrativa, cada pessoa possui uma compreensão diante da grande dúvida se a vida continua ou não. Seu narrar evidencia que a espiritualidade auxilia na compreensão e no processo de sanar as dúvidas quanto à continuidade ou não da vida, e no quanto a morte impactará ou não o vivido das pessoas. A narrativa de Jasmim argumenta com as concepções de Kovács (1992), pois ambas

acreditam que se houver uma preparação espiritual no que tange à vida e às vivências, quando a morte comparecer será possível enfrentá-la com maior tranquilidade esse processo.

**Camélia**, por outro lado, narra sua percepção diante da morte, relatando que a morte simboliza o fim, e, portanto, fica a pensar que tudo que faz pode ser em vão se a morte chegar, sua luta para adquirir as coisas, sua luta do dia a dia, e se sente desmotivada ao pensar que a morte sinaliza o fim de toda essa luta para conquistar algo. Relata, ainda, que, após a morte da tia, tem dificuldades para dormir, demonstrando o impacto que essa morte teve para si, e a realidade dessa morte ter simbolizado o fim da tia, e o fim de sua conexão com ela. **Dália** relata, em sua narrativa, que as pessoas não querem falar sobre morte porque acreditam que a morte marca esse lugar de finalização, assim como narrado por **Camélia**, onde o sujeito morre e então tudo se acaba. Isso sinaliza a crença de que a vida acontece apenas nesse plano terreno, e que se este encerra-se então acaba-se tudo.

Essa compreensão sinaliza a herança advinda da teoria da dualidade de Platão, que propunha a existência da alma, mas que esta estava separada do corpo (Ferreira, 2018). Tendo que a espiritualidade é aderida à alma e a alma é separada do corpo, segundo essa visão, os sujeitos são levados a compreender que a espiritualidade não está neles, que o humano é apenas composto de corpo, portanto, quando esse corpo padece, tudo acaba e não há possibilidade de continuação. Frente à concepção de que tudo se acaba, a partir do corpo que encerra suas atividades, pode surgir o desespero e a falta de esperança que pontua Camélia, pois não existem perspectivas que sustentem o pensamento de novas conexões e possibilidades.

**Margarida** traz uma outra concepção sobre o pós-morte, narrando que ocorrem muitos silenciamentos sobre morte porque ainda se tem muito tabu e que a morte envolve um mistério, e o pós-morte traz várias vertentes e isso pode causar várias concepções diferentes do que vem após a morte. Dessa forma, não há um consenso ou uma concepção universal que direcione as pessoas para melhor lidar com esse processo. Em sua narrativa, Margarida não acredita que a morte seja só mais um acontecimento na vida das pessoas, é algo que marca e impacta a todos, e acredita, ainda, que ninguém tem naturalidade para falar sobre, até porque a morte e o pós-morte envolvem mistérios desconhecidos até então, porque ninguém sabe o que acontece dentro desses processos e nem muito menos o que pode acontecer amanhã, com cada um.

Essa perspectiva de várias vertentes, como aponta Margarida, pode ao mesmo tempo dificultar a construção de uma compreensão universal sobre a morte, o luto e os processos pós-morte, mas também abre possibilidades para muitas religiões utilizarem de aspectos da espiritualidade e elaborarem crenças, rituais e orientações de como fazer diante da morte. Parkes (1998) relata que: “Os religiosos são, é claro, uma fonte tradicional de apoio para o

enlutado e aqueles que se houverem comprometido com a comunidade religiosa geralmente encontram uma boa fonte de apoio espiritual e social”. Desse modo, essa diversidade de vertentes pode auxiliar ou não os sujeitos, a depender de seus processos de espiritualidade e compreensões.

Contudo, faz-se importante compreender que o campo da espiritualidade pode comparecer nas narrativas de morte, luto e pós-morte como compareceu no narrar dos sujeitos participantes da pesquisa e que essa pode trazer um fator potente para o enfrentamento não só da morte e do luto, mas da vida. Nas presentes narrativas, a espiritualidade não foi compreendida como religiosidade e sim como experiências que transcendem e, na experiência relatada de alguns narradores, esses fizeram e fazem uso dessa, nas duas esferas: para dar continuidade a suas existências e na busca de compreender e buscar recursos para lidar com a realidade de suas perdas.

## CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Perdas, morte e luto são processos que fazem parte do humano, da vivência e experiência humana. As perdas podem ser inauguradas ainda em momentos iniciais do existir, logo, ao nascer, se pode perder: o que era conhecido, os barulhos que eram captados somente por meio do útero, a conexão plena com a mãe, os movimentos que compareciam somente ali naquele espaço e a perda da possibilidade da continuação da experiência naquele lugar. E a morte revela-se como a impossibilidade de reversibilidade, a falência do corpo físico, biológico, aquele que encerra todas as suas atividades perceptivas, sensórias. O luto, por outro lado, pode comparecer como resposta à perda, ou à morte, instalado logo após o desfecho dessas, manifestando o desenredar do pesar.

Entretanto, as perdas, a morte e o luto apresentam familiaridade entre si, todas denunciam um rompimento, seja ele desejado ou não, planejado ou não, partem de um lugar comum: o desfazer do conhecido e o tecer de novos lugares impensáveis outrora, o que ficou evidenciado por meio do presente estudo. As perdas, a morte e o luto impactam fortemente a vida das pessoas, as atravessam de forma única e singular e, quando comparecidas no âmbito coletivo, não encontram consenso entre si, dada a diversidade do humano e a dificuldade de os espaços coletivos compreenderem a dimensão dessas diversidades presentes nas vivências e experiências contidas no processo humano.

Os espaços coletivos, tais como os espaços educacionais e escolares, que são lugares que comportam inúmeras singularidades humanas, identificam, percebem e captam o que comparece em seu interno no que perpassa as questões de perda, morte e luto. A escola não nega a existência das vivências e experiências, não é vedado ou proibido que se fale sobre perdas, morte e luto, porém o que não ocorre é o franquear de discussões sobre isso, não há espaços que contemplem essas temáticas, não há construções de espaços para o compartilhar das singularidades e diversidades que as perdas, as mortes e os lutos podem acarretar na vida dos atores escolares.

Apesar de o critério utilizado para a escolha da instituição ter sido a morte de uma de suas docentes, e o esperado era que houvesse uma mobilização referente a essa morte e ao processo de luto nos âmbitos coletivos da escola, isso não se fez presente em todas as narrativas, apenas em uma. Isso pode sinalizar inúmeras questões, uma delas é a questão silenciada, que até mesmo acontecendo na escola, não se faz presente no âmbito coletivo. As narrativas revelaram que as construções que os atores escolares realizam se pautam no âmbito da individualidade, em suas particularidades, partindo de suas próprias sensibilidades e

personalidades, denunciando que todas as vivências e experiências narradas foram difíceis e traumáticas, estando ausente qualquer narrativa que revelasse preparação ou naturalidade para tais processos. Dessa forma, partindo apenas de particularidades e dificuldades, não puderam abrir espaço em suas narrativas para as construções que atravessam o âmbito escolar e educacional. Este somente se fez presente nas narrativas dos atores escolares quando denunciaram que não há o franqueamento da instituição para os diálogos sobre perdas, morte e luto.

Essas determinadas compreensões foram encontradas por meio do alcance do objetivo geral e dos objetivos específicos, sendo que o objetivo geral pautou-se em desvelar as vivências e experiências de atravessamentos sobre perda, morte e luto no ambiente escola, e os específicos: (i) Apreender as significações sobre as perdas como processo natural na realidade humana, a morte como realidade e o luto como resposta ao sentimento; (ii) Compreender se o diálogo sobre perdas, morte e luto são permitidos no ambiente escolar; (iii) Descortinar como os atores escolares vivenciam as experiências de luto no ambiente escolar.

Esses objetivos foram alcançados por meio da possibilidade do aceite dos atores escolares em narrarem suas construções, suas significações e singularidades frente às suas vivências e experiências com os temas: perda, morte e luto. O objetivo geral foi contemplado através das narrativas dos atores escolares, em que esses puderam partilhar, em suas singularidades, como vivenciam e experienciam essas temáticas. Todos os narradores narraram vivências e experiências sobre perda, morte e luto em suas individualidades e em algumas narrativas, o que sugeria ser um espaço coletivo. No âmbito individual, puderam narrar perdas e enlutamentos profundos pela morte de alguém amado e os desdobramentos que essas têm em suas histórias de vida até os dias atuais. Já no que tange ao coletivo, ao vivenciar e experienciar suas perdas, morte e lutos no ambiente escolar, cada narrador revela que faz à sua forma, levando em consideração seus aspectos individuais, uma vez que o coletivo não os convida para o compartilhamento dessas vivências e experiências. Portanto, o espaço coletivo comparece apenas como um espaço que ainda é distante e o individual é colocado em grande ênfase.

Por meio das narrativas desses atores escolares, foi possível apreender as significações sobre as perdas como sendo um processo natural na realidade humana, quando narram que compreendem que a perda faz parte e que, quando há a morte de alguém amado muito se perde, e que é a relação tecida com a pessoa amada que revela o que será perdido. As narrativas dos atores escolares sobre morte revelaram o lugar da perda física, em que alguns narradores argumentaram que esse é um acontecimento no que tange à separação de ordem física e não se sentem preparados para tal acontecimento. E o luto, segundo esses, é o que comparece após a

morte física de alguém amado, como: os sentimentos que se fazem presentes, as mudanças de ordem emocionais e as exigências de resignificação que vão se fazendo presentes para esses e isso se mostra como resposta a tudo que se foi perdido.

Na busca de compreender se o diálogo sobre perdas, morte e luto é permitido no ambiente escolar, foi lançado o convite aos atores escolares a narrarem sobre suas vivências e experiências quanto a essa permissividade ou não no ambiente escolar, e, dessa forma, foi possível captar, por meio dessas narrativas, que os diálogos são permitidos, que o espaço escolar não proíbe ou adverte essas temáticas. Foi desvelado que o campo educacional e escolar onde a pesquisa foi realizada percebe que as perdas, a morte e o luto fazem parte de sua realidade, o que não ocorre, porém, é o propiciar de espaços acolhedores para que essas temáticas sejam tratadas, que nos momentos coletivos onde todos se encontram para tratar de suas agendas escolares essas pautas não comparecem e não têm seu lugar.

A partir desses achados, foi buscado descortinar como os atores escolares vivenciam as experiências de luto no ambiente escolar, uma vez que não há, dentro do espaço educacional e escolar em questão, lugares para o compartilhamento e cuidado com os atravessamentos frente às perdas, morte e lutos vivenciados pelos atores escolares, mesmo que todos esses tenham relatado possuir vivências e experiências com as temáticas em questão. Por meio de 4 (quatro) narrativas, pôde-se descortinar que a forma de vivenciar e experienciar o luto dentro do ambiente escolar, mesmo que este seja um ambiente coletivo, é realizada de forma individual, havendo uma busca por organização interna e particular, na qual é buscado dentro de si mesmo ferramentas para lidar com o luto nesse espaço, buscando dentro de sua própria história de vida recursos suficientes para lidar com a dor da perda, da morte e do luto. Em outros três relatos, porém compareceu que há a busca pelo coletivo, mas essa busca ocorre por meio da sensibilidade e da particularidade desses sujeitos frente a sentirem a necessidade de compartilhamento com outro alguém, mesmo que não haja um momento específico para tal.

No percurso para encontrar tais achados, contemplando os objetivos traçados, tanto o geral quanto os específicos, algumas limitações compareceram. Nem todos os atores escolares que receberam o convite para dialogarem sobre perda, morte e luto o aceitaram, e justificaram o não aceite verbalizando que o tema não os agradava, que havia um receio em falar sobre, que o tempo era muito curto para conversar sobre, então optaram por não participar da pesquisa. Houve a falta de acesso integral a todos os atores escolares, pois a permissão da direção para o contato direto com esses foi dada apenas em momentos específicos, em horários aos quais os atores escolares não estivessem exercendo nenhuma atividade na escola. E por não haver um momento coletivo em que a pauta fosse perdas, morte ou luto, a participação da pesquisadora

nesses momentos coletivos onde há um encontro para discutir várias outras pautas, foi impossibilitada.

Diante de todo o construído da presente pesquisa, que envolveu desde o seu início, com o pensar sobre sua estruturação, o problema de pesquisa, os objetivos, as seções, até os desdobramentos teóricos, a pesquisa em campo, a coleta das narrativas sobre perdas, morte e luto e o refletir sobre todo o percurso aqui presente, é válido salientar que, para além do envolvimento profissional, técnico e instrumental, foi necessário haver uma aproximação significativa com a temática. As vivências e experiências da pesquisadora também conversaram com as dos atores escolares, com as dores, com a falta do encontrar espaços educacionais e escolares sob uma perspectiva de acolhimento aos processos de perda, morte e luto.

O enfrentamento das limitações foi possível por meio da insistência, através do acreditar por parte da pesquisadora que esta temática é relevante, é legítima e, partindo dessa compreensão, foi possível conectar de forma inteira com os narradores, que em suas narrativas trouxeram muito de si mesmos, mas também muito de uma sociedade que ainda tem muito o que aprender quanto ao acolhimento aos processos de perdas, morte e luto. As narrativas denunciam um pedido para que haja espaços de compartilhamento para dividirem a dor, pois essa é dilacerante e tira tudo do lugar, altera a rotina, altera o humor, o senso de confiança e previsibilidade, impõe aos sujeitos a obrigatoriedade de romper com laços significativos tecidos durante todo um tempo cronológico e emocional, de formas abruptas.

O social falha quando não oferece apoio a essas dores, quando o espaço educacional e escolar vê, percebe, mas decide não enxergar a necessidade de seus próprios atores escolares e sociais, acarretando, assim, a necessidade dos enlutados vivenciarem seus lutos apenas na esfera da individualidade, produzindo cada vez mais tabus e ideias distorcidas sobre os temas, acarretando inúmeras dúvidas aos enlutados sobre o que fazer e como fazer após a perda de alguém tão amado, ou frente a outros tipos de perda, restando aos sujeitos, como argumentado por meio das narrativas, a procurarem através de si mesmas, de suas histórias de vida, ferramentas e recursos para lidar com todos esses processos, em que vários sujeitos também recorrem ao campo da espiritualidade com o intuito de guiá-los a um tipo de acolhimento, que não encontram em outros lugares.

Portanto, necessário se faz dar continuidade a essas reflexões, tendo que as pesquisas nesse campo envolvendo tais temáticas ainda são poucas e que esse estudo abriu ainda mais questões para serem investigadas. A ida a campo, a imersão neste presente trabalho suscitou inúmeras questões, tais como: buscar compreender o silenciamento educacional e escolar, uma vez que as temáticas perdas, morte e luto são vistas dentro do espaço escolar, mas não são

acolhidas, cuidadas e trabalhadas; estas não encontram espaços seguros para existirem, e assim colocam os sujeitos frente à necessidade de lidarem com seus lutos de forma individual. Investigar esse silenciamento no campo educacional e escolar mostra-se essencial.

Outra questão suscitada foi a necessidade de aprofundamento maior sobre as vivências e experiências das perdas dos atores escolares. Como a dissertação pautou seu olhar na perda específica por morte e o enlutamento advindo desse lugar, não foram tão exploradas outras perdas que comparecem no campo existencial e no processo de desenvolvimento desses sujeitos, o que, como hipótese, pode ser pensado que a forma com que os sujeitos lidam com os processos naturais do próprio processo humano e suas perdas impactará fortemente nas suas demais perdas.

A questão geradora deste estudo, como abordado, se desdobra em vários outros lugares, como também na necessidade de olhar para a estruturação educacional, como, por exemplo, a BNCC que não inclui essa pauta tão importante, portanto se falta encorajamento e validação para tal, pode haver um forte impacto em como as instituições veem as temáticas. Por último, contemplar o campo cultural de cada espaço social ao considerar os processos de perda, morte e luto são outros desdobramentos, pois são estas que validam e norteiam os processos de diálogo sobre as temáticas e a educação e o campo escolar estão inseridos em uma determinada sociedade que se baseia em uma determinada cultura. São muitos os desdobramentos que a presente pesquisa apresenta, denunciando que as reflexões precisam encontrar espaços de continuidade.

Estar totalmente imersa nesta dissertação, sob essas temáticas, contribuiu de forma significativa não só para o fazer acadêmico da presente pesquisadora, mas sim para sua formação enquanto sujeito. A possibilidade de ouvir narrativas outras nos possibilita o contato humano mais nobre possível: enxergar as vulnerabilidades humanas, por isso nem todos estão preparados para tal tarefa, é necessário preparo, pois os sujeitos que escutamos entregam o que há de mais valioso de si mesmos. Não é e nunca será banal escutar alguém em suas singularidades, em suas dores e fragilidades, sempre será um presente.

Ocupar o lugar de pesquisador nos leva a refletir até mesmo sobre a própria palavra: pesquisador, pesquisa-dor. Reconhecer que somos quem ocupa esse lugar e ainda conseguirmos ser-humanos, é, sem dúvida alguma, uma experiência que transcende. Escutar as narrativas contidas aqui neste estudo, refletindo juntamente com a teoria e olhando as próprias vivências e experiências, leva a presente pesquisadora a pensar que, assim como ela, outras pessoas também são impactadas pelas perdas, pela morte e pelos processos de luto, e isso fortalece ainda mais o desejo de aprofundar e encontrar espaços que possibilitem verdadeiramente o olhar, o

validar e o possibilitar completo do aparecimento e comparecimento humano entrelaçado com suas nuances existenciais: perdas, morte e lutos.

## Referências

- ARIÉS, P. Primeira parte- as atitudes diante da morte: a morte de si mesmo. In: ARIÉS, P. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias.** ed. Especial. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BAUER, M. W; GASKELL, G. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 1º ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política, Ensaios sobre literatura e história da cultura.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BICUDO, M. A. V. **Pesquisa Qualitativa segundo a visão fenomenológica.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BICUDO, M. A. V; ESPOSITO, V. H. C. **Sociedade Brasileira de estudos e pesquisa qualitativos Pesquisa Qualitativa em Educação: Um enfoque fenomenológico.** 1. ed. Piracicaba- SP: Unimep, 1994.
- BONDÍA, J, L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Trad. GERALDI, J, W. Revista Brasileira de Educação, Campinas-SP, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
- CAPUTO, R. F. **O Homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico.** Revista Saber acadêmico. nº 06, Dez. 2008. Disponível em: <https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20180403124306.pdf>.
- CASELLATO, G. Luto não reconhecido: o fracasso da empatia em tempos modernos. In: CASELLATO, G. **O resgate da empatia suporte psicológico ao luto não reconhecido.** São Paulo: Summus, 2015.
- CASTRO, Raimundo Márcio Mota de. **História e memórias do Ensino Religioso na Escola Pública: lembranças de tempos discentes e docentes.** 2013. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.
- DEMO, P. Introdução ao ensino da metodologia da ciência. In: DEMO, P. **Introdução à**

**metodologia da ciência.** 2. ed. São Paulo: Atlas.

FERREIRA, R. R. **A alma em Platão:** Comentários sobre o conceito de imortalidade da alma e sua relação com o corpo. Juiz de Fora, 2018.

FERNANDES, J. **Técnicas de estudos e Pesquisas.** 2. ed. Goiânia: Kelps, 2000.

FELDMAN, C. **Encontro:** uma abordagem Humanista. 3º ed. Belo Horizonte: Crescer, 2006.

KÓVACS, M. J. **Educação para a morte: quebrando paradigmas.** 1. ed. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2021.

MATTEDI, M. A; PEREIRA, A. P. Vivendo com a morte: o processamento do morrer na sociedade moderna. Caderno CRH, Salvador, v.20, n. 50, p. 319-330, maio/agosto, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/6dwBVkwTPWVfdZK3W8ZH5vJ/?format=pdf&lang=pt>.

MAZORRA, L; TINOCO, V. **Luto na infância: intervenções psicológicas em diferentes contextos.** São Paulo: Livro Pleno, 2005.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa.** 1 ed. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v.1, n. 3, 1996.

PARKES, C. M. Luto: **Estudos sobre a perda na vida adulta.** 3 ed. Trad. Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: Summus, 1998.

SANTANA, L, W, A; SENKO, E, C. **Perspectivas da Era Vitoriana:** sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. Revista Diálogos Mediterrâneos, Paraná, nº 10, junho/2016.

SCHMITT, J, L, D, M. **Mortes vitorianas: corpos e luto no século XIX.** Revista de Moda, Cultura e Arte, São Paulo, nº 1, abr/ago, 2008.

VIORST, J. **Perdas Necessárias.** 4.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “Quando a morte alcança a escola: vivências e experiências de docentes sobre o luto em uma escola municipal de Goiânia”. Meu nome é Thalita Fernanda Moreira Cardoso Amaral, sou mestranda, pesquisadora responsável por esta pesquisa. Além de mim, ainda fazem parte da equipe de pesquisa meu orientador Professor Dr. Raimundo Márcio Mota de Castro.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubrique todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma.

Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail: [thalitafeernandamoreira@gmail.com](mailto:thalitafeernandamoreira@gmail.com). Endereço: Rua Ipê Qd. 11 lt. 18, Vila Florença, Santo Antônio de Goiás-GO, CEP: 75375-000 e inclusive, sob a forma de WhatsApp e ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes dos seguintes contatos telefônicos: (062) 981370547/ (062)993595235.

Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás (CEP/UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, o funcionamento presencial e pelo telefone: (62) 3328-1439, ocorre das 9h às 12h e das 13h às 16h30min às terças e quartas-feiras. O atendimento por e-mail [cep@ueg.br](mailto:cep@ueg.br) poderá ser feito de segunda à sexta 9h às 12h e das 13h às 16h30min. O CEP é responsável por realizar a análise ética das pesquisas com seres humanos, sendo aprovadas apenas aquelas que seguem os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares Brasileiras sobre ética, como é o caso desta pesquisa.

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 10 minutos e a sua participação na pesquisa aproximadamente 40 minutos.

**Justificativa, objetivos e procedimentos:**

O motivo que nos leva a propor esta pesquisa é que o tema morte e luto são fenômenos existenciais que permeiam todos os espaços, portanto podendo permear o espaço escolar. Esta pesquisa busca abrir espaços para dialogar sobre esta temática vigente no cotidiano. Desse modo o objetivo desta pesquisa é desvelar as vivências e experiências de docentes sobre o luto na escola.

Você/Sr./Sra. contribuirá com a pesquisa participando dos seguintes procedimentos: entrevista narrativa, onde será realizado algumas perguntas norteadoras para o dialogar sobre a temática. Esta entrevista terá a duração de no máximo 40 minutos e será realizada em uma sala privativa da instituição onde você faz parte do corpo docente, sendo este será o único momento que você será abordado para tal momento. A entrevista poderá ser gravada se assim consentido. A gravação será unicamente e exclusivamente para transcrição da mesma para integrar os dados à pesquisa. Assim sendo:

( ) Não permito a gravação, obtenção da minha voz.

( ) Permito a gravação, obtenção da minha voz.

( ) Permito a divulgação da minha voz através dos resultados publicados da pesquisa, em forma de falas transcritas (esclarecendo que você participante não terá sua identidade revelada em nenhum momento).

( ) Não permito a divulgação da minha voz nos resultados publicados da pesquisa (nem em forma de transcrição da minha fala).

### **Riscos e formas de minimizá-los:**

Os riscos relacionados à participação neste estudo existem, a aproximação e a descrição das vivências e experiências sobre o tema morte e luto podem causar desconforto, com possibilidade de ativação de diversas emoções, sentimentos e até mesmo causar algum constrangimento. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação, nós enquanto pesquisadores tomaremos as seguintes medidas: o participante não terá a obrigatoriedade de responder a todas as questões norteadoras presentes na entrevista. A participação é voluntária, sem nenhum bônus ou ônus financeiro e há sempre a possibilidade de desistência a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao participante. Também será dado ao participante a possibilidade e liberdade de utilização de algum pseudônimo para seus relatos se assim o preferir. Serão observados, cumpridos e garantidos todos os preceitos éticos e as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A confidencialidade do participante será totalmente assegurada. Reiteramos ainda que toda e qualquer etapa da presente pesquisa somente será efetuada após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisas.

### **Benefícios:**

Apesar dos riscos, os benefícios desta pesquisa os superam. Assim, enquanto participante desta pesquisa, você/Sr./Sra. terá como benefícios: a contribuição com a produção do conhecimento científico, a possibilidade da criação de documentos para estudos sobre a temática morte e luto na escola, além de estimular pesquisas na área da educação visando a ampliação das discussões com este viés. Aos participantes também será possibilitado a oportunidade de fala, de dialogar em um lugar protegido sobre esta temática que é tão presente no cotidiano e que atravessa a todos os seres humanos.

### **Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:**

Não há necessidade de você se identificar nesta pesquisa, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você/Sr./Sra. poderá solicitar a retirada de seus dados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem nenhum prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo físico, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias serão apagadas.

### **Assistência:**

Se você/Sr./Sra. sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa.

Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na entrevista de forma imediata e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

### **Indenização:**

Se você/Sr./Sra. sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você/Sr./Sra. não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo, como com alimentação, transporte/locomoção, entre outros, este será ressarcido por mim, pesquisador responsável.

Em qualquer etapa do estudo você/Sr./Sra. poderá entrar em contato comigo, pesquisadora responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas. Os seus resultados nesta pesquisa poderão ser consultados a qualquer momento por você e ao final da pesquisa, nós te entregaremos seus dados através da finalização e concretização da dissertação de mestrado. Ao final será disponibilizado uma cópia do trabalho final para cada participante da pesquisa e a mesma também ficará disponível no banco de dissertações da UEG do programa PPG-IELT de Anápolis. Qualquer dúvida sobre o acesso a estes dados os participantes poderão entrar em contato com a pesquisadora através do número (062)981370547.

#### **Declaração da Pesquisadora Responsável**

Eu, Thalita Fernanda Moreira Cardoso Amaral, pesquisadora responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

#### **Declaração do(a) Participante**

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, discuti com o pesquisadora Thalita Fernanda Moreira Cardoso Amaral sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo “Quando a morte alcança a escola: vivências e experiências de docentes sobre o luto em uma escola municipal de Goiânia”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Goiânia-GO, dia \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do(a) participante de pesquisa

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Thalita Fernanda Moreira Cardoso Amaral

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

A pesquisa intitulada “Quando a morte alcança a escola: vivências e experiências de docentes sobre o luto em uma escola municipal de Goiânia-GO, terá como pesquisadora responsável Thalita Fernanda Moreira Cardoso, orientada pelo Prof. Dr. Raimundo Márcio Mota de Castro e atenderá o seguinte roteiro:

**Pesquisador:** Bom dia/tarde/noite. Gostaria primeiramente de me apresentar. Me chamo Thalita Fernanda Moreira Cardoso, sou psicóloga, mestranda pelo Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias pela UEG do Campus de Anápolis, e pesquisadora responsável pela pesquisa intitulada “Quando a morte invade a escola: vivências e experiências de docentes sobre o luto em uma escola municipal de Goiânia-GO”, a qual possui como orientador o Prof. Dr. Raimundo Márcio Mota de Castro. Conforme já constante no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ressalto que caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na pesquisa narrativa a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo. Caso se sinta confortável e queira dar prosseguimento na sua participação, gostaria que você se apresentasse, informando seu nome, idade, a quanto tempo atua na instituição, e o que mais desejar acrescentar sobre si.

**Resposta do participante: (...)**

O intuito dessa pesquisa é conseguir ouvir as suas narrativas que contenham as suas vivências e experiências com a temática morte e luto. Para isso, irei fazer três perguntas norteadoras e gostaria que você ficasse á vontade para compartilhar. Estamos em um lugar seguro e sua fala, está segura.

**Pesquisador:** Gostaria que você contasse sobre suas vivências e experiências com morte e luto, relatando fatos marcantes e significativos para você.

**Resposta do participante: (...)**

***Pesquisador:*** Em suas vivências e experiências educacionais como essa temática é discutida? Se sim, como foi para você dialogar sobre com seus pares?

***Resposta do participante:*** (...)

***Pesquisador:*** Como a questão da morte e luto afeta a vida das pessoas? Como é isso para você?

***Resposta do participante:*** (...)

***Pesquisador:*** Agradeço imensamente esse tempo que você separou para colaborar com a pesquisa e, caso tenha qualquer dúvida posterior você poderá entrar em contato comigo pelo whatsapp ou e-mail que constam no TCLE assinado por você.

## APÊNDICE C: NARRATIVAS

### Transcrições das entrevistas

#### VIOLETA

##### **Vivências e experiências significativas:**

Foi a perda da minha mãe em 2015, ela teve um problema pulmonar, ela era cardíaca também e aí chegou um ponto que a medicina não pôde mais né, fazer muita coisa, e aí a perda dela foi assim, uma reviravolta total, e eu com filha pequena, recém separada, foi muito difícil, né. Até para minha filha aceitar também, até hoje ela chora e fala: aí, não queria que a vovó tivesse morrido né, já tem trezes anos, mas mesmo assim ainda tem muita lembrança dela.

E eu percebo que o luto, ele é uma passagem na vida da gente, a gente antes de viver, assim, quando morre alguém querido né, um parente, a gente acha ruim, mas não é a mesma coisa de quando é uma pessoa tão ligada a gente, é pesado. Mãe é o esteio da gente, pai também, mas a perda da minha mãe para mim foi uma coisa que me abalou profundamente. Fiz tratamento psiquiátrico, fiz tratamento psicológico, eu estive em atendimento em psicólogo e tudo, mas assim, com o tempo ameniza, mas não passa. A dor acalma, é como se assim, ela ficasse adormecida e de repente uma lembrança, e de repente uma coisa que assim que evoca a nossa convivência né, a presença dela, nossa, aí eu sinto muito, eu fico assim, muito pesarosa. No aniversário dela eu lembro mais, era em quinze de março, e aí eu lembro, eu ficava lembrando das comemorações né, o tanto que ela gostava, e assim, ela gostava de reunir a gente, ela nunca deixou, assim... é, é, é, ficar cada um na sua, sempre a gente reunia com ela. Mãe uni né, mãe faz questão da presença. Pai arruma outra e tá tudo certo, vida que segue também. Quando é mãe, o mundo cai, o chão abre... o chão abre e aí você começa a cair e não sabe mais quando vai parar de cair.

##### **Você encontra lugares na escola para discutir sobre isso? Sobre luto, sobre morte?**

Olha, dificilmente porque nossa vida é muito corrida, né. Nosso dia a dia é muito... é, é, dinâmico, e aí a gente dificilmente tem um tempo assim, para sentar, ou trocar uma ideia né, ou as vezes, né, até quando falece alguém da família dos colegas, o máximo que a gente faz é desejar os pêsames, né... e muita gente tem também, um... uma, um, uma rejeição ao tema né? Não conversa... não fala. É porque a morte pra muita gente é uma perda, né. Perda em vários níveis, né. Ou perde um pai, ou perde uma mãe, ou perde um esposo, ou perde um filho, ou a pessoa tá em próprio tratamento de alguma doença grave... é, até de manhã tem uma professora amiga nossa que tá fazendo tratamento de câncer... eu não sabia, fui ficar sabendo pelo grupo que ela postou uma coisa lá... ela trabalha de manhã, e aí eu até achei estranho, porque como que uma pessoa tá fazendo tratamento tão sério e continua trabalhando? Tá vindo trabalhar... como se nada tivesse acontecendo... e aí eu não sei se é porque é algo leve, ou se, né... não é algo grave, mas pra mim falou a palavra oncologista, né... e eu, por exemplo preferia não estar em trabalho, mas aí eu não sei se ela própria que pediu pra continuar trabalhando... vida normal né, porque tem gente que tem é, é, é... essa dificuldade de ficar só quando tá passando por algum problema... E aí a nossa rotina é tão dinâmica e a gente não tem tempo de sentar... as

vezes ela tá ali na sala dos professores e eu tô em aula, não dá tempo de nem chegar perto dela e falar assim: nossa amiga, como você está? Como que tá sendo? O que eu acho que é bacana né, a gente procurar acolher a pessoa, mas não dá tempo... a palavra é essa... o termo é esse: não temos tempo...

### **E com as crianças há essa troca?**

Já tivemos casos, tem crianças que vem no ônibus de santa fé, e aí teve um caso de um menininho que perdeu a mãe, e aí a criança até parece que parou de vir a escola... não sei se trocaram ele de escola... ele não veio mais. E a gente fica assim... o sistema também não deixa a gente ser muito próximo, é muita criança... é muita correria, mas é ruim né, porque a gente não consegue nem... poder fazer uma visita né... ter um momento com a criança né... uma conversa... nem para demonstrar né... que a gente se importa, que a gente tem, é... sete pela perda dela... é uma corrida absurda.

### **Como você acha que a questão do luto impacta na vida das pessoas?**

Isso gera uma alteração na rotina da pessoa. Se a pessoa perde uma pessoa né, que não é do seu convívio ali diário, é uma realidade. Pra ela, ela vai se lembrar, as vezes ela vai chorar, vai ficar sentida, mas quando é uma pessoa do convívio próximo da gente e seja no trabalho... já aconteceu de perder uma colega de trabalho em outra escola que eu trabalhava, e assim é terrível a gente... assim, ela ficava na biblioteca e a gente chegar lá na biblioteca e não encontrar mais a colega. E aí a gente ficar assim... nossa mais onde ela tava aqui e agora não tá mais né... e aí no caso do seio familiar desestrutura tudo né? Porque como membro de uma família todo mundo tem seu papel e isso vai... é, é, é um... é um buraco né, é... um vão... que abre ali naquela conjuntura né... que se tinha antes da perda... nada preenche, nada vai trazer de volta né... é... a... mesmo que voltasse hoje por exemplo... até em sonho eu já tive um sonho com isso... que ela voltasse e aí... só que ela falava assim pra mim: não posso ficar, eu tenho que ir embora, porque eu tenho hora pra voltar. Achei tão interessante... de repente abriu assim uma praia com um mar lindo e ela amava água, amava mar... e aí era como se fosse uma areia muito longa, pra você chegar no mar, lá na frente. Aí ela falava: não, você não pode passar daqui, agora só vou eu, você fica porque se não, você não volta. E eu fiquei preocupada com esse sonho... e aí ela foi e eu acordei pensando: anão, queria ir também, é o inconsciente falando né... eu tive esse sonho em 2016, 2017 e eu lembro com muita clareza. Eu vivia pedindo a Deus um sonho, né: Deus me deixa sonhar com ela, queira tanto sonhar com ela... e aí quando eu acordei eu senti paz, uma paz muito grande, como se ela estivesse realmente estado ali comigo. É incrível isso né? Até o último dia de vida, assim pra mim... eu nunca vou esquecer, ela pode não existir pros outros, mas pra mim... é eterna. Uma última coisa bem interessante, antes dela morrer ela sonhou com um colar de flores escrito o nome da mãe dela... então quem ia rebela-la era a mãe dela... muito chocante.

## JASMIM

### **Vivências e experiências:**

Minha experiência foi com a morte da minha mãe quando eu tinha 17 anos né... aí dia 17 agora fez acho que mais de 30 anos que ela faleceu... e foi muito difícil na época. A morte dela em si foi um AVC fulminante, ninguém esperava né... e aí essa vivência do luto foi muito difícil porque a gente não esperava... eu... a filha mais velha de três e assim meu pai deu muito apoio pra nós, né... meu pai ficou viúvo muito jovem também, né... mas ele ficou ali firme com a gente sabe? Então assim, vivenciar o luto é difícil, muito difícil... principalmente quando a gente não espera né... não é algo... a pessoa não tá doente, né... não tá acamada, não tá internada, né... e na época eu senti um abandono... porque minha mãe é de uma família muito grande, na época eram 11 irmãos vivos e eu tinha uma tia que ia na minha casa todos os dias... todos os dias... as vezes até mais que uma vez no dia porque muito próximo né, cidade do interior né ... e aí como minha mãe faleceu ela deixou de ir... e aí foi muito difícil... muito difícil... nem essa tia que ia todos os dias, nem as outras tias, nem a minha avó materna né... hoje eu entendo que talvez elas não iam porque chega em casa e sente a falta da pessoa que também é sofrido né? Mas pra mim que tava... eu tinha acabado de fazer 17 anos... então eu não compreendia... aquilo pra mim foi difícil... foi muito difícil... aí hoje eu compreendo que também elas não iam porque era difícil pra elas né? É um processo difícil... e aí uma prima que nos amparou... e essa prima, ela ia lá nos visitar sabe? Ajudava a gente, orientava a gente, é... inclusive a minha primeira ida ao ginecologista foi ela que me acompanhou né... eu tinha acabado de fazer 17 anos e não tinha ido ainda... apesar da minha mãe já falar em ir, mas naquela época eu pensava assim: gente, ir no ginecologista é uma coisa horrorosa né... imaginava assim... pensa que era só pra quem já era casado né... e eu nem tinha namorado, então era muito tímida, morria de vergonha... então esse foi o processo... esse foi o meu processo...

### **Na escola vocês tem algum espaço para compartilhar dessas dores sobre luto?**

Não... os poucos momentos que tem são os momentos coletivos né, alguma coisa que acontece de algum familiar passar por esse processo e a gente comenta... a gente falar que ficou assim... mas assim sentar e falar especificamente sobre isso não... Comigo aqui especificamente não aconteceu de ter isso... mas, a gente tem a liberdade de conversar com o colega se o colega quiser conversar a gente conversa né... da abertura para que... mas eu, em particular não sou invasiva de ficar perguntando e tal... do abertura... se a pessoa quiser vir conversar comigo, aí eu estou disposta a ouvir... é isso...

### **Você acha que a questão do luto impacta a vida das pessoas?**

Bom, existe casos e casos, né... então assim... se a pessoa não está preparada é um processo difícil e isso afeta... a pessoa passa por um período... acho que de um ou dois meses... outras até mais de ano né, pra superar esse fato. É demorado... pra uns é mais demorados... pra outros nem tanto né... tem uma variação... afeta a vida das pessoas... eu só não posso te dizer se é muito ou pouco né... e a preparação que a pessoa tem e o entendimento que ela tem sobre morte, né... sobre se a vida continua ou não né... acho que isso depende muito também do entendimento que ela tem sobre isso.

## CAMÉLIA

### **Vivência e experiência com luto:**

Vou falar da minha experiência... o ano passado minha irmã faleceu... e no mês de março minha tia faleceu, dia 11 de março... dia 11 de abril agora fez um mês que minha tia faleceu... e no ano passado foi minha irmã... até hoje eu... fico meia assim... eu não me do... eu não me lido muito bem com isso não sabe? Eu fico muitos dias assim... deprimida, sabe? Não é... eu fico muitos dias assim... deprimida... até hoje depois que minha tia foi... até hoje eu tenho dificuldade pra dormir, pra trabalha... assim, meia dispersa... mas, to aprendendo a lidar melhor... gente, até hoje eu não lido bem... tanto é que eu sou assim... neurótica com minhas filhas... sabe onde que tá, o que que tá fazendo... como que vai fazer pra chegar em casa... então eu fico meia... meia neurótica com essas coisas...

### **Na escola... vocês conversam sobre isso?**

Não... não... não... acho que é um assunto que não é... acho que é um assunto que quase que cada um lida sozinho né... aí... as pessoas... muita das vezes muita gente não gosta de dividir essa situação... fica com elas né... aí as pessoas não gosta né? De falar... geralmente a gente só fala se for perguntado assim... geralmente as pessoas não gosta muito de falar...

### **O luto impacta as pessoas?**

Eu acho que as pessoas fica meio sem... sem... ah, a pessoa fica meia sem esperança né? Pessoa fica assim... meio que assim... meu caso... a gente fica assim... meio que... inseguro no dia a dia e perdido né? Perdido... pensando assim... tudo que... muita coisa que a gente faz é em vão né? E no dia a dia... luta muito pra adquirir as coisas e pensa assim: nossa mas nem sei se vou morrer amanhã... então a pessoa fica meio que desmotivado...pra luta, pra ter as coisas... pra fazer as coisas... porque fica pensando que... amanhã pode ser o fim de tudo né? Pelo menos no meu caso eu sou assim... é desse jeito... é só isso...

## DÁLIA

### **Vivências e experiências com luto:**

Recentemente, nos dois últimos anos eu perdi dois amigos, né... que são... dois amigos que são professores, né... que eu trabalhei com eles e uma eu ajuda muito porque ela teve ausência, então ela não lembrava das coisas e aí eu fazia nossos planos de aula... até quando ela podia trabalhar... depois ela pegou licença né... então assim isso pra mim foi muito difícil porque é... você volta pro ambiente de trabalho, você tem toda aquela novamente aquela lembrança né... e também assim a saudade e o lugar vago também né... tem a lembrança, tem a saudade e tem a ausência também da pessoa ali naquele lugar né... então pra mim isso me impactou muito na minha vida né... porque eram pessoas próximas de mim que trabalhava comigo, que tinha todo

um carinho né, e era professora junto comigo... junto comigo mesmo na sala de aula então foi... por dois anos a gente teve esse problema da perda e até hoje eu não me recuperei... faz dois anos que ela é falecida e esse ano faleceu outro... dezembro faleceu outro amigo que era também professor e que também né tinha os meus sonhos que a gente tem né... então pra mim assim... o que que é a morte pra mim é assim... simplesmente uma... como diria... uma... é uma ruptura né... é... entre um sonho né... dentro de um ser que simplesmente tem aquele corte né... e quer dizer... você rompe com o sonho... você tem toda... não é essa palavra que eu queria usar, mas, não lembrei aqui no momento né... então você tem... você tá né... impedido de continuar um sonho... que você teria muita coisa para fazer e foram pessoa jovens que morreram né... então é nesse sentido que eu falo né... agora passar pelo luto né... eu sou uma pessoa difícil de passar né... porque eu sou muito apegado né... aí oh não são meus alunos (nesse momento entram alguns alunos na sala de aula em que estávamos fazendo a entrevista) mas são todos apegados a mim também né.. eu respeito... dou carinho da forma que eu tenho... então assim como eu sou muito apegado as pessoas, então o meu luto é muito difícil né... tem dois anos que eu perdi minha amiga e até hoje quando eu passo na sala de aula... não é nessa escola e em outra escola... eu lembro e volta tudo novamente aquela saudade... aquela né... aquele lugar vago... então assim, tudo isso... e esse amigo meu também a mesma coisa... então assim... eu tenho dificuldade de fazer o luto... porque na verdade... eu sou muito afetivo né... então essa pra mim é uma dificuldade... esse rompimento... porque pra mim assim ainda mais quando é jovem... a pessoa tinha muita vida né... ela foi simplesmente né... e foi interdita... ou seja... né... de... não pôde mais realizar... viver... né... são pessoas mais jovens que eu ainda por cima né... os dois casos foi doença... e os dois eu ajudei cuidar... e eu ajudei cuidar e por isso que assim é muito forte pra mim né... porque é a mesma coisa também da minha família que eu perdi minha mãe, meu pai... então essa questão do luto... né, assim... eu consigo mas assim... parece que eu sempre tenho um retorno sabe? Como se fosse... parece que você consegue e não consegue né... fica naquele movimento né... nesse sentido... fica um vazio né... eu acho que o vazio é maior que a dor... porque quando eu olho e vejo que não tenho mais aquela pessoa né... não tem mais como falar com ela e nem nada né... então fica aquele vazio mesmo né...

### **Escola e os espaços para compartilhar:**

Olha é como... é... eu sou novo aqui na escola eu não posso dizer que eu não... que... só tem vinte dias que eu tô na escola... então... não tem como eu falar né... foi muito recente minha estada aqui... mas olha, eu tenho 25 anos de magistério e eu nunca vi falar tá? Primeiro que assim... minha formação é... sou formado em psicanálise né... e... então assim eu trabalho muito a questão da morte e eu atendo também... então assim... mas eu assim... nas escolas eu nunca vi né... tanto que minha amiga morreu e parece que ela nunca esteve por lá... meu amigo morreu e... no momento até pode ter mobilização, mas depois... parece que nunca esteve por lá... né... então parece que assim... fica no esquecimento né... naquele momento até tem, mas depois parece que assim não existiu aquela pessoa... é o meu sentimento né.. em três escolas que eu trabalhei... teve uma a mesma coisa também em Minas Gerais que eu trabalhei né... morreu e a escola né... levou a coroa... compareceu, mas depois eu nunca nem vi falar mais da pessoa... parece que acabou, morreu e acabou... as vezes eu fico assim... me sinto frustrado com isso sabe? Eu como terapeuta eu... acho que tinha que ter um lugar ou um momento pra gente se conversar... de alto ajuda também, de ajuda porque tem uns que tem dificuldade e tem uns que estão passando por licença... outros de licença de morte... outros assim... por doenças... e aí fica

uma coisa assim: ah, fulano pegou licença e aí vem alguém substituir e pronto... só fica nisso... a fulano veio e estendeu a licença... então fica nisso... não tem aquela conversa nossa como podemos ajudar... não... eu nunca vi...

### **O luto impacta as pessoas?**

Eu acho que sim... eu acho que sim porque as pessoas não querem falar sobre isso né... então é isso assim... porque as pessoas não querem falar sobre isso... as pessoas acham que morreu acabou... nem de sonhos elas não falam... imagina de morte né?

## **MARGARIDA**

### **Vivências e experiências com luto**

Assim... eu tive... algumas pessoas eu já perdi poucas, mas eu já perdi pessoas da família... é... na verdade meus avós... perdi os dois avós e minha avó... é... meu avô foi o último e foi um luto bem traumático... até hoje eu não gosto de pensar... eu... eu tenho uma visão sobre morte que no futuro a gente vai se encontrar, mas mesmo assim me dói muito. E quando eu vejo situações de perdas e situações de morte eu ainda fico muito abalada, é algo que eu... é um assunto que eu não gosto muito de falar na verdade... é...tenho entendimento sobre isso que tem uma vida após a morte, mas mesmo assim não é um assunto que eu goste de tratar... não é uma coisa que eu gosto de pensar... por exemplo eu não gosto de pensar nos meus avós, eu não gosto de pensar no futuro de morte... desde pequena... eu me lembro quando eu era pequena eu dormia e pedia para Deus que um dia se eu tivesse que perder meus pais... se meus pais fossem morrer, que morrêssemos todos da família... porque eu não queria exatamente isso, lidar com esse luto, com a morte. Eu acho muito difícil, eu sou meia sentimental para esse assunto... eu não sei tratar racionalmente... é uma coisa que... eu tenho três filhos então assim, por exemplo eu me recuso a pensar sobre isso. Quando eu vejo alguma coisa relacionada a perda de filhos assim eu fico pesada... eu acho meio traumático na verdade...

### **Aqui, na escola você encontra espaço para o dialogar sobre morte e luto?**

Tenho mais de vinte anos de sala de aula e não é um assunto falado, nem quando acontece uma situação, por exemplo eu tive situação de perda de aluno e não é falado, é algo assim no dia comenta e depois passa... no ano passado mesmo nessa escola a gente perdeu uma colega de trabalho de uma forma assim muito abrupta e sem sentido e mesmo assim a gente não fala nada, não é um assunto tratado assim... a gente comenta a morte pontual ali do momento que aconteceu, mas sobre o tema não é um assunto falado... nem enquanto profissional e nem pessoal assim mesmo a gente... não é um assunto tratado não... porque todos correm desse assunto né... e além de ser um assunto é... pesado... também tem muitas visões diferentes né... de... principalmente o depois... o pós morte tem muitas opiniões diferentes... então... não sei se é essa questão, mas é essa questão de ser um assunto triste mesmo né... um assunto... desagradável mesmo... então... pode ser isso também... quando a colega faleceu aqui na escola foi horrível... foi assim... porque quando a gente ficou sabendo foi em um final de semana e na

segunda feira agimos como se nada tivesse acontecido... foi horrível... eu acho assim que foi uma das piores experiências nesse sentido de luto... porque não teve... não teve assim... pra não falar que não teve nada, que não fizeram nada, fizeram um momento nas salas e só, em todas as salas, mas foi algo assim bem pronto... foi algo assim, sabe? Não falou, não teve... a gente não teve direito a um luto... a gente não teve direito de homenagear a nossa colega... foi bem vida que segue, né... como se não fosse uma pessoa importante pra gente... como se não fosse um acontecimento né... importante né... eu particularmente não achei que era assim... eu nunca tinha perdido colega de trabalho... não imaginei que fosse assim... imaginei que teria assim... eu acho que é uma questão até de respeito, né... de respeito... de... de... respeito com a pessoa que significou alguma coisa pra gente, pra escola né... e aí a gente acaba vivendo aquela máxima que todo mundo fala né: quem morto repostado né... e foi isso que aconteceu... logo logo vem uma substituta né pro lugar profissional e ficou a perda, a dor. Era uma pessoa muito amável, uma pessoa muito alegre, perdemos e ficamos assim no sentido da instituição... não teve nenhum movimento. Nós professores não falamos nada também... falamos assim, no dia né... a gente foi lá no dia... no final de semana alguns foram no velório... lá a gente conversou tudo né, da... da... do tanto que a vida é bela, o tanto que a vida é... é... é... frágil, né... ela estava na escola todos os dias e aí ela caiu em um buraco... a perna... machucou a perna e ficou internada uns dias e faleceu... deu trombose e faleceu... então foi assim... uma coisa que ninguém imaginava... então assim, o comentário foi lá no velório sobre isso... sobre a fragilidade da vida né... de uma hora a gente tá em um lugar e tempo de depois poder não estar ali mais. Mas foi só, na escola em si não teve conversa, não teve um apoio, nada disso não... somente entre nós... e bem... assim... na questão sentimental mesmo que nós ficamos bem abalados... todos bem abalados... ninguém esperava... todo mundo esperava que ela voltasse... eu por exemplo tinha falado com ela na terça e ela faleceu na sexta a noite, eu tinha falado com ela na terça esperando o retorno dela porque antes a cirurgia tinha dado tudo certo e tava tudo bem... então foi assim, muito inesperado... foi muito um choque pra todo mundo... e até hoje quando a gente lembra dela ainda é um choque... meio que sem acreditar... e aí a gente prefere... acho que a maioria das pessoas prefere guardar essa lembrança e não tocar muito no assunto... E ela era assim... as vezes as pessoas falam que ah, depois que morre todo mundo fica bom, mas ela era uma pessoa muito animada, uma pessoa muito alto astral... humilde, muito muito muito simples... uma pessoa muito assim... então foi uma perda assim mesmo muito dolorosa pra toda a equipe e a forma como foi tratado... pouco caso... que foi tratado o assunto na época, assim... ter dado mesmo uma atenção né... nem a memória dela e nem a nós professores que estávamos ainda muito abalados né... chega na escola é... deparar com os alunos dela... com... o... lugar que ela ficava, então assim foi tudo muito doído pra gente e não teve... não tivemos nenhum apoio né? Nenhum acolhimento né, foi algo assim muito... chocante, eu fiquei muito perplexa porque eu não achei que seria assim... não sei se devido a demanda da escola porque é tudo muito corrido, eu não entendi. O humano foi deixado de lado e só existe o lado profissional né... não sei, não julgo se foi correto ou não, mas foi assustador pra todos nós o que tivemos que ter diante de um fato tão sério... então... que mexeu com todo mundo né... bem doído.

### **Você acha que o luto impacta as pessoas?**

Na maioria das pessoas eu acredito que sim... uma ou outra que muitas vezes fala que não, mas eu acho que até esses que falam que não eu acho que tem... porque uma situação... o novo sempre assusta né... e por mais que você fale: ah, eu já perdi tantas pessoas da família ou tantas

pessoas conhecidas... mas cada perda é individual, então... eu acho que impacta na vida de todo mundo...né... é... tanto no sentido de mudar mesmo a dinâmica da vida, como na questão psicológica da gente né... tem um peso né... a morte ela ainda é um tabu, ela ainda é tratada como um tabu né... eu tenho muito medo, muito mistério que envolve né... o pós morte é algo que tem né várias vertentes ai de pensamentos do que aconteceria do que acontecerá, mas as pessoas... eu acho que assim não é nem tanto o futuro, o pós morte, é a morte, é a perda né... então tem um impacto muito grande na vida das pessoas, né. É... o medo de ficar sem, né... o não saber como agir depois... a falta, a saudade as pessoas não sabem lidar com a saudade, não sabe lidar com perdas né... cada pessoa tem um comportamento, mas sempre impacta, não tem como não mudar... não tem algum... não... faz... não tem como não fazer alguma coisa né... por exemplo aqui na escola mesmo que eu tava te falando né da colega que perdemos né, mudou né... querendo ou não mudou... mudou o comportamento de alguns, mudou a visão da gente... muda a visão da gente em relação né... a... valores né, então... não tem como... por mais que tem pessoas que falam e eu respeito... que a morte é só mais um acontecimento, mas eu penso que na maioria dos casos é muito mais que um acontecimento, é algo muito impactante na vida de todo mundo... morte, luto não é algo que ninguém... tem naturalidade né... falar que gosta... ninguém gosta... ninguém trata com naturalidade o luto. E nem deve, a gente deve dar muito valor a vida... eu dou valor a vida, a cada momento... sempre tento passar isso pros meus alunos: olha vocês já estão aqui, aproveita o máximo, vocês não sabem o dia de amanhã. Mas eu acho que é um assunto bem impactante... e que muda... todos os aspetos... muda a rotina das pessoas... muda a visão das pessoas, muda... o dia- a- dia das pessoas...toda vez que a gente se depara com a morte ou mesmo só com o tema morte né... é... é... da uma... alguma coisa... uma chavizinha vira... gira em algum lugar... A gente fica entre o amor e a dúvida sabe? Não sabe a dinâmica que tem que fazer depois... como que a gente faz depois da morte? Será que eu posso seguir com minha aula normal? O que eu devo fazer? Lembro de uma mulher que tinha perdido o marido e aí ela colocou isso no youtube e tudo e aí eu e meu marido fomos ver depois de 7 meses ela estava postando um casamento e aí eu pensei: deve ser o casamento dela com o finado marido e não era, ela tava casando de novo e meu marido falou: é... nossa fez aquilo tudo na morte do marido e já casou de novo? Sabe? Então eu não sei como que pode ser, como que pode fazer depois da morte de alguém tão próximo. Como é a dinâmica que tem que ser seguida... a gente não tem essa orientação... ninguém fala pra gente...

## GARDÊNIA

### **Vivências e experiência:**

A morte pra mim é a única certeza que a gente tem da vida... porque é uma coisa que todos vamos passar... a morte é a única certeza mesmo... dessa vida que a gente tem. Quem vem vai morrer um dia. O luto, ele não é só para a morte, ele é para um fim de relacionamento, ele é pro fim de uma carreira, ele é pro fim de algo, não que seja, que queira se dizer que tem que estar a morte junto do luto... então eu penso que o luto não é só para a morte... ele é pro fim de alguma coisa... pro fim de um relacionamento, de trabalho... de ciclos... pra mim o luto é isso e eu já tive experiência com os dois casos, com morte e com luto. O luto... é... foi um fim de relacionamento de quinze anos de casamento... eu não queria mais... mas foi um luto... porque quem casa nunca quer separar né? E aí quando você vê que não da certo tem que por fim e seguir com a vida... pelo menos tentar ter uma saúde mental... e ai você tem que viver aquele

luto... então teve esse luto dentro da minha casa com os meus filhos né... a perda daquela família foi muito dolorosa... mas eu segui a minha vida... e passou o luto... esse luto é mais fácil de passar né... do que o luto com a morte... que foi o caso da minha avó que faleceu que era uma das pessoas que eu mais amo nesse mundo... e quando ela faleceu eu estava... tinha acabado de viajar pra praia e tive que voltar as pressas então... foi um luto muito difícil... e a morte foi da minha avó, do meu avô recente que foi em agosto do ano passado, e aí meu avô faleceu e a gente não teve a oportunidade nem de viver o luto... porque a gente tava com problema de saúde na família... meu esposo tinha operado, meu atual esposo... meu pai também tinha operado da coluna... e aí meu pai teve uma infecção... um dia depois meu avô veio doente e aí ficaram os três doentes: meu pai, meu esposo e meu avô. Um dia depois meu avô faleceu e um dia após o enterro do meu avô o meu pai voltou pro hospital com infecção de assepsia... então assim a gente não teve nem o momento de luto do meu avô porque a gente precisava cuidar de uma pessoa que a gente ama e que estava viva e que precisava da gente. Então eu entendo isso sabe? E passei por isso... mas a gente passa... tem que ter fé e saber que aqui a gente... aqui somos passageiros, nessa vida... eu penso assim... e é isso...

### **Vocês dialogam sobre morte e luto aqui na escola?**

As vezes acontece... eu falo assim com os alunos né... as vezes acontece de um aluno estar passando por algum tipo de situação e aí a família comunicar a escola né... então a comunidade escolar as vezes, todos nós incluindo os professores, nós do administrativo... quando a gente pode a gente da uma palavrinha de conforto né... uma palavra amiga... e assim não tem aquele momento tirado só para isso né... mas quando a gente fica sabendo a gente tenta pelo menos confortar com palavras, um abraço né... as pessoas que estão vivendo isso né ou um aluno, ou um colega de trabalho... e com esses colegas de trabalho as relações interpessoais aqui da escola são muito boas... dessa escola em si né... são muito boas... e graças a Deus esse ano eu vim pra cá esse ano, junto com essa nova equipe e a gente ainda não passou por nenhum luto, parece que uma colega da tarde sim, mas só aquela... alguma mensagem né... mas por enquanto, neste turno não, mas acontece né, sempre acontece né... mas esse tempo... esse diálogo até a onde eu sei não... não sei dentro da sala de aula né porque o meu trabalho é fora... então como eu trabalho aqui na equipe da coordenação quando a gente fica sabendo a gente pode tentar dar uma acolhida né, mas na sala de aula eu acredito que né... a não ser o professor né que aborde lá... mas esse tempo pra esse diálogo... esse debate... até o momento não... não...

### **Você acha que o luto impacta a vida das pessoas?**

Muito... muito... principalmente o luto... eu penso que o luto é pior que a morte porque o luto ele vem depois do fim de alguma coisa... então é o fim né... é o que fica depois... é aquilo que eu falei desde o início... o luto impacta uma criança que os pais separam... que é o fim... é o luto da família né... aquela criança com todos os colegas de trabalho... então... impacta sim e muito mesmo... a gente fica mais sensível, fica vulnerável... estressado, mais agitado... mais impaciente... eu nesses últimos dias estava com meu pai hospitalizado novamente... então tem um ano que a gente esta nesse... tivemos uma perda e o medo de ter outra, né? A morte e o luto que a gente nem viveu e ter que viver outro luto né? Então assim... deixa a gente sensível né... impacta muito né... a vida das pessoas... não tem como... a perda né...

## HORTÊNCIA

### **Vivência e experiências com o luto:**

Bom, eu penso que tem haver com a realidade da infância... com a realidade da infância que minha mãe morreu eu tinha cinco anos... morreu de acidente... a gente tava todos dentro do carro. Bom, eu, ela e uma irmã. Eu achei que quem tinha morrido era meu pai porque eu e ele ficávamos os últimos no carro, mas não... ele sofreu o impacto, mas não morreu. Ela e a irmã que faleceu. E aí minha avó criou a gente por um tempo e ele casou de novo e levou a gente pra morar com ele e a gente viveu pouco tempo com ele e depois voltou a viver com a vó... depois nois... um tempão separada dele, ele separou da outra família e veio morar conosco de novo... nois já... eu e a minha irmã já morávamos em Goiânia e foi quem ajudou ele nos últimos... acho que quinze anos ou vinte anos mais ou menos de vida dele... ele morava com a minha outra irmã, e eu e ela que acompanhava e aí ele teve um câncer de prosta operou, viveu mais quinze anos depois dessa cirurgia e depois o câncer saiu novamente de pele e aí com menos de dois anos ele faleceu... mas nós acompanhou nesse processo todo e era eu e ela revezando, indo pro hospital, acompanhava e ele de certa forma era muito forte e ajudou a gente até nos últimos momentos. Só os últimos quinze dias que ele prostou e aí a gente já tava... eu já estava me sentindo desgastada porque eu posava no hospital, vivia no hospital, cirurgia, e aí assim, no momento da morte eu já tava vendo assim como uma coisa natural, que não tinha como a gente querer que ele continuasse aqui... porque ele já estava desfalecido... e depois... e minha irmã falava que não queria que ele morresse e aí eu me lembro de no último... nos últimos quinze dias eu já levei ele para o hospital, final do ano de 2019 e o médico falou: a velhinha está se apagando e eu falei: não doutor, eu sei... mas eu trouxe porque minha irmã disse que não quer que ele morra... então não tem como ficar em casa com ela lá... toda vez que ele dá uma crise, ela entra em desespero... aí nos ficamos com ele no hospital e ele ainda aturou quinze dias depois. Ele ficou oito dias, era pelo sus e foi até nesse época que a medica que acompanhou me ligou e falou... aí depois o medico não quis ficar com ele e falou pra gente levar pra ele morrer em casa e que é um tema que eu... assim... que se discute, mas a gente não sabe o que que é melhor... se é no hospital ou se é em casa. Eu penso que a família tem muito a aprender com a morte em casa, com esse acompanhamento sabe? Então eu acho que assim a gente sofre mais, mas a gente aprende muito... porque... a lidar com isso... né... a gente não sabia o que fazer... quando vinhas as crises, aquelas coisas toda... então... os quinze últimos dias dele foi assim... e outro assunto que assim... é um tema também que ninguém quer falar sobre... eu me lembro muito bem que ele tinha uma superstição... eu nem sei se posso chamar de superstição, mas entra lá no processo da fé que ele era muito católico, religioso e ele olhava todo ano a sombra dele na água, dia de São João. E no ano que ele morreu... eu cheguei lá e ele já estava doente, nós acompanhando... ele falou assim pra mim: filha eu não vi minha sombra esse ano na água... aí eu também meia sem querer conversar o assunto falei: ah pai é assim mesmo... o senhor já não tá muito bem né... e já doente... aí... mais... fugi um pouco também... porque era o momento de ter conversado... mas ele já naquela situação e ele colocava aquilo e eu fugi... aí ele realmente morreu em janeiro... porque diz que é assim, morre antes de chegar o outro São João... e isso foi em 2019 e ele morreu em 2020 em janeiro. Então ele aturou mais seis meses aí pra frente né... e a gente... eu fugia desse assunto, sem querer muito conversar... hoje eu percebo quando... depois que ele morreu que eu sofri a crise que eu paralisei e pensei que ia morrer e eu tentei conversar com os meus filhos eles também, não mãe morte é natural... uma coisa assim, mas

não quis falar sobre sabe? Então assim eu acho que por mais que a gente tenha fé, acredita que ela é uma passagem pra outra vida né... é o início, porque pros católicos é o início de uma nova vida, mas essa fé tem que ser muito próximo... é um baque muito forte... é um baque porque... é... é aquela coisa assim eu já tinha vivenciado a da minha mãe, da minha vó e ele era o terceiro mais próximo de mim, ligado a mim, né... e... as vezes cê pensa que tá tudo sobre controle e eu fiquei no estado como eu fiquei depois, após a morte dele, um mês... aí eu não dava conta de reagir e veio aquelas dores fortíssimas e foi piorando... piorando... piorando... os médicos demorou diagnosticar e então quando eu cheguei no hospital... hospital... eu já não fazia xixi, não fazia cocô, não mexia perna, não mexia braço, não ficava sentada sem escora porque era toda mole... ele tentou reanimar com a corticoide né... tratamento de pulsão e eu não reagi... e aí ele disse: olha eu só tenho mais uma opção, se você não voltar a senhora reza. É a imunoglobina humana... e a minha irmã tava do lado né, tava me acompanhando e que acompanhava meu pai também... e eu naquele processo meu de desfalencia eu sentia que eu estava que nem ele... parece que aquilo ali piorava mais... e aí eu falei: oh, eu não sei se eu volto, porque eu já estou igual meu pai, paralisada completamente... e aí o médico quando falou da... da... opção de imunoglobina humana ele falou que não tinha muita opção... aí os meus filhos foram correr atrás... meu marido... dessa medicação caríssima... não é fácil de conseguir... demos entrada no Joarez Barboza pra ver se conseguia, o plano de saúde não queria cobrir total, queria só 25% cada dosagem que eu tinha que tomar custava 50.000, e eles queria pagar 50% e eu ficar com a outra... agora eu tinha que tomar quatro dosagem e não tinha como cobrir esse tratamento... imunoglobina é muito caro... Juarez Barbosa demorou dois meses para liberar a primeira dosagem... mas aí a gente recorreu junto ao ministério público e o plano de saúde liberou a primeira e aí eu tomei a segunda pelo Juarez Barbosa e a terceira pelo plano... aí quando a médica... quando eu tomei a primeira dosagem que a médica entrou no quarto ela falou: e aí? E aí eu falei: uai eu dei conta de puxar a perna em cima da cama, até ela se alegrou na hora... porque nem eu... já assim... foi automático... eles fez essa tentativa, mas acho que nem eles é... acreditavam também que eu ia voltar... e aí graças a deus deu tudo certo... e eu... eu internava todas as vezes para tomar e ainda fiquei um ano fazendo fisioterapia em casa... porque é demorou voltar as forças porque eu fiquei com forças zero, aí depois eu fui pra clínica... fiquei mais um ano na clínica e até hoje eu tenho que fazer atividade física constante porque fiquei com sequela... voltou minhas forças, mas as dores é bem intensa e sensibilidade nos pés é bem intensa... é... o... a... dormência... aqui oh quando eles passou e gritou eu sinto aos ouvidos e a sudorese também... acho que devido a medicação e a fraqueza muscular... que de vez enquanto recai... então eu nunca posso deixar de fazer atividade diária, o pilates, a hidroginástica porque... é... um dia sem atividade... a fisioterapeuta falou também... que eu volto pra cadeira de rodas de novo... que ela é evolutiva... ela não... ela não tem cura... e eu tenho como controlar. Eu tomo medicação até hoje oral... na época a medicação oral não fazia efeito, a primeira... o primeiro tratamento que o médico entrou foi com medicação oral e aí eu fui evoluindo, evoluindo... foi onde eu cheguei no estágio onde eu cheguei... quando eu fui ser internada... quando colheu o liquido da minha coluna e eu fui internar eu tava totalmente paralisada... eu fui carregada nos braços, meus filhos me carregaram. Isso faz quatro anos, em 2020. Eu comecei a passar mal em março e os médicos... eu só... só diagnosticou com a síndrome da Guillain- Barré depois do dia das mães que eu já tinha paralisado toda... aí eles fizeram um eletromiografia porque ela evoluiu pra polineuroradiculopatia sensitiva que é a sequela que ficou e aí depois foi em julho que eu tomei a primeira dosagem da imunoglobina humana. E meu pai faleceu em 14 de janeiro de 2020... eu penso que eu já sentia... como eu posava... desgastava muito no hospital quando eu dormia eu saia de lá... olha aqui isso quando

eu saio eu fico assim direto... é constante... é como se fosse um choquinho e eles explicam que a polineuroradiculopatia... e foi assim mesmo que começou... o meu cérebro manda as informações pro meu corpo, mas o meu corpo não responde, porque secou as capinhas dos nervos que passa essas informações... aí atrapalha... então eu fiquei... hoje eu voltei... assim parcial, porque, por radiação dos mais próximos... que eu voltei a andar... eles falam que isso tem haver com trauma... também me perguntaram se eu tive dengue, chicungunha... não tive diagnóstico... na época... nessa época foi o primeiro lockdown... quando eu comecei a ir ao médico... o primeiro lockdown de covid... foi os primeiros exames que eu realizei e não tive covid. Na época eu estava hospitalizada, internada... eu fazia constante os exames... nunca acusou o covid... aí o primeiro médico que me atendeu, tinha me dado o primeiro diagnóstico com a fibromialgia... mas ela foi evoluindo... evoluindo até que eu paralisei e aí depois entrou com a medicação oral e aí depois que veio o diagnóstico da síndrome de Guillain- Barré. E aí eles falam que isso pode ter sido... é... desse quadro que eu tive essa doença... ou porque ele falou que era um vírus ou o covid, mas eu não tive covid nos exames... e... eles falam... o... câncer também... mas aí... o câncer... nessa época eu fiquei mais maluca né... porque o pai tinha acabado de morrer de câncer... mas aí não diagnosticou câncer... eu fiz todos os exames de imagem... tudo que podia né... lugar nenhum tinha... e aí eu venho até hoje tomando a medicação... e tentando me fortalecer porque eu fiquei bem mais fragilizada emocionalmente depois dessa crise porque o neurologista fala pra mim: olha quem tem essa doença tá acamada, a senhora agradece a Deus que a senhora tá andando né... e... toma... entrou... né... com... depois da imunoglobulina humana ele entrou com a... o oral foi o... eu tomava... eu tava tomando imunossupressor e o azitioprina... que é o oral... e aí veio crise emocional... choro... e até hoje dependendo do impacto eu faço isso aqui: eu murcho... eu tento me reerguer com a atividade física, por causa das dores... aí eu sofro ainda... então todas as vezes que vem alguma coisa... agora eu tô vivenciando... a poucos meses atrás eu tive um tio, irmão da minha mãe que faleceu e agora eu tenho um outro que está na UTI também que está assim e mais de ontem pra cá eu... depois que eu falei com a minha prima que ela falou: olha, se ele... é... é... voltar casa ele vai ficar em cima da cama, sem falar e sem mexer... me abalou tanto porque eu vivenciei isso... né... e aí... teve um médico que falou pra mim que pode ser genético... é, porque tem haver com a família da minha mãe... eu perdi uma tia aos 50 e poucos anos com um... na cadeira de roda... perdeu todas as forças... porque a... essa... minha... síndrome, ela iniciou nos membros inferiores primeiro... então eu começava caindo... eu fui perdendo força nas pernas... nos braços por último... a minha tia faleceu e perdeu só os membros inferiores... eu perdi primeiro os inferiores e depois os superiores... e esse meu tio agora teve uma pneumonia... eles interno e ele teve uma... esquece o nome agora... é... uma... uma trombose na perna e agravou o problema neurológico que ele já tinha... e aí ele ficou assim agora... ele tá dessa forma lá... e é tudo do lado da minha mãe esses casos, da tia, do tio, o outro que faleceu teve câncer também... então assim... teve um médico que falou pra mim que pode ser... é... hereditário... e aí eu não sei... porque... o outro neurologista falou assim: pode ser que a senhora nunca saiba a causa porque quando eu cheguei pra fazer fisioterapia... primeira pergunta que o fisioterapeuta me fez foi: e ele falou pra senhora o que causou essa polineuroradiculopatia? E eu falei: não, ele falou que pode ser que eu nunca vou saber o que causou... a origem... e aí né, pode ser que tenha relação com a doença... com outras doenças... com a genética... mas no caso de outras... aí quando eu fiz o exame do líquido e fiz aquele que acusou e aí depois internou... e quando eu saí ela foi e me pediu aquele painel de glibozídil... e... é... eu esqueci o nome dos outros... de duas coisas lá que ele pediu também... e aí acusou positivo né... é... igm, igl... parece que é uma coisa assim... e aí ele acusou positivo e foi aí que ele me explicou que pode ser que não tem cura... que evolui

ou que eu consigo paralisar ela sempre com o tratamento, com a medicação... com as atividades físicas... com o psiquiatra... com a psicóloga que me acompanha até hoje já tem anos... porque cada impacto eu vou lá no chão... cada impacto... parece que eu perco... eu amoleço todinha... eu perco toda a minha força... toda a minha vontade de... assim... eu sei que a atividade física é o que vai me manter andando... é o medicamento... mas quando é meu pai faleceu... eu já fazia... eu fazia a atividade física porque o neurologista já envinha me dando essas informações: olha, a senhora precisa fazer atividade física... aí eu já fazia, cinco anos... depois... com o... o... quando ele adoeceu, eu tinha parado de frequentar a academia como eu frequentava todo dia e estava fazendo só dias alternados as vezes que eu ficava com ele no hospital e os dias que eu não estava eu ia correr... eu ia andar rápido... e... pra poder controlando aí... aí depois que ele morreu eu voltei fazer com uma personal que me acompanhava antes, mas eu já estava no processo... eu voltei ao trabalho... trabalhei só um mês e aí já começou... os pés já esfriando... os dedos das mãos e dos pés enrolavam assim... é geladinho, até hoje... fala do assunto... pé e mão é gelado... eles não abaixam a minha cai... e aí... é.. ela começou a me reanimando na atividade física, mas chegou em uma situação que eu não dei conta mais... em março eu falei pra ela: não tem como... eu não tenho força mais... eu não do conta nem de fazer mais... as dores estavam muito intensas... e aí passei a ir no hospital... eu passei a ir toda semana... toda semana... e os médicos não tinham diagnóstico... porque eu estava indo na emergência... porque foi na primeira semana de lockdown e eu não achava profissional atendendo... é... consultório... e na emergência fazia... o primeiro que me atendeu falou: é vascular... e aí me aplicou um complexo de vitamina B... e tramadol... e aí quando... e aí me deu alta no outro dia... e falou assim: melhorou? E eu falei assim: oh, a dor melhorou, mas a fadiga, o formigação, a friagem nos pés, não... porque essa friagem ia subindo do pé até as pernas... até hoje minha perna daqui pra baixo é gelada... e ela ia subindo... subindo... quando eles me internou ela ia subindo e paralisando... e aí eu só mexia o pescoço... a friagem... aí... conversava bem fraquinho... aí quando eu ficava internada uma fonoaudióloga me atendia, a fisioterapeuta, o neurologista e o clínico geral... e aí eles foram conseguindo me reanimar... mas com o tratamento de pulsão eu não reagi... continuei do mesmo jeito... só quando eu tomei a imunoglobulina humana e continuei com o tratamento foi que eu fui voltando... e aí continuei o tratamento com a psicóloga e com o fonoaudiólogo e com a fisioterapeuta... e aí foi me fortalecendo... e logo... esse sistema motor que tinha enfraquecido tudo né... aí foi voltando... hoje tô controlada... mas de vez em quando eu tenho ainda crise... é... abaixa né... um pouco a resistência... a imunidade abaixa... e... e... qualquer coisinha cai... vai lá em baixo... e eu não sei... eu tenho uns... é... tenho os profissionais... é... tenho o pessoal também no processo de fê que me acompanha que é vivenciando... que é falando sobre que eu vou me fortalecer... mas eu acho que eu converso... falo... e acho que isso tá... assim... ajuda um pouquinho mas não é o suficiente pra que... não sei... talvez... eu tenho um processo de pensar que... que eu vou ficar como eu era antes... e isso... o médico mesmo falou... ficou sequelas... não vai né... então... aí tem as limitações mesmo... e... mas o cérebro quisesse... e eu falo que esse querer dele de ficar como era antes... que me impulsiona a fazer as atividades físicas ainda... ele que me da força...

### **E na escola? Você já teve algum espaço para falar sobre luto?**

A gente conversa sempre, eu conto... pras meninas... pra coordenadora... que me acompanha né... falo, mas sempre que eu vou falar algo que seja com ela... que seja com a psicóloga... ou aqui com você eu vejo que eu tô até forte... geralmente eu choro muito ainda... dependendo do dia... aí... ela vem né... e aí vai causando aquelas coisas, né... e aí quanto aquele exemplo que a colega deu, da mãe da colega... que ela contou que quando tava perto de morrer e teve aquele

sonho... nossa... gente... isso é tão real... é tão verdadeiro que eu lembrei... na minha infância... minha mãe morreu aos cinco e aí quando eu tinha... acho que uns oito ou nove... berando dez, talvez... eu tava morando com meu pai... que ele tinha casado de novo e eu sentia muita falta dela né... é... aí eu falava: eu tinha tanta vontade de ver minha mãe... eu tinha tanta vontade de estar com minha mãe... e um dia eu sonhei com ela dentro de um jardim, cheio de flores amarelas... e que eu corria naquele lugar para encontrar com ela... só que quando eu chegava perto dela, ela sumia... e eu acordava com aquele sentimento de não pôde abraçar minha mãe... e eu queria... eu corri pra abraçar... mas, não foi possível... ela sumiu... aí quando ela contou isso aí eu lembrei dessa minha cena, na minha infância... e a minha irmã teve um sonho quando meu pai morreu... um sonho da mesma forma, só que ela teve assim... que... ela acordou... ela disse que dormiu um pouquinho... cochilou e ele tava ruim ainda na outra cama... e ela dormindo no chão do lado dele, quando ela acordou de manhã... ela falou assim... porque ela cochilou um pouquinho porque a outra ficou do lado dele... ela falou assim: hoje eu sonhei que minha casa tava tão vazia... e eu levantei e falei assim: nossa porque que a minha casa tá tão vazia assim? Aí ela disse que já fez essa ligação de que ia acontecer alguma coisa e quando foi meio dia meu pai faleceu. E tava com ela meu sobrinho e minha outra irmã... e uma outra... uma amiga...da... minha irmã que tinha ido... sogra da minha irmã que tinha ido visitar ela... e só... que estavam com ela na hora que meu pai morreu... a hora que meu pai faleceu... então assim... eu acho que a gente tem um preparo sim de Deus... ele prepara a gente pra isso... mas a gente ainda sofre o impacto... quando eu recebi a notícia eu senti... antes de receber a notícia eu senti um cheiro muito forte de rosas... e procurei as rosas e não achei... e aí imediatamente meu sobrinho me liga falando que ele tinha morrido... ele morreu em casa só que eu não estava na casa, no local, na hora... eu estava em um curso... que estávamos fazendo... era um momento de espiritualidade... era um curso de... da... do bom pastor... que oferecia porque a gente trabalha com as crianças na catequese... e nesse momento eu senti um cheiro muito forte de rosas... e não tinha rosas na sala... então assim... a gente é fortalecido... a gente é preparado, é avisado... e aí eu consegui velar ele a noite toda... tudo bem... fui preparar todo o velório... e bem... e a minha irmã assim... chorava, tinha mais crises... mas eu estava forte... mas daí eu voltei ao trabalho... trabalhei no mês de fevereiro e março eu não dei conta mais... um mês... ficou guardado um mês... eu precisei ser forte... eu falo que tem uma relação com a morte da minha mãe porque eu era a mais velha dela, e nós erámos quatro... morreu uma junto com ela e ficou... que era mais novinha... ficamos... é... três... e nesse momento que meu pai morreu eu achava que eu tinha que ser forte pras outras também... aí eu penso que tem uma relação aí com isso que ficou guardado esse tempo todo... porque eu fui, mas quando foi em março eu... eu... desmontei... e foram quatro anos e até hoje... eu ainda... a infância né... será que não foi esses anos todos trambalhado né? A gente pensa que foi né porque cresceu, acostumou com a ideia de que é... cresceu sem mãe... tanto que na época eu fala que achava que ia morrer junto com ela e a gente... no entanto eu estou nessa idade e não morri... mas, só que algo morreu sim... tanto que depois aí quando eu adoeci no processo depois... eu ficava pensando assim: eu tenho dois filhos, eu tenho meu marido... mas meu pai mesmo não dando conta de fazer nada... era a única pessoa que eu tinha aqui na terra por mim... eu pensava dessa forma... e agora eu não tenho mais ele... e aí parece que isso ia piorando a situação né...que eu pensava assim... geralmente uma pessoa... uma criança tem a mãe e o pai por ela... eu acho que isso também deve ser muito conversado... sabe? Porque nós temos muitos casos de crianças que perde né... e... e... de pensar que é eles... que é por eles... mas aí depois eu... depois de mais madura... teve um médico que uma vez falou pra mim... um psicólogo falou: olha você não é mais a criança... mas essa criança ainda está aqui... que perdeu a mãe lá com cinco anos... e isso tem que ser

fortalecido e eu acho que assim... bem trabalhado né... nessa época que uma criança perde um pai ou uma mãe... porque eu trouxe isso pra vida toda... porque quando ele faleceu eu pensei assim: eu já não tenho a mãe e a agora não tenho um pai mais eu tenho quem por mim? E eu estava paralisada... mas foi aí que os meninos me pegou nos braços, carregou... os filhos né... levava pro médico, fazia exame... e eu já não andava mais... então... tanto quando eu comecei a piorar assim quase achando que eu não voltava mais eu falei com eles, falei: olha, é assim... é preciso né... eu falar alguma coisa pra vocês porque acontece o que acontecer eu amo muito e que eu fiz tudo que eu podia pra poder ajuda-los... né... é... não sei... talvez eu acho que eu não volte... porque já tinha dez dias que eu estava internada tomando a medicação... não reagiu... aí quando eles me mandou pra casa... porque como eu não reagi e não tava conseguindo a imunoglobina humana pronto... e agora... vou morrer em casa igual meu pai foi pra casa... aí depois eles conseguiu, né... e em junho eu tomei a primeira dosagem e fiquei internada todo mês tomando... e fazendo as fisioterapias fui voltando... eu não dormia nada... nada... nada... eu fiquei dez dias no hospital... e dez dias sem dormir... sem mexes.. e assim... uma enfermaria muito cheia... e mesmo pelo plano, lá no hospital Santa Maria... uma enfermaria muito cheia... e aí meu filho pagava uma cuidadora pra mim... uma de dia e outra á noite porque eu não fazia... tava com sonda pra xixi e pra cocô tava na fralda... e não puxava nada... não virava e tanta dor de cima em baixo, você não tem noção da dor que é uma dor da síndrome de Guillain- Barré ... dói o corpo todo... isso aqui... quando eu comecei a recuperar... que eu voltei... que aí eu precisava de fazer o tratamento com o especialista em epm porque isso daqui era tudo flácido... eu nem conseguia... eu nem encaixava... porque do mesmo jeito que meus nervos faz isso aqui com os meus dedos eu faço com os dentes... é porque... eles fala o seguinte: é nervo... nervo é todo o nosso corpo... até os olhos arde... isso aqui oh fica com tenso... tão tenso... que relaxa tudo que eu perco as forças... desgasta as cartilagens... do quadril... das mandíbula... dos pés... os pés por exemplo eles... a primeira coisa foi eles caí... eu não fazia isso aqui com eles... hoje eu faço, mas eles são dormentes... eles nos dedos dos pés eles não voltou... eles não esticam assim... só com muita massagem... só com muita dessensibilização que ele volta... a minha carne é toda dolorida... quando eu tomo injeção... quando eu tomava a imunoglobina humana... quando eu sai do hospital isso aqui era dessa altura porque rebentava a veia... aí vaza o soro... e aí vazava o soro... então acaba que fica toda dolorida... então eu sinto isso bem intenso ainda... e... a... essa questão dos dedos das mãos quando eu vou espremer alguma coisa... não tem muita força... eu tenho dificuldade... mas é os exercícios né... a fisioterapia o que me levantou exercitando... sabe? Aí as vezes quando eu vou fazer uma laranja... um suco de laranja... eu fico torcendo ele assim... espremer um limão... com os dedos, que exige força nos dedos... e dói muito... e aí eu procuro fazer isso mais porque... pra tentar fazer fortalece... e assim de vez em quando eu levanto, ando na grama, ando na areia descalço pra poder dessensibilizar... e foi isso que os profissionais que me acompanhou foi me orientando... e aí eu não faço mais a... aí eu fico revezando entre os tipos de exercício físico... eu tava no pilates e daí eu passei um tempo o neurologista passou pra hidro e eu fiquei quase um ano na hidro e agora eu tô fazendo pilates novamente... eu falo que ele funciona como um comprimidozinho... aquele dia que eu faço dói, mas no outro dia eu tô bem... aí já.. quando fica um dia sem fazer, no outro já esta desmontando... aí eu faço os alongamentos em casa nos dias alternados que eu não vou... porque eu estava pagando né... e o pilates, ele é caro... a hidro também... aí... eu falei: não da pra pagar tudo porque não tem né... uma situação financeira... meu salário não é muita coisa... aí eu envén alternando né... tem as outras despesas também né... medicamento... tem que ta tomando sempre vitaminas: D, B, B12... aí eu fico sempre assim... um dia eu cheguei e tava passando muito mal e uma colega virou pra mim e falou assim: o que que eu tinha né... porque eu tinha feito uma

caminhadinha e eu canso com uma facilidade... hoje eu faço uma caminhada de trinta minutos, da minha casa aqui... aí não do conta de fazer todos os dias da semana, mas as vezes dois dias seguidos eu faço... mas, aí no começo quando eu comecei a fazer essas caminhadas eu chegava cansada e tudo né... e aí uma colega chegou e falou assim: o que que você tem? Ai eu falei assim: não é porque eu me canso mesmo com muita facilidade e aí eu comecei a suar frio e amolecer e aí ela pegou e falou assim: que que você tem e eu falei assim: ah, eu tô me recuperando de uma síndrome de Guillain- Barré... aí ela pegou e falou assim: mas deixou... afetou a cabeça? Aí eu falei: parece (risos)... e porque de vez em quando eu me desmonto desse jeito... eu tenho uma facilidade de esquecer muita coisa... na época eu não... conseguia... eu não movimentava a mão... eu não colocava comida na boca, eu não... eu não escrevia nada... e só erra risco... assim... quando eu pegava a caneta...

### **Vocês têm algum momento em que vocês se reúnem para falar sobre tudo isso?**

Não... que seja trabalhado... é porque eu penso que pra fazer isso tem que ser um trabalho tipo um encontro... ou algo que suscita isso né... mas, assim a gente conversa, eu conto... essa coisa da experiência como eu contei pra você... da minha experiência com isso né... teve funcionário que faleceu e eu estava na licença... foi na minha época que eu estava afastada... eu acompanhei... é... funcionário... não... nunca acompanhei nem um funcionário não... é... então assim minha experiência com a morte que eu já acompanhei mais foi familiar... familiar... amigos né... vindo pra escola eu presenciei um acidente e isso me abala muito porque minha mãe faleceu de acidente, então eu tenho um pânico de acidente... depois disso me desencadeou essa dificuldade de andar... de... de... de andar de carro... de ter medo... do trânsito... muito grande... aumentou muito mais... ah, minha irmã também passou por um luto... a filha dela morreu... essa irmã que ajudou a cuidar do meu pai... que eu falei pra você que ela não aceitava que meu pai morresse... quando a filha dela morreu eu ajudei de todas as formas que eu podia... e queria ser forte também pra ela, mas eu vi ela trespassada... e eu ainda falava sempre que era uma dor muito grande... porque é uma coisa muito ligada na gente... e eu ainda por cima falava pra ela: gente, pai e mãe é difícil, mas o filho parece que é aquela parte da gente, que a gente espera que vai depois da gente... porque é o natural da vida... e nossa... quando o dela faleceu eu achei isso muito dolorido... o da minha irmã também... impactante... impacta muito... a... a... o filho...

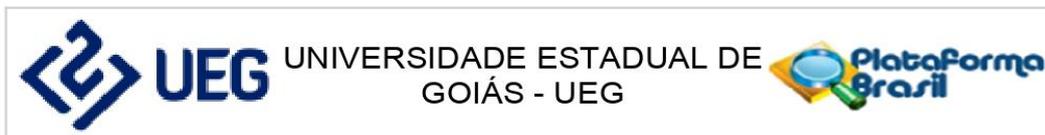
### **Você acha que o luto impacta na vida das pessoas?**

É, eu coloquei pra você a experiência... da falta do assunto desse processo da gente... mas eu penso que mesmo essa conversa sobre morte, sobre o luto eu não sei se ela prepara não... porque eu já tinha vivenciado isso tudo e senti baqueada... porque quando é muito próximo... é... rompe um laço e aí... oh... por mais que você sente que você tá preparado você não está... eu me lembro que eu passava na psicóloga lá do Araujo Jorge com meu pai quando ele completou 85 anos foi em outubro e ele morreu em janeiro do ano seguinte... e ela vendo que ele piorando muito e eu já assim... conversando com ela... e ela falava... ela falava assim: você acha que é pouco? E eu falava: não, não acho... ela falava assim... eu falava assim: aqui tá ficando tudo muito limitado e ela falava: até nós somos limitados... nós não temos muita coisa pra fazer mais... aí eu falo que entra nessa questão do emocional né... não tem muita coisa pra fazer... e se for pra

sobreviver... vai sobreviver mesmo com a dor, mesmo com o luto e com tudo isso dentro da gente... mas assim, falar assim que vai ser recuperado... eu acho que mais nunca... vai vivenciar... vai viver com isso sempre... não tem muita coisa mais pra fazer... é como se fosse um rio que a água já passou e não vai voltar mais...

## ANEXOS

## ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO PELO CEP



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** QUANDO A MORTE ALCANÇA A ESCOLA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES SOBRE O LUTO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE GOIÂNIA-GO

**Pesquisador:** THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 75949723.9.0000.8113

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual de Goiás

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.645.791

**Apresentação do Projeto:**

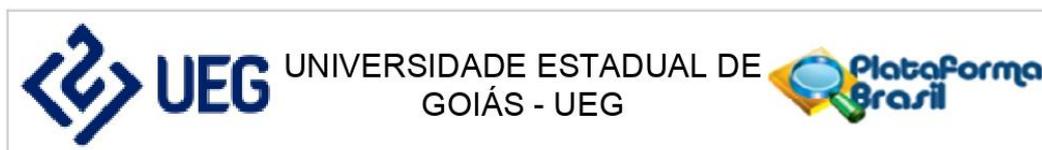
Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas dos arquivos Informações Básicas da Pesquisa QUANDO A MORTE ALCANÇA A ESCOLA: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES SOBRE O LUTO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE GOIÂNIA-GO. (PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2241934) de 16/12/2023 e projeto detalhado Projeto\_de\_Pesquisa\_Thalita\_ULTIMA\_ATUALIZACAO de 16/12/2023 .

**Resumo:**

O objetivo da presente pesquisa é descortinar as vivências e experiências de docentes atuantes na escola municipal João Alves de Queiroz da cidade de Goiânia sobre o luto, buscando apreender suas percepções e construções sobre a dada temática. A presente pesquisa aproxima-se do método fenomenológico, uma vez que a mesma busca apreender as vivências e experiências subjetivas dos docentes em suas singularidades e significações. A abordagem é qualitativa, com objetivo exploratório, tratando-se de uma pesquisa de campo onde o procedimento adotado será

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.645.791

o de entrevista narrativa, portanto os participantes serão convidados a narrar suas vivências e experiências sobre o luto. Os dados apreendidos serão analisados e apresentados na conclusão da pesquisa. Sendo a morte um fenômeno existencial que permeia todos os espaços, portanto podendo permear o espaço escolar faz-se necessário abrir espaço para que a temática seja vista investigada e elaborada. Tal estudo se faz necessário também por possuir a finalidade de colaborar com o campo acadêmico, com os atuais e futuros estudos sobre a temática em questão.

#### Introdução:

Convidar a dialogar sobre aspectos que marcam as finitudes humanas nem sempre resultará em aceite, pois demarcar um lugar ainda desconhecido, sem possibilidade de reversibilidade, é muitas vezes tatear no escuro e não saber o que este escuro reserva. Então pode-se pensar:

por que então falar sobre o assunto? E mais, porquê falar e pesquisar determinado tema em uma instituição de ensino, se não partimos da premissa de que o que é ensinado é somente o que é conhecido? Pois bem, essa pesquisa demarca o lugar do desconhecido que é diferente do não saber pois, o que será pesquisado são subjetividades, vivências e experiências e isso cada ser humano existencial carrega em si. Por não ser frequentemente abordada a temática do luto, os sujeitos que experienciam o luto, podem vivenciar a falta de permissividade pela sociedade e até por si mesmos de seus processos. Nas instituições escolas o movimento esperado não é o que reforce o falar sobre o desconhecido, sobre as dores, sobre as vivências, mas sim produzir espaços que visam a produtividade e a preparação para a mesma no mercado de produção. Franco (2021) ressalta que "em uma sociedade que valoriza as relações profissionais pela linha de produtividade e não do afeto, o luto no ambiente de trabalho enquadra-se na experiência de luto não reconhecido". (p. 142). Casellato (2015) afirma que: Quando uma perda não é reconhecida, experimenta -se o fracasso do ambiente social em oferecer a aceitação e o suporte necessários aos enlutados, que lhes garantiriam a segurança de se sentirem pertencentes e conectados. Conseqüentemente, a experiência de luto será incrementada por um sentimento de alienação e solidão (Casellato, 2015, p. 15). Sendo assim o que pode ocorrer com a não permissividade de falar sobre a temática, expressar-se sobre a temática e não encontrar local adequado para assim se fazer, pode acarretar em um luto complicado, com desdobramentos negativos. Diante deste cenário inúmeras questões emergem sobre o tema: quais os motivos de tal silenciamento? Como a escola pode ser uma instituição que possibilite o entendimento do luto como realidade humana?

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.645.791

Como o processo de ensino-aprendizagem pode ser afetado pelas realidades do luto? Dentre tantas outras questões que permeiam o tema. No entanto, esta pesquisa centra seus esforços em responder a seguinte questão: Que vivências e experiências os professores atuantes nas escolas constroem sobre o tema e como se percebem diante do desafio de trabalhar este tema na educação escolar? Frente a estes fenômenos, compreende-se a importância da realização da investigação juntamente com os docentes sobre o luto, uma vez que todo esse processo demarca um lugar social e cultural de construção de significados.

Desta maneira a pesquisa visa captar de maneira singular como os mesmos realizam suas concepções e construções frente ao processo de morte, pois, estas construções podem atravessar suas atuações. A pesquisa se destinará a ir de encontro com as essas vivências e experiências.

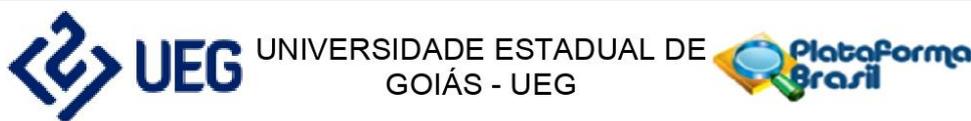
Hipótese:

Por ser o luto um processo que exige vários recursos de enfrentamento e integração é possível que os sujeitos que vivenciam este processo apresentem alguns desconfortos e resistências para adentrar na temática e dialogar sobre a mesma. Outro fator que pode resultar nestes processos de desconforto e resistências são os possíveis tabus sociais que permeiam o luto, tendo como consequência o não aprofundamento sobre o tema. Porém é necessário tonar possível que a dada temática venha à tona para ter a possibilidade de discutir, intervir e acolher.

Metodologia Proposta:

A presente pesquisa aproxima-se do método fenomenológico, uma vez que busca a essência das vivências. Husserl (2012, p. 22) “O método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento”. O fenômeno segundo Bicudo (2011): é o que se mostra no ato de intuição efetuado por um sujeito individualmente contextualizado, que olha em direção ao que se mostra de modo atento e que percebe isso que se mostra nas modalidades pelas quais se dá a ver no próprio solo em que se destaca como figura de um fundo (Bicudo, 2011, p. 30). A presente pesquisa é de abordagem qualitativa. Neves (1996) define a pesquisa qualitativa sendo: [...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



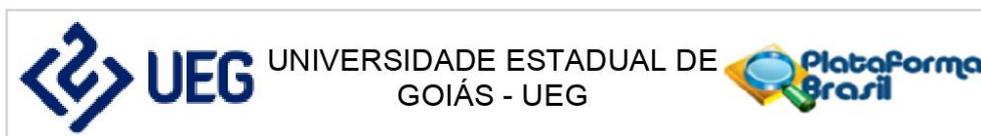
Continuação do Parecer: 6.645.791

sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (Maanen, 1979, p.520 apud Neves, 1996, p. 01). Quanto aos objetivos, a pesquisa é de ordem exploratória pois visa investigar os fenômenos e torna-los compreensíveis. Segundo Gil (2002) a pesquisa exploratória: têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (Gil, 2002, p.41). Sobre os procedimentos, a pesquisa é bibliográfica e empírica. A pesquisa bibliográfica consiste em atividade básica de todo percurso de pesquisa uma vez que é pelo levantamento das produções teóricas sobre o tema que as teorias são consolidadas e dão suporte para construção do tema que se vai pesquisar. Segundo Lakatos e Marconi (2005) a pesquisa bibliográfica possui oito fases: "a) escolha do tema; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação; d) localização; e) compilação; f) fichamento; g) análise e interpretação; h) redação" (p. 44). A parte empírica, consiste em evidenciar na realidade o tema. Demo (1941) argumenta que: "A pesquisa empírica é aquela voltada sobretudo para a face experimental e observável dos fenômenos. É aquela que manipula dados, fatos concretos. Procura traduzir os resultados em dimensões mensuráveis" (p. 25). O lócus para a realização da pesquisa será a Escola Municipal João Alves de Queiroz, localizada no município de Goiânia-Go. A escolha desta instituição de ensino é devido a escola ter vivenciado o processo de luto em decorrência ao falecimento de uma docente que atuava na mesma. A coleta de dados se dará através de entrevistas narrativas.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002) a entrevista narrativa: é considerada uma forma de entrevista nãoestruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas (Jovchelovitch e Bauer, 2002, p. 95). As entrevistas narrativas serão realizadas com 10 professores e uma coordenadora, totalizando 11 participantes, sendo que estes que serão selecionados para participar da pesquisa atendem ao critério de participação, que parte da necessidade de que os mesmos tivessem atuado e se vinculado com a docente que veio a óbito.

**Critério de Inclusão:**

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.645.791

Para participar da pesquisa o participante tem que ser: Professor(a) ativo na Escola Municipal João Alves de Queiroz; Professor(a) atuante no período matutino; Professor(a) que tinha algum vínculo com a professora que veio a óbito.

**Critério de Exclusão:**

Não participará da presente pesquisa professor(a) que não estiverem atuando na escola (por exemplo: professores sob licença, afastados por tempo indeterminado etc.); Professor(a) que atue somente no período vespertino (pois a professora que veio a óbito atuava somente no período matutino); Professor(a) que não conhecia a professora que veio a óbito e que não tinha nenhuma vinculação com a mesma.

Tamanho da Amostra no Brasil: 11

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Desvelar as vivências e experiências de docentes sobre o luto na realidade escola.

Objetivo Secundário:

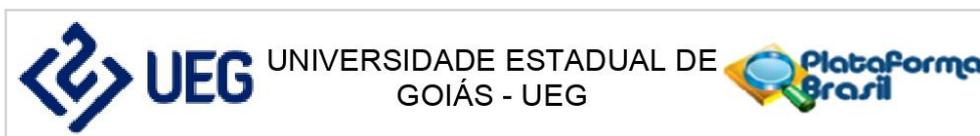
- Apreender as significações sobre o luto com a realidade humana;
- Compreender os desdobramentos e silenciamentos sobre o luto com a realidade humana;
- Descortinar como os docentes vivenciam as experiências de luto que demandam atuação na escola.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.645.791

Os riscos relacionados à participação neste estudo existem, a aproximação e a descrição das vivências e experiências sobre o tema morte e luto podem causar desconforto, com possibilidade de ativação de diversas emoções, sentimentos e até mesmo causar algum constrangimento. Para evitar e/ou reduzir os riscos, haverá as seguintes medidas: o participante não terá a obrigatoriedade de responder a todas as questões norteadoras presentes na entrevista e se houver o surgimento de qualquer sentimento de difícil manejo será realizada uma pausa e em seguida será perguntado para o participante se ele deseja continuar. A participação é voluntária, sem nenhum bônus ou ônus financeiro e há sempre a possibilidade de desistência a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ao participante. Também será dado ao participante a possibilidade e liberdade de utilização de algum pseudônimo para seus relatos se assim o preferir. Serão observados, cumpridos e garantidos todos os preceitos éticos e as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Outro risco presente é referente a exposição dos dados que serão produzidos através desta pesquisa. Visando minimizar este risco além de fornecer a possibilidade de utilização do pseudônimo ao participante, também será garantido aos mesmos que os dados coletados não auxiliem de nenhuma forma em suas identificações. A confidencialidade da identidade dos mesmos será totalmente assegurada. Contudo, toda e qualquer etapa da presente pesquisa somente será efetuada após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisas.

#### Benefícios:

Apesar dos riscos, os benefícios desta pesquisa os superam. O participante poderá contribuir com a produção do conhecimento científico, com a possibilidade da criação de documentos para estudos sobre a temática morte e luto na escola, além de estimular pesquisas na área da educação visando a ampliação das discussões com este viés. Aos participantes também será possibilitado a oportunidade de fala, de dialogar em um lugar protegido e seguro sobre esta temática que é tão presente no cotidiano e que atravessa a todos os seres humanos.

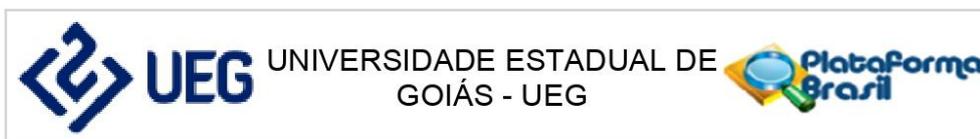
#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Verificar item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

"Vide campo 'Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações'

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.645.791

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Prezado/a pesquisador/a,

Os elementos postos a seguir, como Lista de inadequações e pendências emitidas no parecer CEP nº 6.585.414, visam garantir as exigências legais e deverão ser respondidas no prazo máximo de 30 dias a partir da data de envio do parecer consubstanciado pelo CEP. Após esse prazo, o protocolo será ARQUIVADO.

1- Quanto ao Projeto Detalhado e às Informações Básicas da Pesquisa – referente aos arquivos Informações Básicas da Pesquisa ("PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2241934.pdf", de 20/11/2023) e projeto detalhado ("Projeto\_de\_Pesquisa\_Thalita.pdf", de 08/11/2023):

**RECOMENDAÇÕES:**

Na introdução do texto corrigir a seguinte oração "A pesquisa se destinará a ir de encontro com as essas vivências e experiências." (página 7, linha 6). Observar o uso das expressões "ir de encontro" e "ir ao encontro", apesar de parecidas têm sentidos semânticos opostos. Ir de encontro são ideias que se chocam, que são contrárias. Já ir ao encontro de, significa estar de acordo, favorável a.

**RESPOSTA DA PESQUISADORA:**

"...A pesquisa se destinará em desvelar as vivências e experiências destes professores sobre o luto."

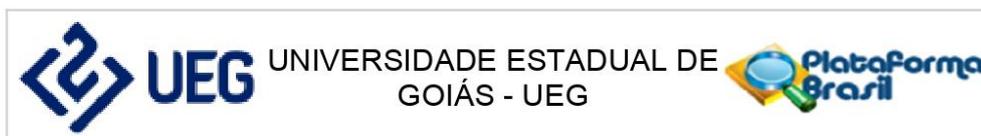
**ANÁLISE DO PARECERISTA:** Pendência atendida

2- Proceder as alterações de forma célere, para manutenção do cronograma proposto.

**RESPOSTA DA PESQUISADORA:**

Entrevista conforme o cronograma estão agendadas para o primeiro semestre de 2024.

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.645.791

ANÁLISE DO PARECERISTA: Pendência atendida.

3. Quanto ao TCLE:

Faltou o CEP (Código de Endereçamento Postal) da pesquisadora no TCLE. Solicita-se adequação.

RESPOSTA DA PESQUISADORA:

Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail: thalitafernandamoreira@gmail.com. Endereço: Rua Ipê Qd. 11 It. 18, Vila Florença, Santo Antônio de Goiás-GO, CEP: 75375-000 e inclusive, sob a forma deWhatsApp e ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes dos seguintes contatos telefônicos: (062) 981370547/ (062)993595235.

ANÁLISE DO PARECERISTA: Pendência atendida.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

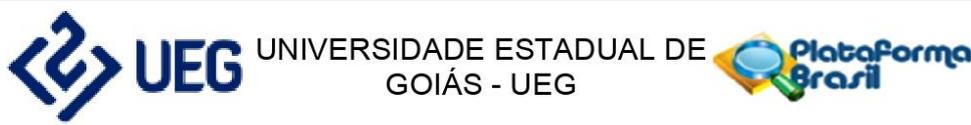
Prezado/a pesquisador/a,

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UEG considera o presente protocolo APROVADO. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado e lembramos que os relatórios de pesquisa devem ser enviados semestralmente, comunicando ao CEP a ocorrência de eventos adversos esperados ou não esperados, conforme disposto na Norma Operacional do CNS nº 001/2013 via modelo de relatório disponível no site do CEP/UEG. A submissão do mesmo deverá ocorrer no formato de NOTIFICAÇÃO via Plataforma Brasil. O prazo para a entrega do relatório final (modelo também disponível no site do CEP/UEG), via notificação na Plataforma Brasil, é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2241934.pdf	16/12/2023 16:56:50		Aceito

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.645.791

Outros	Informacoes_basicas_sobre_o_projeto.pdf	16/12/2023 16:48:18	THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Thalita_ULTIMA_ATUALIZACAO.pdf	16/12/2023 16:36:14	THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ATUALIZADO_ULTIMA_VERSAO.pdf	16/12/2023 16:35:11	THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_ATUALIZADA.pdf	17/11/2023 16:55:51	THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL	Aceito
Outros	Roteiro_de_entrevista.pdf	08/11/2023 16:33:15	THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL	Aceito
Outros	Anuencia_escola_Joao_Alves.pdf	08/11/2023 16:31:08	THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	08/11/2023 16:29:50	THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_Pesquisadores.pdf	08/11/2023 16:28:35	THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	08/11/2023 16:28:07	THALITA FERNANDA MOREIRA CARDOSO AMARAL	Aceito

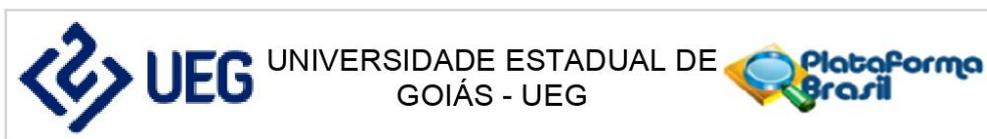
**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439 **E-mail:** cep@ueg.br



Continuação do Parecer: 6.645.791

ANAPOLIS, 09 de Fevereiro de 2024

---

**Assinado por:**  
**ISRAEL CANDIDO DA SILVA TRAVAGLIA**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** BR 153 Quadra Área, Km 99, Bloco III, Térreo  
**Bairro:** FAZENDA BARREIRO DO MEIO      **CEP:** 75.132-903  
**UF:** GO      **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3328-1439      **E-mail:** cep@ueg.br

## ANEXO B: Autorização da Secretaria de Educação de Goiânia-Go.



Secretaria Municipal de Educação  
Superintendência Pedagógica  
Diretoria Pedagógica

Ofício n.º 083/2024 – DIRPED

Goiânia, 9 de abril de 2024.

Ao Sr.  
Prof. Dr. Raimundo Márcio Mota de Castro  
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias  
Universidade Estadual de Goiás  
e-mail:thalitafeernandamoreira@gmail.com

**Assunto:** Autorização para realização de Pesquisa

Prezado Senhor,

Informamos a Vossa Senhoria que foi autorizado o acesso da mestrandia Thalita Fernanda Moreira Cardoso Amaral, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias, dessa Universidade, na EM João Alves de Queiroz, para desenvolver o projeto de pesquisa intitulado *Quando a Morte Alcança a Escola: Vivências e Experiências de Docentes sobre o Luto em uma Escola Municipal*, sob a sua orientação.

Esclarecemos que, mesmo com a autorização dada por esta Secretaria, é necessário o consentimento de profissionais, estudantes, pais e/ou responsáveis, para a obtenção dos dados, desde que o currículo não seja modificado e que as atividades da Unidade Educacional não sejam prejudicadas.

Informamos que esta Diretoria entrou em contato com a Unidade Educacional, informando sobre a referida pesquisa. Porém, recomendamos que a realização do trabalho seja precedida de contato telefônico e/ou visita ao local, para agendamento.

Atenciosamente,

  
Prof. Maria Rita de Paula Ribeiro  
Gerente de Educação Fundamental da Infância  
e da Adolescência

  
Prof. Richard de Souza Costa  
Diretor Pedagógico

## ANEXO C: Termo de ética dos pesquisadores

### TERMO DE COMPROMISSO DOS PESQUISADORES

A pesquisa intitulada “Quando a morte alcança a escola: vivências e experiências de docentes sobre o luto em uma escola municipal de Goiânia” atende todos os requisitos éticos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde n.º 466/12 e n.º 510/16, bem como suas complementares.

Como pesquisadora responsável e/ou pesquisador participante da referida pesquisa nos comprometemos a utilizar os materiais e os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo da pesquisa acima referido e, ainda, a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não.

Como pesquisador(a) responsável, assumo as seguintes responsabilidades:

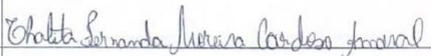
Pela condução científica do projeto, considerando a relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração de todos os interesses envolvidos;

Pela informação imediata (máximo de 24h) da ocorrência e eventos adversos aos participantes de pesquisa ao sistema CEP/CONEP por meio de Notificação via Plataforma Brasil;

Pelo solicitação de aprovação pelos sistema CEP/CONEP das alterações metodológicas que se fizerem necessárias ao longo do desenvolvimento da pesquisa (como alteração do número da amostra, mudança de instituição coparticipante, etc..) durante a realização do estudo por meio de Emenda ao protocolo de pesquisa via Plataforma Brasil.

Pelo envio de relatórios parciais e finais da pesquisa por meio de Notificação via Plataforma Brasil.

Goiânia - GO, 06 de novembro de 2023.

Nome dos Pesquisadores	Assinatura Manuscrita ou Digital
1. Thalita Fernanda Moreira Cardoso Amaral	
2. Raimundo Márcio Mota de Castro	